

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional

Maria Clara Schilling Sardi

NARRATIVAS DE UMA PRESENÇA:

As territorializações da re-existência dos catadores de resíduos
no Quarto Distrito, em Porto Alegre

Porto Alegre, 2023

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional

NARRATIVAS DE UMA PRESENÇA:

As territorializações da re-existência dos catadores de resíduos
no Quarto Distrito, em Porto Alegre

Maria Clara Schilling Sardi

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS),
na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política,
como requisito parcial à obtenção do título de mestre
em Planejamento Urbano e Regional.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. **Daniele Caron**

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. **Daniela Mendes Cidade**

Banca Examinadora:

Prof.^ª Dr.^ª **Ana Cabral** Rodrigues (Avaliadora Externa – PPG em Psicologia/UFF)

Prof. Dr. **Eber Pires Marzulo** (Avaliador interno - PROPUR/UFRGS)

Prof. Dr. **Paulo Edison Belo Reyes** (Avaliador interno - PROPUR/UFRGS)

Porto Alegre, 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Sardi, Maria Clara Schilling

Narrativas de uma presença: as territorializações da re-existência dos catadores de resíduos no Quarto Distrito, em Porto Alegre / Maria Clara Schilling Sardi. -- 2023.

135 f.

Orientadora: Daniele Caron.

Coorientadora: Daniela Mendes Cidade.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. catadores. 2. cidade-mercadoria. 3. narrativas. 4. resíduos urbanos. 5. direito à cidade . I. Caron, Daniele, orient. II. Cidade, Daniela Mendes, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Nestes 28 meses de pesquisa vivenciei a grandeza que é uma caminhada em conjunto. Agradeço demais a cada pessoa que esteve perto de mim e ajudou de alguma forma para que eu esteja escrevendo este texto agora.

Aos caras que eu amo muito: Leandro, pela presença, pela escuta, por me incentivar a seguir nas minhas decisões e pela (super) força em todos os momentos. Ao Guto e Chico, pedacinhos de mim (de nós!), que me inspiram cada dia a fazer coisas melhores.

Aos meus pais, que enquanto estavam por aqui, sempre me apoiaram. Aos meus irmãos, meus amores - Paula, pelos momentos de colo e vinho geladinho – por me ajudar a acreditar em mim. Celso, por ser uma referência de afeto para nós. Dedé, por estar sempre presente e me ensinar sobre miudezas nas quais não prestava atenção.

Ao Daniel Pitta Fischmann - colega, amigo, cunhado e dindo do Guto – pela solicitude em me ouvir, ler meus textos e me ajudar quando pedi.

À Teniza, ao Amado e à Tatá, que formaram uma presença de cuidado e afeto com as crianças quando eu não podia estar junto.

À dupla de Dani's – Daniele Caron e Daniela Cidade – pela orientação cuidadosa, pelas cobranças necessárias e pelo incentivo para que eu chegasse aqui. Por me conduzirem pela mão em muitos momentos e me deixarem seguir só em outros. Obrigada por todo o processo.

Aos colegas de orientação – Gian - que me ajudou no dia 31 de dezembro de 2020 (!) com o projeto de pesquisa com o qual ingressei no mestrado em 2021, Bárbara - pela prontidão constante em ajudar esta colega que dividiu a mesa de prova contigo, Doug - pelas terapias regadas com afeto. Aos amigos do Margem_Lab, pelas parcerias nos últimos dois anos.

Ao grupo Terapia Mestranda – Greice, Jessica e Luiza, pela partilha de ansiedades, risadas, dúvidas de formatação e bibliografia. Foi fundamental ter vocês tangenciando esta minha caminhada.

À Maristoni Moura e ao Antônio Carboneiro, pela generosidade em todo o meu processo de pesquisa. Aos catadores / narradores que participaram da pesquisa, meu profundo agradecimento.

Ao Cristiano Sant'anna, pelas conversas e referências de trabalho. Pela companhia na minha primeira ida à Vila dos Papeleiros e pelo café que a antecedeu.

À professora Ana Cabral Rodrigues – pelo tanto que dá ao transmitir conhecimento. Ao professor Eber Marzulo – por despertar novos olhares meus sobre o planejamento urbano, juntamente com o saudoso professor Lineu Castello, ainda na disciplina de Percepção Ambiental. Ao Professor Paulo Reyes, pela generosidade nos ensinamentos. Agradeço também imensamente por aceitarem participar da avaliação deste trabalho.

Às professoras Wrana Pannizi, Livia Piccinini e Heleniza Ávila – por me instigarem a continuar estudando sempre.

À Juju - por estar perto, por fazer presença. À Marina Nunes, pela escuta, pela naturalização do fazer pesquisa e por me ajudar a simplificar a vida.

À Fernanda Escobar, com quem dividi a sala de trabalho no último ano – pelos minutos de conversa entre a análise de um e outro projeto – foi uma força enorme!

À oportunidade de cursar o Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A todas as pessoas que acreditam na educação pública e lutam para a sua qualidade.

A todas as pessoas que diariamente lutam por uma cidade que seja para todos.

OBRIGADA.

RESUMO

O modo como a sociedade trilha a produção da própria existência nos levou à crise planetária atual. Relacionada a demais aspectos da crise - mudança climática, perda de biodiversidade e poluição, a questão dos resíduos sólidos urbanos ainda enfrenta a negligência do Estado e o descaso da sociedade. Nas cidades, os restos de uma população saciada são recolhidos continuamente por catadoras e catadores de material reciclável, que retêm esses cacos e os ressignificam como modo de sobrevivência. Em Porto Alegre, há uma presença significativa de pessoas envolvidas com a catação no Quarto Distrito, antiga zona industrial da cidade, área que passa hoje por um processo de transformação urbana liderado pelo mercado imobiliário e convocado por um discurso que se apropria de conceitos como espaço público, participação e sustentabilidade, e provoca a remoção física e simbólica de comunidades. Os processos de territorialização dos catadores de resíduos, no entanto, permanecem acontecendo pela re-existência cotidiana desse grupo social, que vive à margem daquilo que a cidade tenciona ostentar. Re-existir, assim, é lutar não somente pelo acesso à infraestrutura, equipamentos urbanos e habitação, mas pela participação nos processos de construção da vida urbana. É exercer o direito à cidade. Isso posto, esta pesquisa intenta discorrer, a partir da escuta das narrativas de catadores do Quarto Distrito e das suas corpografias, que são as relações dos seus corpos com a cidade, sobre como eles tensionam o planejamento urbano neoliberal que produz a cidade-mercadoria. Para tanto, o trabalho propõe a cartografia de processos de territorialização de catadores por meio de dispositivos de conversa, de forma a oportunizar um encontro entre corpos catador-pesquisador e a coprodução de narrativas. Organizadas em verbos, de forma a aludir ao movimento por meio do qual construímos o mundo ao nosso redor, são apresentadas reflexões sobre a experiência do corpo-catador. Tais reflexões exploram o conceito de linha para falar dos trajetos por ele traçados e das relações sociais por ele estabelecidas. Reconhece-se que tais linhas de movimento e experiência coletiva compõem uma trama não planejada na cidade-mercadoria - é uma camada outra nas relações da cidade, feita de linhas delgadas e frágeis, mas que estruturam em conjunto uma trama forte, ainda que invisibilizada. A compreensão dessa trama pode apoiar, em dado momento, a construção de políticas urbanas que reconheçam o saber popular e o direito à cidade desses atores sociais.

Palavras-chave: catadores; cidade-mercadoria; corpografia; direito à cidade; narrativas; processos de territorialização; resíduos urbanos

ABSTRACT

The way society produces its own existence has led us to the current planetary crisis. Related to other aspects of this crisis - climate change, loss of biodiversity and pollution, the issue of urban solid waste still faces negligence from the State and indifference from society. In cities, the remains of a satiated population are continuously collected by recyclable material pickers, who retain these fragments and give them new meaning as a means of survival. and the people who make a living by waste picking. In Porto Alegre, there is substantial presence of waste pickers in the area known as "Fourth District", a former industrial zone which is currently undergoing a process of urban transformation led by the real estate market and called for by a discourse that appropriates concepts such as public space, participation and sustainability, and causes the physical and symbolic removal of communities. The waste pickers' territorialization processes, however, continue to occur due to the everyday re-existence of this social group, which lives on the margins of what the city aims to showcase. Re-existing, therefore, means fighting not only for access to infrastructure, urban equipment and housing, but also for participation in the processes of constructing urban life. It is exercising the right to the city. That said, this research intends to discuss, based on the reports of waste pickers from the Fourth District and their corpographies, which are the relationships between their bodies and the city, about how they challenge the neoliberal urban planning that produces the city-merchandise. To this end, the work proposes the mapping of waste pickers' territorialization processes through conversational devices, in order to facilitate an approach between waste picker-researcher bodies and co-produce narratives. Organized as verbs to allude to the movement through which we build the world around us, reflections on the experience of the scavenger-body are presented. These reflections explore the concept of line to talk about the paths it traces and the social relationships it establishes. It is understood that such lines of movement and collective experience make up an unplanned fabric in the city-merchandise - it is another layer in the city's relations, made of thin and fragile lines, but which together structure a strong fabric, even if invisible. Understanding this fabric can, at some point, support the construction of urban policies that recognize popular knowledge and the right to the city of these social actors.

Keywords: waste pickers; city-merchandise; corpography; right to the city; narratives; territorialization processes; urban waste

SUMÁRIO

Lista de Figuras, 2

Prólogo, 3

Introdução, 5

1 TECENDO PANOS DE FUNDO, 26

1.1 'Uma verdade inconveniente' – *crise ambiental planetária*, 26

1.2 'À margem do concreto' – *cenário de disputa*, 31

1.3 'Dromedário do asfalto' – *corpos errantes*, 41

1.4 'Meu corpo é político' – *corpos que carregam, puxam, arrastam*, 44

2 APREENDENDO A EXPERIÊNCIA, 56

2.1 Aproximações, 62

2.2 Alianças, 65

2.3 Fragmentos, 71

3 NARRANDO A CIDADE, 74

3.1 Táticas nas Linhas de produção da cidade, 79

3.2 Sobre narrar a cidade (a partir do encontro), 80

Enfrentar, 81

Cuidar, 90

Confiar, 95

Ensinar, 99

Historiar, 107

4 O QUE RESTA, 112

Considerações finais, 121

Referências bibliográficas, 123

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha do tempo, 13

Figura 2 - Localização do Quarto Distrito e das Unidades de Triagem na cidade de Porto Alegre, 15

Figura 3 - Reportagem do G1, de 09/06/2022, 16

Figura 4 - Localização da área de estudo dentro do Quarto Distrito + respectiva ampliação com locais envolvidos com a cadeia de resíduos que lá estão, 18

Figura 5 - Interpelação: o vaga-lume pausa junto ao mundo inundado de luz, 25

Figura 6 - Ilustração: Angelus Novus, Paul Klee, 1920, 28

Figura 7 - Cidade-mercadoria: imagem/discurso versus realidade, 38

Figura 8 - A arena discursiva do Quarto Distrito, 40

Figura 9 - Carrinho adaptado para “ganhar corpo” e bastão para escorar tampa do contêiner, 49

Figura 10 - Extensões do corpo-catador: saco, carrinho, *bag*, 49

Figura 11 - O carnaval de rua e seus restos, 55

Figura 12 - Fachada da Ksa Rosa, local das primeiras aproximações com o território da pesquisa, 63

Figura 13 - Acesso ao Loteamento Santa Terezinha, ou Vila dos Papeleiros, 68

Figura 14 - 1º Evento - Percurso com Ksa Rosa para gestão de resíduos de carnaval de rua, 70

Figura 15 - Quarto Distrito contíguo ao Centro Histórico, 73

Figura 16 - Raiz (modelo arbóreo) versus rizoma (perspectiva de múltiplas raízes), 76

Figura 17 - Percurso com Gelca, 84

Figura 18 - Percurso com La Bamba, 85

Figura 19 - Percurso com Belomar, 87

Figura 20 - Vídeo como ferramenta para apelo sobre conscientização ambiental, 107

Figura 21 – Coleta em evento no Centro Histórico, 111

Figura 22 – Carrinho da ‘moça do carrinho’, 120

PRÓLOGO¹

Cida disse-me para ir mais devagar. Dei-me conta de que minha pressa cotidiana ao caminhar, guiada por uma ansiedade crônica de cumprir tarefas, atravessava, agora, o ritmo de quem me acompanhava. Ela era catadora de resíduos, amante da fotografia e das artes. Eu, arquiteta e urbanista, amante da cidade e das relações que a compõe, sobretudo do vínculo do ser humano com os resíduos que gera e como isso impacta na produção do espaço urbano. Saíamos de uma tarde cultural na Ksa Rosa, associação situada na região limítrofe do Quarto Distrito junto ao Centro Histórico de Porto Alegre, na Voluntários da Pátria - área esquecida no imaginário de uma cidade luminosa, lembrada por interesses do mercado imobiliário e mantida por gente invisibilizada que desenvolve diariamente diferentes modos de resolver a vida.

Mundos vários compartilhavam aquele espaço-tempo. Do momento cultural em um final da tarde de domingo dentro da Ksa, como carinhosamente chamávamos, nos aventuramos para a rua. Enquanto Cida e eu negociávamos o ritmo em que a caminhada se desenvolveria, passamos pela esquina da Rua Garibaldi. Chamou-nos atenção a ruptura da tranquilidade de final da tarde de domingo - ali, um carro da polícia militar ostentava o giroflex ligado enquanto o brigadiano revistava um homem contra a parede de um prédio. Não sabíamos o contexto da abordagem, tampouco nos caberia versar sobre tal conjuntura naquele momento. Mas o que ficou foi a potência daquela luz intermitente que girava sem parar *versus* a atonia do homem que estava sendo revistado e das pessoas locais que assistiam à cena. Seguimos, como se naturalizada aquela situação estivesse.

Avançamos pela Voluntários da Pátria em direção ao Centro Histórico. Ela ia em direção ao ônibus que a levaria a sua casa em Viamão. Eu ia sem direção alguma. Era guiada por Cida e suas histórias, derivando e devaneando numa conversa descompromissada, gentil, costurada pelo interesse pela catação de resíduos e como isso impacta na cidade. Falou da condição de ser catadora individual de resíduos. Que se sentia, através da luta por direitos que aprendera com os movimentos sociais, cada

¹ Adaptação de parte do artigo, de autoria da pesquisadora, publicado nos anais do XX Enanpur.

vez mais pertencente a este mundo, e que essa luta era fortalecida pelo fato de trabalhar nas ruas.

Seguimos compartilhando palavras. Era hora de Cida entrar no ônibus para Viamão. Se ela ficasse conversando, outro só dali a uma hora. Minha companheira julgou-se sortuda àquela noite, pois havia chegado na parada logo antes de o ônibus partir. Sorte ou uma felicidade fugaz? Peguei-me divagando sobre pequenas alegrias possíveis. Lembrei-me do filme *Asas do Desejo*, de Wim Wenders, e do desejo do anjo, ao se apaixonar por uma mortal, de experimentar as satisfações humanas de cada dia, que apesar das dores, também existem.

O saber técnico de uma encontrou o saber das ruas da outra. O primeiro, formado a partir da experiência acadêmica. O segundo, construído a partir da experiência de vida, gravado no corpo de quem se sustenta pela luta diária que se territorializa nas ruas, com táticas que interpelam um planejamento urbano neoliberal que produz a cidade-mercadoria. Ambos saberes inacabados, não excludentes, e, por essa incompletude, complementares.

INTRODUÇÃO

As linhas formadas pelas caminhadas na cidade e as histórias das pessoas desde cedo entrelaçaram-se na minha vida. Era o início da década de 80, quando, com seis ou sete anos, costumava ir ao bar da esquina fazer pequenas compras para a casa, e na condição de uma pequena *flâneuse*, demorava-me na rua... Eu nem imaginava quem haviam sido Benjamin e Baudelaire, tampouco sabia dessa expressão² cunhada exatamente para o que eu amava fazer no então bairro Centro, em Porto Alegre (hoje Centro Histórico), onde nasci e vivi até o final da faculdade. Entrava na papelaria ao lado do bar, onde adolescentes ansiosos negociavam peças de jogo de botão e trocavam figurinhas repetidas. E, metade corpo-rua, metade corpo-bar, cuidava as conversas descompromissadas entre o atendente e seus fregueses. Como uma figurante na cena, observava a cidade, as pessoas e criava histórias.

Na adolescência, continuei a andarilhar... e a curtir, e a aprender com meus passos e paradas por aquelas ruas. Já na Faculdade de Arquitetura, o hábito de flânar ganhou novos significados – percebi a condição do caminhar como ato cognitivo e força criativa, capaz de transformar o espaço em lugar (CARERI, 2013). Porque quem caminha, toma como seu o percurso, traz consciência para seu caminho. Não se trata, assim, de onde para onde. Mas **por** onde.

Pelos caminhos que tomei enquanto estudante da UFRGS, já do meio para o final da faculdade, deparei-me com o estudo do espaço urbano. Vi-me, então, bastante envolvida com disciplinas e discussões com professores que instigavam o entendimento da cidade e suas relações. O planejamento urbano despertou a responsabilidade que o estudo da cidade pode nos trazer - de que somos um todo interligado, fazemos parte deste emaranhado de processos e relações – o mundo é o nosso lar, e não estamos fechados em uma edificação, por mais fascinante que ela seja em termos de beleza, solidez e utilidade. Naquele momento eu havia aprendido de onde vinham os

² A expressão aqui subentendida é *flâneur*, figura anônima da literatura europeia do século XIX, que caminha de forma errante e observadora pelas ruas. Foi descrita por Walter Benjamin a partir da obra de Charles Baudelaire. *Flâneuse* é a forma feminina com a qual Laura Elkin (ELKIN, 2022), discorre sobre o lugar da mulher caminhante, alijada de protagonismo do *flâneur*, e sobre a necessidade de reivindicar o seu lugar no espaço urbano.

componentes para criar a arquitetura das construções da cidade. Mas para onde iam as coisas usadas na criação e no uso dessa cidade, já que planejávamos não obras de arte, mas obras de arquitetura e urbanismo, que se corporificariam como tal quando fossem usadas por pessoas? Onde estavam essas sobras? Foi quando comecei a interessar-me verdadeiramente pelos resíduos – não propriamente pela separação, a qual já praticava desde sempre, mas pelo movimento de ir e vir, de ciclo, cuja consciência o estudo da cidade nos traz. O mundo, afinal, não é um local onde se possa jogar as coisas fora e esperar que elas “lá” se mantenham. Desse interesse produzi meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2000, cujo tema foi uma Usina de Triagem e Compostagem de Resíduos Sólidos.

Nos caminhos diversos que trilhei como arquiteta, algumas experiências profissionais me aproximaram das pessoas que vivem dos resíduos, e da percepção do quanto é necessária a escuta dessas pessoas. O modo como o planejamento urbano é operado parece não atender a essa demanda social, atestando o seu descolamento com realidade socioambiental de nossas cidades, conforme Maricato (2000, p. 122), na afirmação de que o “(...) urbanismo brasileiro (...) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas”.

Esse entendimento levou-me ao Margem_laboratório de narrativas urbanas³ no final de 2019. No envolvimento com esse grupo de pesquisa tive a oportunidade de aproximar-me de práticas de pesquisa que procuram reconhecer as multiplicidades que compõe o espaço urbano da cidade. O exercício de estudar o urbano a partir de uma lógica narrativa perturba a existência do conhecimento que se entende formatado e que desmerece falas construídas a partir de conflitos existentes na cidade. Nesse contexto, deu-se o engendramento da presente pesquisa. Em 2020, através do projeto desenvolvido no Margem, intitulado “Narrativas à margem: a dimensão pública da

³ O Margem_laboratório de narrativas urbanas é um grupo de pesquisa vinculado ao CNPQ e ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde sua articulação em 2019 atua na interface entre pesquisa, ensino e extensão a partir de três linhas de pesquisa: *Paisagem e Narrativa*, *Espaço e Gênero* e *Imagem e Cartografia*.

paisagem na cidade de Porto Alegre/RS”, aproximei-me da Ksa Rosa⁴ e preparei-me para a seleção do mestrado, no qual ingressei em 2021.

PesquisarCOM (Moraes, 2010) os catadores de resíduos nesta dissertação de mestrado é uma experiência por caminhos outros. São percursos que tenham em conta narrativas de pessoas historicamente estigmatizadas e politicamente subalternizadas, cujas histórias podem ajudar na condução de novos rumos para a construção da cidade que não seja a sua transformação em mercadoria.

Minha dissertação é uma reflexão
sobre modos de resistência.
Modos de re-existência.
Como que eles lidam com esse apagamento
promovido pelo Estado e pela sociedade?
Eu procuro o que é abalado... nesses traços que
a borracha não consegue apagar.
Eu procuro ler o que estava escrito. E mostrar. ⁵

Márcia Moraes (2010) traz o pesquisarCOM como a possibilidade de fazer pesquisa enquanto prática performativa que se faz com o sujeito, e não sobre o sujeito. Tomado como direção ético-política da pesquisa, é um modo de pesquisar intrínseco aos encontros entre corpo-catador e corpo-pesquisador. Seguindo tal proposta, desde o início do mestrado, houve o exercício de abandono do processo colonizador do outro. É algo constante e necessário, mas, enquanto exercício, está sujeito a descuidos. Ainda na estruturação do problema de pesquisa, peguei-me conjecturando propostas de abordagem que bem retratavam o modo colonizador de pensar – propunha, por exemplo, “dar voz” aos catadores, ou, sobre eles, “jogar luz”. Foram necessárias algumas reuniões de orientação e leitura para que eu internalizasse que, de fato, como pesquisadores, não damos voz a ninguém.

⁴ A Associação Ksa Rosa (pronuncia-se “Casa Rosa”), na Voluntários da Pátria, em Porto Alegre, é um centro de educação popular e resistência cultural formado por educadores sociais, pesquisadores, carrinheiros, recicladores e moradores de rua, que tem por finalidade desenvolver atividades de solidariedade a essas populações e assessorar a implantação de políticas públicas voltadas ao gerenciamento de resíduos.

⁵ Diário de campo, 21/04/2022, 20:02.

Os catadores individuais⁶ de resíduos, caso do presente trabalho, possuem a sua própria voz, assim como todos na sociedade possuem lugar de fala, já que todos fazem parte de um grupo e estão inseridos numa localização social (RIBEIRO, 2017). O fato é que são sujeitos historicamente desautorizados à fala pelas narrativas dominantes (Estado e mercado imobiliário), que invisibiliza seus discursos e práticas de luta, desconsiderando uma infinidade de saberes.

O que intento fazer, estando em uma posição acadêmica, é compartilhar meu local de fala, e, assim, abrir passagem na muralha existente que separa quem pode ou quem não pode falar, abrir passagem em um sistema que diz não caber a voz de catadores. Não posso dar voz a ninguém, mas posso amplificar vozes existentes, hoje abafadas, através desta escrita.

Isso posto, o presente trabalho traz reflexões produzidas a partir do encontro entre o corpo-catador e o corpo-pesquisador⁷. Corpos-catadores de resíduos recicláveis desempenham um papel fundamental na sociedade, uma vez que fazem parte da gestão dos resíduos sólidos urbanos. A questão dos resíduos sólidos, juntamente com a poluição, está elencada, pela ONU, como o terceiro aspecto da tripla crise planetária que vivemos, embora permeie os dois primeiros – mudança climática e perda da natureza e biodiversidade (PNUMA, 2022).

Trabalhando em Unidades de Triagem ou caminhando pelas ruas, recolhem as sobras de uma sociedade saciada⁸ que os olha com apatia. A figura do catador é, na sociedade do consumo, o corpo-catador desse excesso gerado, excesso esse que mostra a crise planetária no aspecto mais evidente no espaço urbano, que são os resíduos -

⁶ Segundo Gonçalves (2003), os catadores individuais catam por conta própria e preferem trabalhar independentes, percorrendo as ruas das cidades puxando carrinhos. Diferem dos catadores organizados, que se estruturam em cooperativas, dos catadores de lixão (que se instalam nos lixões ou vazadouros e não possuem jornada fixa de trabalho) e dos trecheiros (que vivem no trecho entre uma cidade e outra catando resíduos, basicamente latas, para compra de alimentos).

⁷ As expressões corpo-catador e corpo-pesquisador são utilizadas ao longo da escrita desta dissertação, ao serem referenciados o catador de resíduos e a pesquisadora, como forma de reforçar a ideia de **presença** – que se faz na cartografia, nos relatos e nos corpos.

⁸ A expressão “recolher as sobras de uma sociedade saciada” está no filme *Os catadores e eu*, tradução do título em francês *Les glaneurs et la glaneuse*. Direção de Adnes Varda, França, 2000.

tanto sua geração desnecessária, que passa pelo consumo, quanto ao mau gerenciamento de sua destinação.

O mau gerenciamento da destinação de resíduos refere-se à cultura arraigada de “enterrar o lixo”, que faz com que haja, dentre as unidades de processamento de resíduos sólidos urbanos, uma predominância das instalações por disposição no solo – lixões, aterros controlados e aterros sanitários – sobre as Unidades de Triagem e Compostagem de Resíduos. Segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS, 2020), em 2019 havia 2315 unidades entre lixões, aterros controlados e sanitários, e somente 1236 Unidades de Triagem e Compostagem. Das unidades por disposição no solo, apenas 621 (27%) correspondiam a aterros sanitários, soluções ambientalmente corretas. O país coleta aproximadamente 180.000 toneladas de resíduos por dia. Desse montante, de 30% a 40% seria passível de reciclagem, mas menos de 2% é encaminhado.

Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2012), há entre 40.000 e 60.000 catadores organizados em cooperativas no Brasil. A mesma fonte indica que os catadores individuais no país estão em um número bastante maior e variável, de 400.000 a 600.000. O Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis⁹ indica que sejam 800.000, embora reconheça que a informação não seja exata. O próprio IPEA, em artigo de 2017, atenta para a necessidade de os dados serem lidos com cautela.

Não há uma estatística precisa acerca do contingente total de catadores de recicláveis no Brasil. As estimativas variam muito, de modo que a construção de um quadro mais realista desta atividade requer um olhar crítico sobre as informações disponíveis em fontes diversas. (IPEA, 2017, p. 12).

No cenário local, Porto Alegre coleta 1.126 toneladas de resíduos por dia. (DMLU, 2022). Deste montante, dos 30% a 40% de resíduos passíveis de reciclagem, somente 5% são encaminhados às 17 Unidades de Triagem, onde trabalham aproximadamente 600 catadores. Não existem dados oficiais do número de catadores individuais na cidade

⁹ O MNCR é o movimento que desde 1999 organiza catadores de material reciclável no país, buscando valorizar a categoria e garantir o protagonismo popular da classe.

de Porto Alegre. Jorge Cristiano Rosa Menezes, reciclador autônomo em Porto Alegre há 40 anos, estima um contingente de 10.000 carrinheiros na capital (FERREIRA, 2021).

Apesar do baixo índice de resíduos encaminhado para reciclagem na capital, Porto Alegre apresenta um pioneirismo na implantação de coleta seletiva¹⁰, há 32 anos. Tal história merece ser revisitada, descortinando as relações entre Estado-política-governos-resíduos ao longo do tempo para ilustrar como a relação entre as pessoas envolvidas na catação de resíduos e a política de coleta seletiva foi se modificando ao longo do tempo, conformando o contexto local.

Em 1990, ano posterior ao início da gestão da Administração Popular em Porto Alegre, o governo municipal iniciou a implementação de um sistema de coleta seletiva que visava não somente à reciclagem dos resíduos em si, mas principalmente à recuperação social de pessoas envolvidas nos dois lixões então existentes na cidade, pessoas essas que viviam junto aos resíduos de forma literal, em condições subumanas, vulnerabilizadas pela relação irresponsável da gestão municipal até então existente com o gerenciamento de resíduos do município. Nesse novo sistema, houve, por parte do Estado, um grande investimento inicial em educação ambiental e iniciativas de valorização dos catadores que trabalhavam nos lixões da cidade, de forma a recuperar sua dignidade.

Os 15 anos seguintes, aproximadamente, foram marcados por essa valorização das pessoas que trabalhavam nos/com resíduos sólidos. A gestão municipal continuou investindo em educação ambiental e implementou Unidades de Triagem. Em 2001, a capital sediou o I Fórum Social Mundial – o ‘Acesso às Riquezas e à Sustentabilidade’ e ‘Afirmação da Sociedade Civil e dos Espaços Públicos’ foram dois dos quatro eixos temáticos em torno dos quais o FSM se desenvolveu. Tais eixos permanecem atuais e cada vez mais urgentes de discussão após 22 anos passados, e relacionam-se diretamente com os resíduos urbanos (sustentabilidade) e as pessoas envolvidas na catação (espaços públicos).

No final da década de 2000, a relação entre a cidade e os catadores começa a mudar. Em 2005, foi apresentado aos vereadores de Porto Alegre projeto de lei que

¹⁰ Curitiba foi a primeira cidade brasileira a implementar coleta seletiva, em 1989. Porto Alegre a fez em 1990

intuía proibir VTA (Veículos de Tração Animal - carroças) e VTH (Veículos de Tração Humana – carrinhos/catadores) nas ruas da capital. Embora o projeto inicial tivesse forte viés na causa animal, impedindo apenas a circulação carroças, houve, de última hora, a inclusão da proibição de carrinhos, acréscimo que teve como justificativa oficial a melhoria do trânsito na cidade. Tal lei foi aprovada em 2008 (Lei Municipal nº 10.531, de 10 de setembro de 2008, Programa de Redução Gradativa do número de Veículos de Tração Animal e de Veículos de Tração Humana), fixando o prazo em setembro de 2016 para que houvesse a retirada completa das carroças e carrinhos das ruas da capital. Com a previsão da Copa do Mundo em 2014, a Prefeitura procurou adiantar o prazo para tal retirada, sem sucesso.

Em 2010, foi instituída a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010). Nesses 13 anos em que está em vigor, apresentou dificuldades para implementação plena¹¹, mas, de qualquer forma, ela traz importantes balizadores para políticas que envolvam catadores de resíduos recicláveis, considerando-os agentes facilitadores do respeito ao meio ambiente.

Em 2012, foi lançado o programa Todos somos Porto Alegre, uma política pública de emancipação de carroceiros e carrinheiros¹², criada em função da lei anterior de 2008. Tal política não atingiu os objetivos esperados (CDES, 2017) e foi concluída em 2016, mesmo ano previsto para entrar em vigor a proibição para circulação de carroças.

Em setembro de 2016 houve uma prorrogação de seis meses para que os carrinheiros interrompessem a circulação, o que foi estendido por diversas vezes. Em 12 de dezembro de 2022, última notícia oficial¹³ quanto à lei, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre aprovou projeto que ampliou para o próximo 31 de dezembro (2023) a permissão de circulação de carrinheiros - prazo esse, já dito de antemão, que é possível de ser prorrogado por mais ainda seis meses pela Administração Municipal. A justificativa oficial da PMPA é que o adiamento do prazo possibilite maior tempo para a inclusão socioeconômica dos catadores ou carrinheiros,

¹¹ Os motivos vários para a implementação da lei referem-se à instituição da mesma em ano eleitoral, questões culturais na lida com os resíduos, dificuldades financeiras dos municípios para gerenciamento, entre outros.

¹² Carroceiros e carrinheiros são, respectivamente, condutores de veículos de tração animal (VTA) e condutores de veículos de tração humana (VTH).

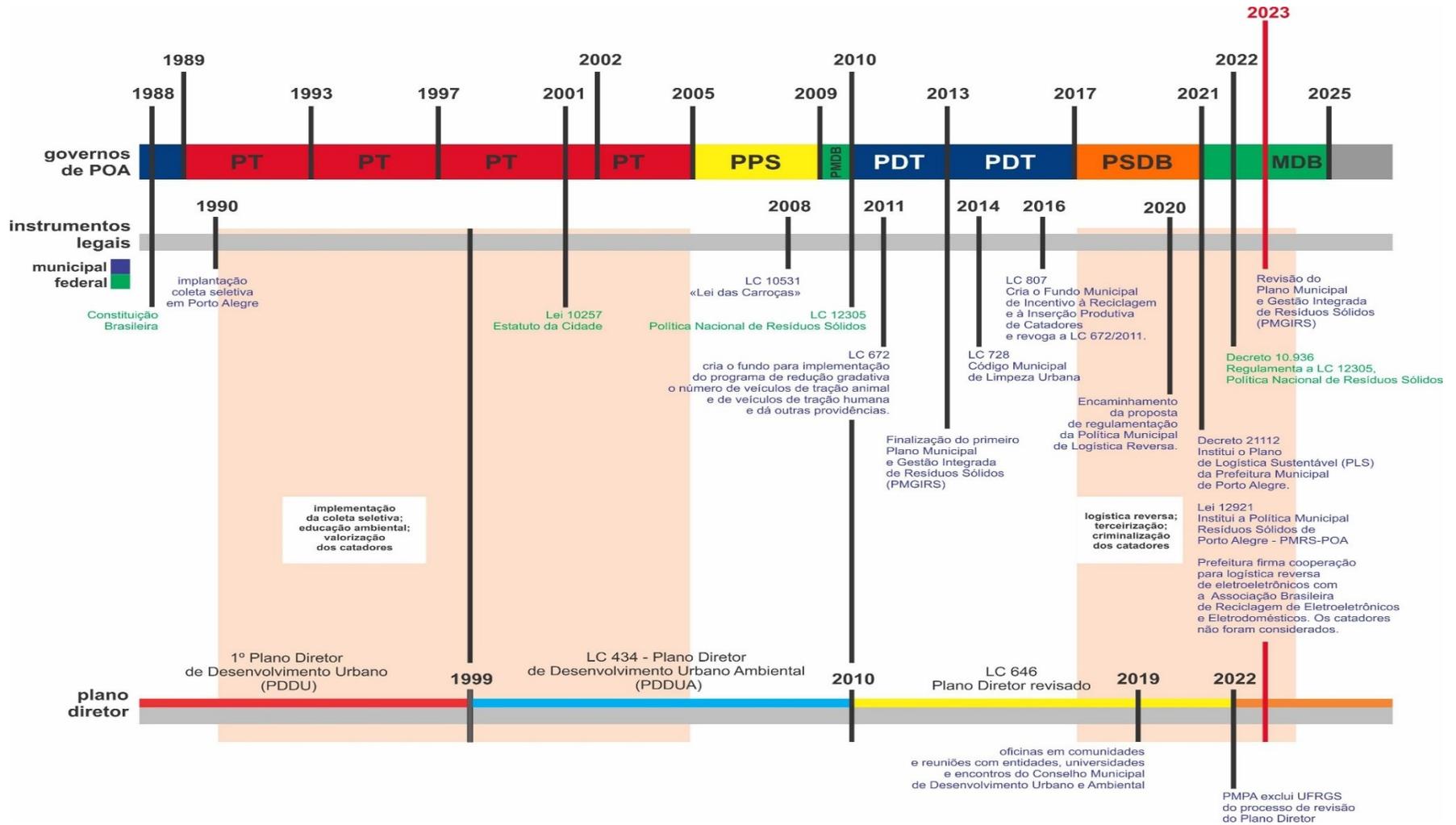
¹³ <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/circulacao-de-carrinheiros-e-estendida-ate-dezembro-de-2023>

contudo, até a conclusão deste texto, em setembro de 2023, não foram encontradas informações sobre consultas a trabalhadores ou a associações da categoria.

A prorrogação constante da proibição para circulação de carrinhos, que pode ser vista com otimismo pelas pessoas que dependem da catação de resíduos para sobreviver, também nos dá pistas da fragilidade e incoerência do propósito da Lei nº 10.531, que, por falta de base que a justifique, tem sua efetivação retardada. O discurso inicial justificado pelo bem estar animal foi corrompido por uma fala que se aproveita da estratégia de eliminação das carroças para subtrair da paisagem os carrinheiros como forma de favorecer a dinâmica do carro na cidade. Tal subtração refere-se não somente a existências individuais, mas à coletividade de catadores, o que faz parte de um processo de higienização e transformação urbana liderado pelo mercado imobiliário, presente em diversas áreas de Porto Alegre, especificamente no Quarto Distrito. Esse corpo-carrinho-presença que transporta o que sobra, que ocupa um espaço legítimo na cidade, é assim invisibilizado novamente. E a cidade segue seu fluxo. No carro, o motorista é invisível ao catador – que também não é visto pelo motorista. Um vê apenas o veículo do outro. O catador vê o carro. O motorista, vê “um carrinho-lixeiro”, sem perceber que ali há, de fato, uma presença.

Na linha do tempo abaixo (Figura 1) é possível visualizar a sucessão de instrumentos jurídicos relacionados à gestão de resíduos nos âmbitos municipal e federal, sua relação com os processos de implementação e revisão do plano diretor municipal e governos de Porto Alegre. Assim, nos últimos anos podemos ler um movimento em relação à perda de direitos dos catadores de resíduos. Em Porto Alegre, o que entre 1990 e 2005 sedimentou a coleta seletiva – educação ambiental e valorização das pessoas envolvidas com a catação de resíduos recicláveis, foi perdendo-se ao longo dos anos seguintes, em que há um processo de apagamento desse grupo social, principalmente a partir de 2016, com iniciativas de criminalização da catação de resíduos, incentivo à logística reversa, terceirização e minoração de investimentos em educação ambiental.

Figura 1 – Linha do Tempo



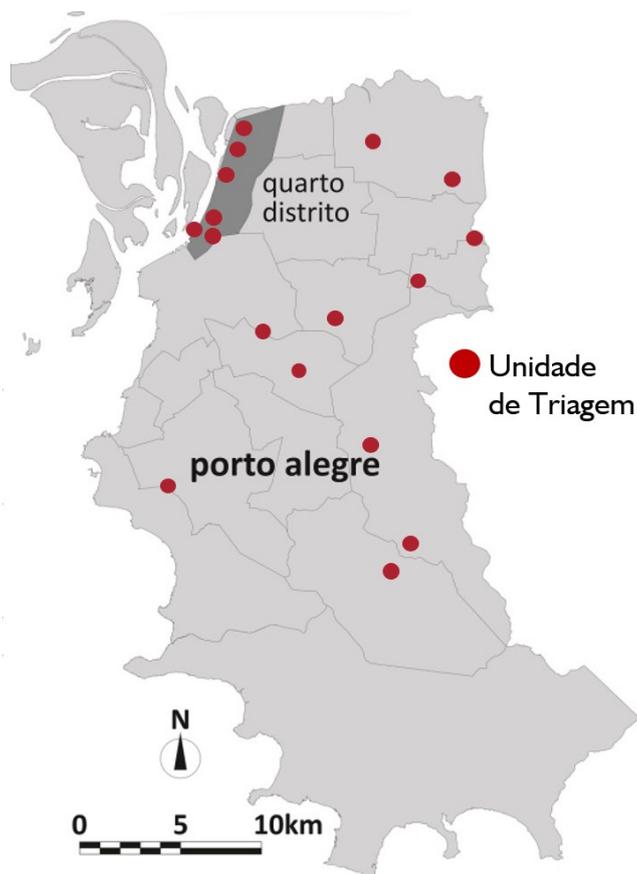
Fonte: Elaborada pela autora

Com base nessa síntese cronológica do reconhecimento e paulatino silenciamento de quem trabalha na catação de resíduos, há de se produzir um movimento que interpele o modo como atualmente está sendo deslegitimado o papel desse grupo social. Assim, faz-se necessário recuperar narrativas contidas, ampliando a compreensão da cidade a partir dos catadores de resíduos. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como **tema** a produção do espaço urbano a partir de atores sociais historicamente subalternizados. Precisamente, faz referência às relações entre cidade, resíduos e cotidiano, a partir das narrativas de catadores individuais de resíduos em centros urbanos, nos seus processos de territorialização.

Para tratar da temática proposta, a pesquisa dirige o seu olhar ao Quarto Distrito¹⁴ da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, uma antiga zona industrial localizada ao norte da capital que abrange os Bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá. Até a década de 90, a região comportava um dos lixões da cidade, desativado com a implantação da coleta seletiva na capital. Esse e outros fatores como facilidade de acesso, presença de grandes galpões que outrora foram indústrias e proximidade com bairros populosos, ao mesmo tempo em que está à margem da cidade (literal e simbolicamente), são motivos para que a região apresente numerosos catadores pelas ruas, diversas empresas que comprem sucata e uma concentração de Unidades de Triagem. Cerca de 35% das 17 Unidades de Triagem (UTs) conveniadas com a PMPA estão no Quarto Distrito (Figura 2).

¹⁴ No final do século XIX, Porto Alegre foi dividida em seis distritos. O Quarto Distrito foi eleito o setor industrial porque já havia indústrias na área, em função da localização junto ao Guaíba e ao acesso à capital.

Figura 2 – Localização do Quarto Distrito e das Unidades de Triagem na cidade de Porto Alegre



Fonte: Elaborada pela autora

A região foi o primeiro Distrito Industrial de Porto Alegre. Nas primeiras décadas do século XX, foi área de expansão industrial e urbana da capital pela proximidade com o rio, com o centro da cidade e pela conexão com a região metropolitana. A enchente de 1941, que provocou a movimentação de indústrias para outras regiões da cidade, a construção do cais do porto, que isolou o Quarto Distrito do Guaíba, a implantação da avenida Farrapos como um eixo divisor da região, entre outras questões, contribuíram para que a região entrasse em um período de obsolescência. A partir da década de 90, porém, a PMPA voltou novamente a atenção ao Quarto Distrito, dando início a uma série de propostas para a região que foram se sucedendo nas últimas três décadas, sem apresentarem alterações significativas entre si ou para essa porção de cidade.

Atualmente, a área é um caldeirão de multiplicidades, oportunidades e história, disputado por forças políticas, econômicas e pela resistência de pessoas que lá desenvolveram outros modos de existir para além do planejamento dito formal. Em

função da localização valorizada (situa-se ao norte da cidade, conectando o Centro Histórico e a Região Metropolitana da capital), pela infraestrutura disponível e potencial de ocupação pouco explorado, é hoje palco de um processo de gentrificação convocado com base em um discurso que se apropria de conceitos como espaço público, participação e sustentabilidade, e provoca a remoção física e simbólica de diversas comunidades.

Este processo, tratado como “reestruturação” pelo Estado e pelo mercado, desconsidera a pluralidade dos atores sociais da região, o que pode gerar receio de comunidades sobre a necessidade de deixarem o local em um futuro próximo, conforme mostrado em reportagem de junho de 2022:

Figura 3 – Reportagem do G1, de 09/06/2022

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header is red with the G1 logo and 'RIO GRANDE DO SUL' text. The main title is 'Moradores da Vila dos Papeiros temem ter que deixar o local após revitalização do 4º Distrito de Porto Alegre'. Below the title is a sub-headline: 'Prefeitura diz que projeto de reurbanização vai incluir o loteamento e seus moradores. Comunidade fala de sua história, das demandas e dos sonhos para o futuro.' The author is 'Por Isadora Aires, RBS TV' and the date is '09/06/2022 17h56 · Atualizado há 4 semanas'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, Telegram, and LinkedIn.

Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/06/09/moradores-da-vila-dos-papeiros-temem-ter-que-deixar-o-local-apos-revitalizacao-do-4o-distrito-de-porto-alegre.ghtml>

O processo de transformação urbana em andamento nessa área de Porto Alegre, cujo princípio estende-se a toda a cidade, parece considerar algumas “gentes menos gentes que outras” (CABRAL, 2017)¹⁵, menos merecedoras de espaços de vida. Grandes empreendimentos econômicos, alheios à escala humana, travam conflitos permanentes contra quem não tem capital, operando violências cotidianas pra defender a narrativa

¹⁵ Esta expressão foi trazida por Ana Cabral Rodrigues em palestra proferida no TEDx Talks, intitulada “Da inventividade da memória: cidades narradas, cidades disputadas”, em Volta Redonda (Rio de Janeiro), em março de 2017.

hegemônica que opera a ideia de competitividade urbana e a inserção de Porto Alegre em um mercado global de imagens. Para quem serve a cidade? Quem conta a história da cidade? Que cidade seria essa contada a partir de histórias individuais, miúdas, de quem vive ordinariamente suas ruas, e põe em xeque esta linearidade e essa força que impele tudo para frente?

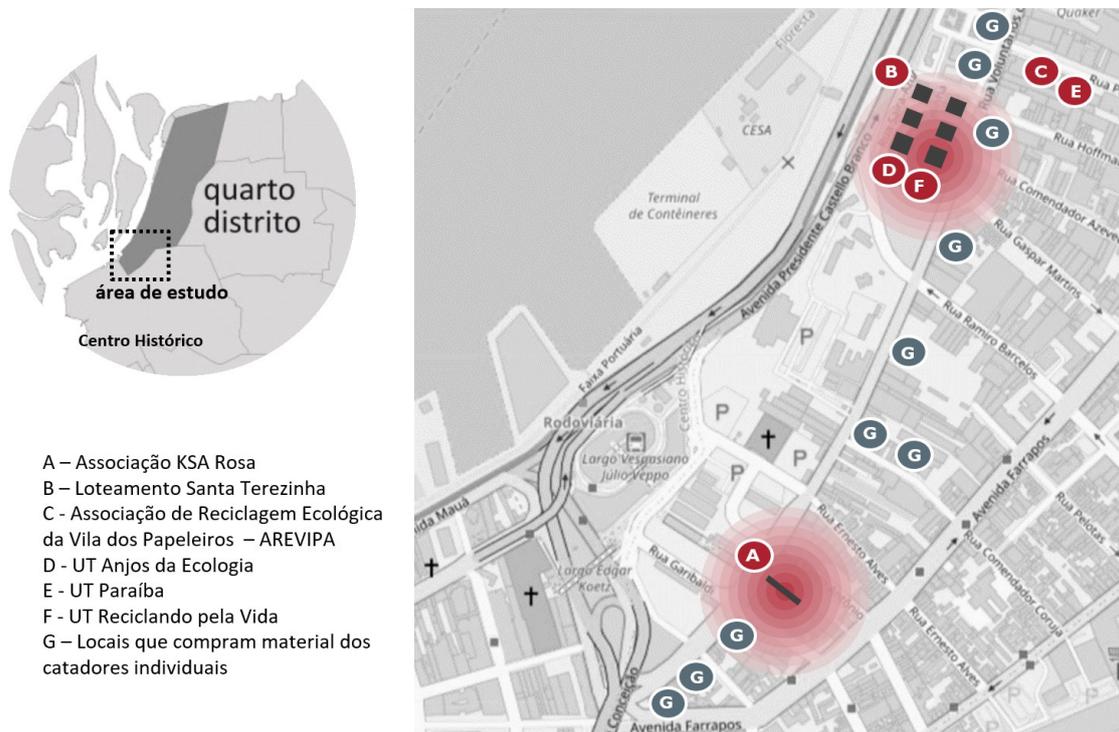
Provocada por tais perguntas, esta pesquisa localiza especificamente sua **área de estudo** na porção do Quarto Distrito que está contígua ao Centro Histórico da capital, onde há presença significativa de catadores individuais e atravessadores¹⁶, provavelmente pela grande densidade de serviços e geração de resíduos recicláveis naquelas ruas. Existem nessa área, além de Unidades de Triagem conveniadas com a Prefeitura de Porto Alegre, algumas iniciativas populares envolvidas com a cadeia de resíduos. Entre elas, destaco a Associação Ksa Rosa e a AREVIPA¹⁷ (Figura 4), que foram os pontos de partida para a cartografias praticada.

A Ksa Rosa é um centro de educação popular e resistência cultural. Funciona como um ambiente de acolhimento a catadores e pessoas em situação de vulnerabilidade social, e tem na coleta de materiais recicláveis sua principal fonte de renda. A AREVIPA atua a partir do loteamento Santa Terezinha. É resultante do reassentamento, em 2006, de famílias da antiga Vila dos Papeleiros, que se formou no Quarto Distrito em 1980.

¹⁶ Em gestão de resíduos recicláveis, os atravessadores são as pessoas físicas ou jurídicas que intermedeiam a negociação entre as Unidades de Triagem ou catadores individuais e as indústrias.

¹⁷ Associação de Reciclagem Ecológica da Vila dos Papeleiros

Figura 4 – Localização da área de estudo dentro do Quarto Distrito + respectiva ampliação com locais envolvidos com a cadeia de resíduos que lá estão.



Fonte: Elaborada pela autora sobre base do *OpenStreetMap*

O Poder Público Municipal não apresenta um número oficial de pessoas que vivem da catação naquela região. Aqui, a ausência de dados é confrontada por um saber particular e muito pouco trabalhado dentro da academia – o saber das ruas. Esse saber, que parte da experiência de quem vive cotidianamente a realidade local da catação de resíduos, estima que na região atuam cerca de 2000 catadores individuais:

Por cima, 1000 na vilinha - galpões da Arevipa, 1000 Grande Farrapos, Santo André, 500 na costa da Arena, 200 que dormem nos carrinhos e bretes, 200 nas pensões em em volta da Ksa na Voluntários, Comendador Coruja, que puxam para os ferros velhos, cinco que tem da Ksa e o viaduto e quatro da Ksa. (Maristoni Moura, Ksa Rosa, 2022)

Tais saberes das ruas podem ser o único arquivo de memória de determinada pessoa ou grupo, e assim, devem presentificar-se dentro da escrita desta dissertação, enquanto produtores da cidade - numa recusa em que sejam apenas informações a serem catalogadas, ou mais uma coisa que vai efetivamente confirmar a objetificação

destes sujeitos, na medida em que são sempre falados por outrem. A presença dos saberes das ruas nesta escrita visa à possibilidade de uma convivência que tem que ser construída com o saber acadêmico. Como uma forma de criar diálogo para que a ecologia dos saberes emerja das ruas sem que um conhecimento se sobreponha ao outro (SANTOS; MENEZES, 2010).

Este trabalho tem como premissa que os catadores de resíduos, na sua atividade costumeira, tensionam o modo como o planejamento é operado na cidade. Tal premissa dá-se pelo fato de marcarem presença nos seus ininterruptos processos cotidianos de territorialização, traçando caminhos e desenhando linhas-vínculos sociais, apesar da deslegitimação a eles imposta. Esta dissertação intenta discorrer, dessa maneira, sobre a seguinte **questão**:

O que as narrativas discursivas das catadoras e catadores de resíduos no Quarto Distrito em Porto Alegre podem dizer das táticas cotidianas praticadas nos seus processos de territorialização, e de que maneira elas tensionam o planejamento urbano voltado à cidade-mercadoria?

Para discutir o estado da arte sobre o tema da presente pesquisa, tanto do ponto de vista teórico como contextual, foi feita uma **revisão da literatura**, a qual consistiu numa pesquisa por teses e dissertações em universidades públicas brasileiras, especificamente nas regiões sul e sudeste, onde a coleta seletiva de resíduos domiciliares tem uma maior representatividade (SNIS, 2020).

O meio acadêmico brasileiro apresenta uma diversidade de áreas que tratam dos resíduos urbanos e da pessoa catadora enquanto protagonista da pesquisa. Porém, no recorte feito (acima discriminado), não foram verificados trabalhos que abordem temáticas relacionadas ao catador, como alguém que ocupa seu lugar de fala, na área de planejamento urbano. Os trabalhos constantes no LUME¹⁸ que versam sobre os catadores são de outras áreas que não o planejamento urbano, assim como nas demais universidades pesquisadas.

¹⁸ Lume é o Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apresenta as coleções digitais produzidas no âmbito da Universidade e de outros documentos que, por sua área de abrangência e/ou pelo seu caráter histórico, é de interesse da Instituição centralizar sua preservação e difusão.

De 16 trabalhos encontrados de áreas outras, que versam sobre as pessoas envolvidas com a catação de resíduos, três mostraram-se relevantes para a presente pesquisa, e dela foram referência. Da UFPR, a dissertação de mestrado intitulada “O barracão e a rua: experiências e práticas políticas de catadores de materiais recicláveis em Curitiba – PR” (MASCARELLO, 2015), da Antropologia, reconstitui, por meio da etnografia, a trajetória de uma associação de catadores os quais, ao mesmo tempo que catam materiais recicláveis, tecem relações e projetos de autonomia que impulsionam práticas e estratégias políticas. Sobre relações sociais também versa a tese de doutorado, da UFRGS, intitulada “Na esteira do galpão: catando leituras no território cotidiano da reciclagem do lixo de Porto Alegre/RS” (ROSADO, 2009), da Geografia, que traz os vínculos que emergem no galpão de reciclagem a partir das narrativas compostas da experiência vivida junto às catadoras de materiais. Por fim, a dissertação intitulada “Trabalhadores do lixo: o relato de uma pedagogia da desordem” (DORNELES, 2001), da Faculdade de Educação da UFRGS, buscou compreender como a atividade de catação acabou ressignificando valores que transcenderam a vida individual de trabalhadores do antigo lixão da zona norte de Porto Alegre, organizados na Associação dos Recicladores de Resíduos da Zona Norte à época da pesquisa.

Reflieto sobre a ausência de trabalhos sobre catadores de resíduos na área de planejamento urbano e o que essa escassez pode dizer sobre a maneira como a cidade é pensada e operada. É um planejamento que considera algumas pessoas mais dignas que outras para utilizar o espaço urbano. Pensar, pois, a produção da cidade inclui considerar os saberes de quem vive cotidianamente o espaço público, no espaço público e do espaço público. É necessária a escuta dessas vozes dissidentes.

Assim, a presente dissertação intenta contribuir com a reflexão sobre a produção urbana em tempos de crise socioambiental a partir de catadores individuais de resíduos recicláveis, e como essa produção interpela a prática de planejamento urbano neoliberal em curso, que despreza narrativas miúdas e preexistências, e que pretere o que é público em favor do capital privado, entre outras questões. A pesquisa busca entender os catadores a partir da sua prática do dia-a-dia enquanto pessoas comuns, e não a partir de instituições (a literatura trata dos catadores de resíduos recicláveis a partir das instituições e das organizações de trabalho – unidades de triagem, por exemplo).

Tenciona, principalmente, considerar essas pessoas como sujeitos e não como objetos de pesquisa. Alex Cardoso, representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, em sua apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso em Ciências Sociais, que aconteceu em março de 2022, discute o afastamento imposto entre pesquisador e objeto de pesquisa. Segundo o autor, se a relação é entre pesquisador e objeto, a mesma acaba junto com o trabalho, e a comunidade fica sem retorno. Quando o trabalho não é só do pesquisador, é um trabalho coletivo, e o campo passa a ter outra significação. Alex Cardoso acrescenta que o distanciamento do campo estaria ligado ao ser diferente, baseado em uma antropologia antiga, em seres humanos brancos viajavam para além mar, terras distantes e desconhecidas, para conhecerem e descreverem o exótico, o nativo e sua distinta cultura (CARDOSO, 2022).

Como **justificativa** para esta pesquisa, há duas dimensões (complementares) a serem consideradas. Em uma escala maior, há a questão planetária, que necessita ser enfrentada – nós, enquanto povo da mercadoria (KOPENAWA, 2015)¹⁹, precisamos reagir à crise climática e à intrusão de lógicas financeirizadas na gestão de cidades ao redor do mundo estabelecendo novos parâmetros de planejamento.

A outra dimensão refere-se à promoção social dos catadores de resíduos, sujeitos de direito que, em seu caminhar cotidiano diário, desenham a cidade e acumulam saberes outros, criando territórios que se organizam fora da lógica colonialista imposta por um planejamento urbano baseado em paradigmas esgotados, em que Estado e mercado estão de braços dados. Enxergar os catadores e restos recolhidos do povo da mercadoria (Ibidem), é necessário na medida em que escancaram a nossa relação com o consumo material, incitada por um sistema neoliberal guiado pela obsolescência programada, e, portanto, na geração de resíduos como principal produto.

Dessa forma, esta dissertação tem como **objeto de estudo** as narrativas discursivas de catadoras e catadores de resíduos que exercem sua atividade nas ruas do Quarto Distrito, na cidade de Porto Alegre.

¹⁹ Davi Kopenawa (2015) chama de “povo da mercadoria” os predadores econômicos, pessoas hipnotizadas pelo consumo e acúmulo de capital.

A pesquisa apresenta, como **objetivo geral**, investigar as corpografias implicadas nos processos de territorialização de catadores de resíduos no Quarto Distrito, em Porto Alegre, a fim de problematizar o modo como tensionam o planejamento urbano voltado à cidade-mercadoria e a apoiar a construção de políticas urbanas que reconheçam o saber popular e o direito à cidade desses atores sociais.

Como **objetivos específicos** a pesquisa pretende: (a) discutir conceitualmente sobre o direito à cidade no contexto dos catadores de resíduos no Quarto Distrito, tecendo reflexões sobre a cidade-mercadoria e o planejamento urbano neoliberal vinculados à crise socioambiental planetária; (b) discutir conceitualmente sobre a coimplicação entre corpografias urbanas e processos de territorialização que subvertem a cidade-mercadoria; (c) cartografar as corpografias dos catadores de resíduos do Quarto Distrito de Porto Alegre a partir de dispositivos narrativos de agenciamento entre corpo-pesquisador e corpo-catador e (d) compor reflexões textuais sobre as territorializações dos catadores de resíduos como práticas de resistência à produção urbana pautada pela lógica da cidade-mercadoria.

Para refletir sobre a produção urbana a partir da escuta dos relatos dos catadores de resíduos, baseei-me na narrativa enquanto **abordagem teórico-metodológica**, uma vez que permite um entendimento a partir de sua experiência vivida, e não por perspectivas externas. Por meio da narrativa, quis aproximar-me do conhecimento, das contingências do tempo e das experiências vividas (CARON, 2017) pelas pessoas que transitam seus corpos pelas ruas catando resíduos.

Articulada à narrativa, a pesquisa propõe a cartografia tanto como modo de acompanhar processos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015) - sendo uma ferramenta para privilegiar o contato com a experiência urbana – como um modo de compreensão de ações coletivas (RIBEIRO, 2001) e de representação do movimento da sociedade e do cotidiano da vida coletiva (cartografia da ação social).

A narrativa vinculada à cartografia possibilitou a partilha do conhecimento vindo das catadoras e catadores, que fazem parte da cidade e sofrem um constante processo de apagamento pelo planejamento hegemônico vigente - que incentiva segregações sociais e urbanas e estabelece exclusões. Define, assim, quem é mais ou menos desejado naquele espaço, ou seja, para quem e por quem o espaço é produzido.

A cartografia enquanto acompanhamento de processos constituiu-se a partir do envolvimento nas atividades corriqueiras da Ksa Rosa, em momentos diversos – desde organizar espaços expositivos a servir café da manhã a catadores e moradores de rua, momentos que tenho como ricos em vivências e escutas. Foi um envolvimento que teve início ainda antes ao meu ingresso no mestrado, em que eu participava como membro do grupo de pesquisa Margem_Lab. A aproximação, que se deu aos poucos, deu-me liberdade para pedir a alguns carrinheiros, em dado momento em que já tinha a pesquisa em andamento e após aprovação no Comitê de Ética, para acompanhá-los no seu cotidiano de catação e escutar suas histórias... de trabalho, de encontros e desencontros, histórias de vida. As caminhadas com os carrinheiros, nas quais ora os acompanhava ao lado, ora me permitiam que eu literalmente conduzisse o carrinho de coleta, enriqueceram a experiência que eu estava construindo até então. Nesse processo de criação de vínculos e conversas fui dirigindo meu olhar às várias trajetórias percorridas pelos catadores – tanto de caminhos literais como de pensamentos. Reconheci que tais trajetórias acontecem através de linhas e referenciei-me no antropólogo Tim Ingold (2022), que relaciona as noções de linha, experiência e movimento. A partir desse reconhecimento das linhas organizei a dimensão analítica do meu processo, pois a partir da sua produção (das linhas) cotidiana, comecei a reconhecer também táticas de resistência. Nas linhas, pude redizer a cidade (CABRAL, 2021) de outras formas. Optei este redizer, para reforçar a ideia de movimento, a partir de verbos que fizeram parte da minha relação com os catadores. Há uma miríade de verbos que poderiam redizer a cidade, mas escolhi os que julguei melhor sintetizarem a experiência vivida. Foram verbos trazidos a partir do encontro.

A **estrutura da presente dissertação** apresenta quatro partes. O capítulo 1, ‘Tecendo panos de fundo’, apresenta quatro ensaios onde são mesclados conceitos utilizados em função da questão de pesquisa, trazendo, assim, a montagem da base teórica que enseja a reflexão sobre o *corpus* produzido a partir da experiência em campo. O primeiro texto, Uma verdade inconveniente, discorre sobre a crise planetária em que estamos imersos, a partir de dados da ONU e reflexões de Ailton Krenak (2020), Boaventura de Sousa Santos (2002), Davi Kopenawa (2015) e Eduardo Viveiros de Castro e Débora Danowski (2014). À margem do concreto, segundo texto, traz a discussão de

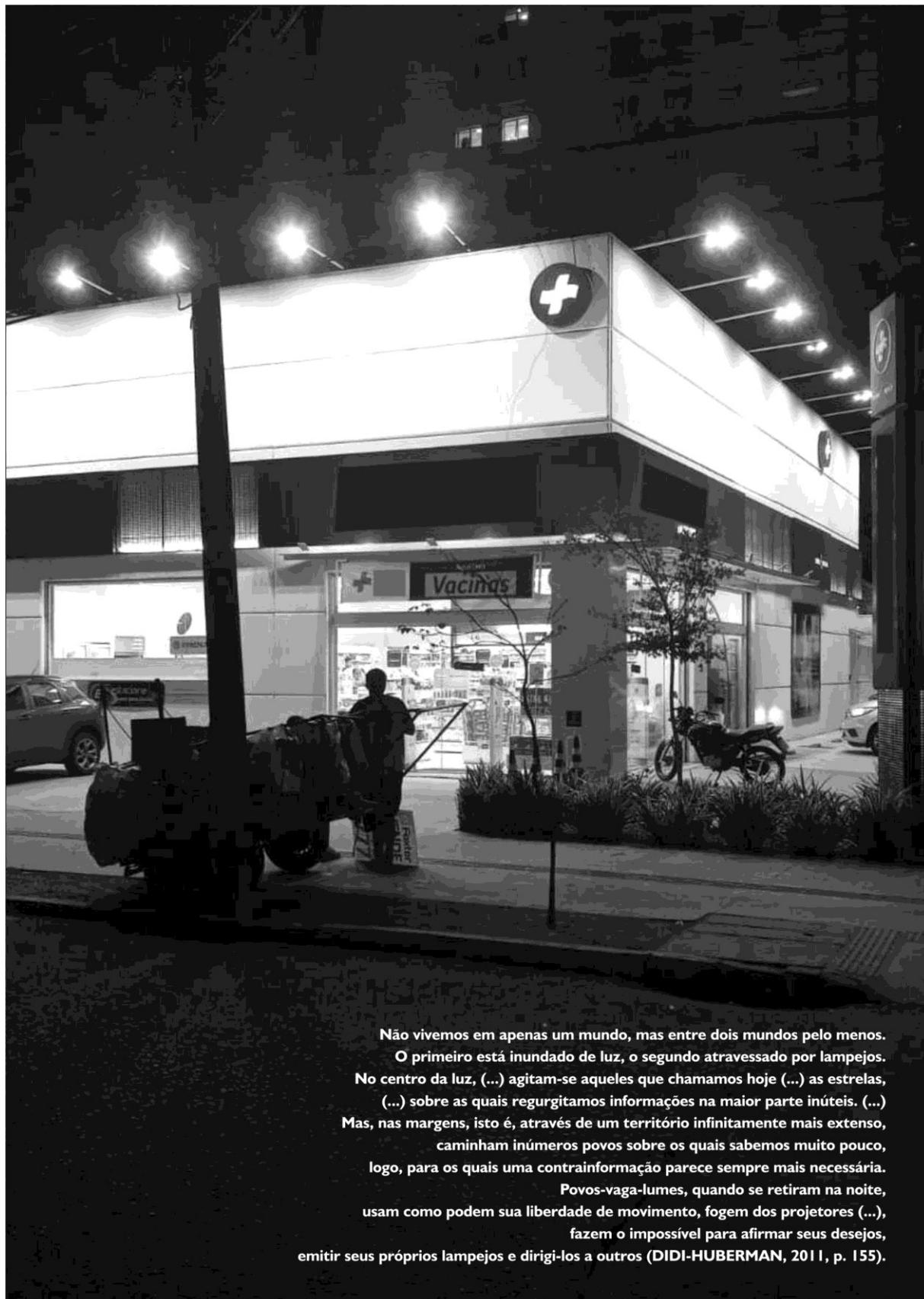
direito à cidade e cidade-mercadoria a partir de escritos de Vanessa Marx (2021), Luciano Fedozzi e Heleniza Campos (2022), Henri Lefebvre (2001), Ermínia Maricato (1985), David Harvey (2012), Pierre Dardot e Christian Laval (2010), Carlos Vainer (2001), Silvio Caccia Bava (2013) e Raquel Rolnik (2021). São conceitos que perpassam a condição do corpo-catador no Quarto Distrito, e que são bastante manifestos nessa região de Porto Alegre. O terceiro texto, Dromedário no asfalto, expõe o conceito de território a partir de Claude Raffestin (1993), Milton Santos (1994) e Marcelo Lopes de Souza (2001), discorrendo também sobre os processos de territorialização nas caminhadas de um corpo-catador, referenciando Daniele Caron (2019, 2020), Judith Butler (2018) e Tim Ingold (2022). Por fim, o quarto e último texto, Meu corpo é político, discorre sobre o corpo, símbolo da presença do catador de resíduos. A partir de Milton Santos (1994), Ana Clara Ribeiro (2007, 2012), Denise Sant’anna (2001), Judith Butler (2018), Pierre Bourdieu (1989), Fabiana Britto e Paola Jacques (2012), traz reflexões sobre o corpo humano, sobre o corpo-humano-catador e suas referências coletivas e resistências possíveis.

O capítulo 2, ‘Apreendendo a Experiência’, conta como foi a tecitura metodológica da pesquisa. Discorre sobre a narrativa aliada à cartografia e conta como o campo foi constituído – aproximação com os corpos-catadores-narradores, imersão do corpo-pesquisador no território juntamente com o corpo-catador, processo de escuta e forma de registro em diário de campo.

O capítulo seguinte, ‘Narrando a cidade’, privilegia a experiência constituída no campo e as reflexões por ela provocadas. Tais reflexões versam sobre as táticas praticadas pelos catadores de resíduos nos seus processos de territorialização, e de que maneira tais táticas tensionam o planejamento urbano voltado à cidade-mercadoria. Para organizar a análise do campo, as táticas são abordadas através dos conceitos de linhas-rota (relações corpo-catador com o espaço-físico) e linhas-vínculo (relações sociais do corpo catador). As reflexões, feitas em cima de fragmentos narrativos, são apresentadas por verbos que desses fragmentos emergem.

Em ‘O que resta’, quarto capítulo, é feita a costura das reflexões feitas no texto anterior com a retomada com a questão de pesquisa e conceitos discutidos no capítulo 1, produzindo uma discussão sobre interpretação de um outro ângulo da cidade, a partir do encontro da subjetividade do corpo-catador com o corpo-pesquisador.

Figura 5 – Interpelação: o vaga-lume pausa junto ao mundo inundado de luz



Não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos.
O primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos.
No centro da luz, (...) agitam-se aqueles que chamamos hoje (...) as estrelas,
(...) sobre as quais regurgitamos informações na maior parte inúteis. (...)
Mas, nas margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso,
caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco,
logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária.
Povos-vaga-lumes, quando se retiram na noite,
usam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores (...),
fazem o impossível para afirmar seus desejos,
emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 155).

Fonte: Autora

1 TECENDO PANOS DE FUNDO

1.1 UMA VERDADE INCONVENIENTE ²⁰

Crise ambiental planetária

O título deste texto, Uma verdade inconveniente, refere-se ao documentário norte-americano de 2006, apresentado por Al Gore, ambientalista e ex-vice-presidente dos Estados Unidos (durante a presidência de Bill Clinton). Nessa obra, o político faz uma tentativa de conscientização sobre o aquecimento global e pede ação imediata para conter seus efeitos destrutivos ao meio ambiente.

Vivemos em uma crise ambiental planetária. O PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (2022), refere-se a uma tripla crise planetária, pois revela-se em três problemas: (1) mudança climática, (2) perda da natureza e da biodiversidade, e (3) resíduos e poluição. Eles são relacionados entre si e colocam em risco a saúde humana e ambiental.

O debate sobre as questões ambientais ganhou relevância nas décadas de 70 e 80, alertando para a poluição e uso desmedido de recursos naturais. Intensificou-se na década de 90, que teve como referência a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), onde o debate em escala mundial sobre o equilíbrio entre economia, sociedade e meio ambiente procurou regular padrões de produção e consumo.

A agenda 2030, plano de ação global capitaneado pela ONU que visa a promoção da dignidade de vida para todos, apresenta, nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2022), propósitos claros que intentam acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Tais propósitos entrelaçam meio ambiente e pessoas, evidenciando que o gargalo existencial onde a humanidade se encontra não

²⁰ UMA VERDADE inconveniente. Direção de Davis Guggenheim. Estados Unidos, 2006.

é apenas uma crise ambiental, mas uma crise socioambiental – afinal, é a consequência da maneira como a sociedade produz a sua própria existência. É “um ataque à forma de vida insuportável que adotamos por livre escolha, essa fantástica liberdade que todos adoram reivindicar, mas ninguém se pergunta qual o seu preço” (KRENAK, 2020, p.22).

Toda a história da humanidade diz respeito a como as pessoas relacionam-se entre si e com o meio ambiente em que estão inseridas. Desde a pré-história, o ser humano tem transformado a natureza de diversas maneiras, com o uso do fogo, a construção de abrigos, dólmenes e menires. Começou a imprimir marcas maiores ao meio ambiente no período Neolítico, cerca de 10.000 A.C., quando deixou o nomadismo para dedicar-se à agricultura e à pecuária. Esta sedentarização foi a base para formar as primeiras sociedades, que não mais se adaptavam à natureza onde estavam inseridas, mas a exploravam de forma a adequá-la às suas necessidades.

Foi somente na segunda metade do século XVIII, porém, que a ação da humanidade sobre o meio ambiente começou a se alterar de forma tal que a natureza atualmente está reagindo, com violência e imprevisibilidade. A produção manual artesanal cedeu espaço à produção em massa de bens de consumo industrializados, majorada em termos de volume e distribuição. O aumento da produção, fruto dos processos industriais, incitou, conseqüentemente, o aumento do consumo de produtos. A geração de lucros de um sistema econômico mercantilista cedeu lugar à multiplicação de lucros por uma parcela pequena da população na velocidade da produção em massa, consolidando como sistema econômico o capitalismo industrial. Paralelamente e em decorrência dessa produção em massa, a Revolução Industrial teve como um dos desdobramentos diretos o impacto prejudicial causado ao meio ambiente: a relação entre homem e natureza transformou-se, evidenciando a capacidade humana de se sobrepôr ao ambiente natural. A intensificação da urbanização em decorrência da industrialização também provocou problemas relacionados aos resíduos sólidos, ocupação desordenada, desmatamento e contaminação de cursos fluviais.

Ao longo dos séculos seguintes, a produção capitalista consolidou-se, em um contexto que entendia progresso como aceleração, e crescimento como produto interno bruto. Boaventura de Sousa Santos (2002) refere o conceito de monocultura do tempo linear como a perspectiva da temporalidade ocidental de que a história tem

direção e sentido únicos e conhecidos. Tal direção e sentido foram representados por diversas definições nos últimos duzentos e cinquenta anos: desenvolvimento, globalização, crescimento, modernização e progresso. É um sistema que utiliza conceitos econômicos para justificar efeitos devastadores sobre o meio ambiente, pois a pilhagem da natureza de uma forma geral – seja a atividade pesqueira em grande escala, seja a mineração ou desmatamento, geram PIB e incrementam o índice de progresso em uma região. Ou seja, quanto maior a destruição do meio ambiente, diretamente proporcional é o desenvolvimento e crescimento econômicos. Assim, o progresso não é um fim que justifique o meio, que seria a destruição do meio ambiente. O progresso medido por índices econômicos é propriamente a destruição.

Figura 6 – Ilustração: Angelus Novus, Paul Klee, 1920.



Fonte: Museu de Israel, Jerusalém.

Disponível em:

<https://www.imj.org.il/en/collections/199799>

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1940)

Se a sociedade hipnotizada pelo consumo tivesse a capacidade de vislumbrar a catástrofe única vista pelo anjo de Paul Klee, talvez conseguisse desviar do caminho que segue e que a leva à devastação do planeta. Mas essa sociedade consegue apenas ver a cadeia de acontecimentos citada por Benjamin, como acontecimentos sucessivos e sem inter-relação. A natureza parece ter saído do seu eixo, e as populações indígenas dão-se conta disso. Davi Kopenawa, em *A queda do céu* (2015), continua a refletir sobre a devastação do planeta e a necessidade imediata de frearmos as pressões

desenvolvimentistas. O que o texto benjaminiano de 1940 chamou de catástrofe única, Kopenawa chama, 75 anos depois, de “a queda do céu”:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri (...) não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (KOPENAWA, 2015, p.8)

O livro é um alerta que o autor faz ao povo da mercadoria, como ele chama a sociedade do consumo, cuja relação com a natureza é baseada na exploração de recursos naturais e desrespeito aos povos originários. Ele discorre sobre a incapacidade de brancos ouvirem a floresta, preferindo permanecer surdos, porque se acham muito espertos com suas “peles de papel, suas máquinas e suas mercadorias” (KOPENAWA, 2015, p.508).

Eduardo Viveiros de Castro (2014), intenta elucidar esta postura frente aos acontecimentos como uma paralisia cognitiva frente à crise climática – por a questão ser extremamente complexa e gigante, depender de muitos parâmetros e iniciativas, as pessoas evitariam encará-la por não poderem dar conta da questão. O sociólogo termina a entrevista alegando que, assim como preconiza o presente trabalho, é preciso enfrentar a questão.

Em Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins (2014), Danowski e Viveiros de Castro também discorrem, de modo assertivo e com alguma ironia, sobre a necessidade de encararmos de frente a situação altamente provável de que sejamos nós - o povo do centro, com tecnologia avançada, psicofarmacologicamente estabilizados, dependentes de um consumo monumental de energia, sustentados por aparelhos de delicada e caríssima manutenção, que tenhamos muito em breve que reduzir a escala de nossos confortáveis modos de vida. Tal afirmação justifica-se pelo fato que a sociedade de consumo compra e ingere muito além do que necessita, produzindo assim

muito mais resíduo que geraria se consumisse com consciência das suas necessidades reais. É a sociedade do excesso: produz, consome e descarta excessivamente. A natureza não apresenta resíduos. É o exemplo mais claro de ciclos constantes e respeitosos com a vida. O ser humano produz muitos resíduos. “Somos cidadãos de um mundo globalizado, padronizado, saturado de objetos inúteis, alimentado à custa de pesticidas e agrotóxicos e da miséria alheia. Nós, cidadãos obesos de tanto consumir lixo e sufocados de tanto produzir lixo” (DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, 2014). Somos os corpos-produtores do excesso.

Hoje, o sistema socioeconômico em que vivemos, subserviente ao povo da mercadoria, e voraz pelo ganho de capital, continua explorando a natureza de forma expressiva. “Estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda”, reflete Krenak (2020, p. 23). A população consumidora, afastada dos meios de produção, ignora o real valor dos bens e a efetiva necessidade de adquiri-los. Krenak discorre ainda, no mesmo texto, sobre o descolamento da humanidade desse organismo que é a Terra e do quanto, paulatinamente, migramos para a vida em uma abstração civilizatória, que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida e de existência, afirmando a alienação e convencimentos próprios do antropocentrismo ²¹.

À margem dessa população vorazmente consumidora, contudo, existe a população que vive na escassez e dos restos desse consumo em excesso. São pessoas que, muitas vezes, organizam-se para reivindicações em conjunto. Assim, lutam não só por acesso a melhores condições de vida, mas pelo direito de mudar a cidade onde vivem através da sua luta.

²¹ Surgido com o Renascimento, em oposição ao teocentrismo dominante na Idade Média, o antropocentrismo traz o homem como centro do universo. Ailton Krenak, Débora Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Marisol de la Cadena, são autores, entre vários outros, que discorrem sobre como essa visão antropocêntrica da natureza deixou de fora muitos povos, lugares, seres e existências outras.

1.2 À MARGEM DO CONCRETO ²²

Cenário de disputa

O documentário brasileiro de 2007, *À margem do concreto*, traz o cotidiano de pessoas sem-teto que buscam uma moradia em São Paulo. O diretor acolhe os relatos de forma a descobrir as pessoas existentes além dos números e dos rótulos reproduzidos na imprensa, focando, dessa maneira, na luta vivida cotidianamente pelo direito à moradia, e conseqüentemente, pelo direito à cidade. O título também pode ser interpretado como a situação dos catadores no Quarto Distrito, que lutam da mesma forma pelo direito a trabalhar na catação, interferindo na cidade onde vivem.

A região do Quarto Distrito, em Porto Alegre, é nevrálgica no planejamento urbano da cidade por ser um dos projetos de reestruturação urbana em discussão histórica e atual, e por ser cenário da disputa entre dois projetos de cidade. De um lado, o que atrai a atenção de investidores, incorporadoras e outros agentes sociais relacionados a um padrão de acumulação capitalista, que incentiva o desmonte de instituições públicas, que desconsidera preexistências socioambientais e vê a cidade como uma plataforma de extração de renda. Do outro lado, o projeto que parte da forte articulação dos movimentos populares, que apresentam a resistência de atores que lutam por uma “economia fundada e organizada para suprir as necessidades da sociedade, portanto um instrumento de reprodução da vida biológica e social” (MARX, V.; FEDOZZI, L.; CAMPOS, H. Á., 2022, p.11).

Dessa forma, a região do Quarto Distrito é uma amostra manifesta dos desígnios de uma política urbana neoliberal, que a partir de meados dos anos 2000 vem se consolidando em Porto Alegre e intenta desestruturar instâncias de participação popular e a força de movimentos sociais. Apesar de tais manifestações sociais atuarem, desde a redemocratização, em prol da democracia local, paulatinamente vêm sendo fragilizadas por um contexto político que incentiva a fragmentação da cidade em planos

²² À MARGEM do concreto. Direção de Evaldo Mocarzel. Brasil, 2017.

específicos conforme o interesse do capital. Tal contexto vai de encontro à concepção de direito à cidade proposta pelo Observatório das Metrôpoles:

(...), constituindo-se em um programa político-ético que pode orientar as políticas públicas e as lutas sociais em geral, orientado pelos seguintes fundamentos: I) busca da produção, uso e apropriação da cidade, não mais submetida integralmente à lógica do mercado (...) e II) enquanto Experiência Urbana, conduzir as classes exploradas e dominadas à sua desalienação a partir do “direito à obra” (...), e, portanto, transformadas em sujeito do devir histórico. (MARX, V.; FEDOZZI, L.; CAMPOS, H.Á., 2022, p.16 e 17)

O segundo fundamento indicado na citação acima refere-se à Lefebvre, que em 1967 apresentou a expressão direito à cidade, pouco antes da onda de protestos iniciada em maio de 1968 na França (FERNANDES, 2018). Havia, de um modo geral, um potente movimento iniciado pelas juventudes engajadas na luta por direitos civis, oposição ao conservadorismo, crítica à guerra no Vietnã, entre outros - movimento esse que acontecia nas ruas, evidenciando a cidade como palco onde a resistência a um sistema baseado em relações capitalistas poderia acontecer. Assim, o direito à cidade não se limitaria aos direitos mínimos de acesso à infraestrutura, equipamentos urbanos e habitação, pois tais serviços poderiam ser fornecidos sem que houvesse descontinuidade do modo de produção capitalista. O direito à cidade seria justamente o rompimento, a publicidade do desgosto coletivo, a manifestação (LEFEBVRE, 2001).

No Brasil, consta o direito à cidade no Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257), desde 2001. Em 2016, o direito à cidade foi proclamado nos documentos das instâncias internacionais, na Conferência Habitat III das Nações Unidas²³. Configura-se, assim, como um direito juridicamente exigível.

Para além desses direitos juridicamente conquistados e garantidos, todo o ser humano tem direito de alterar de forma democrática o espaço onde vive, transformando a sociedade e cidade a partir da experiência coletiva que engendra o

²³ A Nova Agenda Urbana foi adotada na Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III), realizada em Quito (Equador), em 20/10/2016 e foi aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 23/12/2016.

cotidiano urbano. Tal renovação não se daria por uma decisão do Estado ou por iniciativa do urbanista, mas pela insurgência de cidadãos que irrompem em uma cena de insatisfação com o modo de vida imposto. Ermínia Maricato dá a essa insurgência o nome de cidadania:

A cidadania prevê o direito não apenas à terra, mas à cidade, com seus modos de vida, com seus melhoramentos, com suas oportunidades de emprego, de lazer, de organização política. Terra urbana, diante desse raciocínio significa terra urbanizada. (Maricato, 1985, p.8)

Harvey (2012) explora o conceito de direito à cidade, também, como um direito mais coletivo que individual, pois é que é um direito de mudar a nós mesmos através da mudança da cidade – segundo o autor, essa transformação depende do exercício de um poder comum para transformar os processos de urbanização. Traz a necessidade permanente de luta uma vez que os direitos humanos atualmente estão no centro do palco, enaltecidos continuamente para a construção de um mundo melhor, mas tal construção não desafia a lógica hegemônica de mercado nem os modelos dominantes de legalidade e de ação do Estado.

Em seu livro *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal* (2010), Dardot e Laval argumentam que o neoliberalismo transformou a cidade em um espaço mercantilizado, onde os interesses do mercado prevalecem sobre as necessidades e desejos das pessoas. Eles criticam a lógica neoliberal que transforma a cidade em um produto de consumo a ser vendido, lucrativo para os investidores, negligenciando as necessidades que quem nela vive propriamente. Nesse contexto, estabelece-se uma conexão entre as ideias de Dardot e Laval e o direito à cidade, pois uma cidade cuja gestão serve aos interesses do capital, tem sua produção e reprodução do urbano como negócio, como fonte de lucro, estando a esfera econômica descolada do tecido social e encontrando-se limitado o poder dos cidadãos de participar ativamente nas decisões que afetam suas vidas urbanas. Inclusive, a própria expressão “direito à cidade” pode ser aliciada para uso por publicidade favorável ao capital (capturada assim pelos governos ou setores imobiliários), esvaziando-se, dessa forma, do seu caráter mais genuíno que é a potência reivindicatória, ou expressão da democracia. À vista disso, é no conflitante encontro entre a democracia e o

neoliberalismo, que está a cidade voltada ao capital, pois a ideia de neoliberalismo refere-se ao encolhimento do espaço público dos direitos e o alargamento do espaço privado dos interesses do mercado, apunhalando o coração da democracia (CHAUI, 2020).

Neoliberalismo não é a ausência do Estado, e sim o Estado cooptado para exercer uma posição subserviente ao capital. A caracterização de uma cidade voltada ao capital foi explorada por Vainer (2000), que discorre sobre a cidade-mercadoria, um conceito que seria uma das ideias mais populares entre os neoplanejadores urbanos. Refere a cidade como “uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo, em que outras cidades também estão à venda” (VAINER, 2000, p. 78). Para estar à venda, essa cidade tem um comprador em potencial e está inserida um processo de planejamento estratégico inspirado em conceitos do planejamento empresarial. Daí o conceito decorrente de cidade-empresa, (VAINER, 2000; CHAUI, 2020) em que o Estado deixa de ser uma instituição pública regida pelos valores e princípios da legalidade e legitimidade republicano democráticas e passa a ser considerado uma empresa. Isso explica porque a política neoliberal se define pela eliminação dos direitos econômicos, liberais e políticos garantidos pelo poder público em proveito dos interesses privados e eis porque os governantes são chamados de gestores. Assim, o sistema neoliberal não luta propriamente pela diminuição do Estado, mas especificamente contra práticas e posicionamentos estatais que regulem ou impeçam a exploração da classe trabalhadora.

Bava (2013), ilustra como a vida nas cidades se transformou numa mercadoria, revelando a incapacidade reguladora do Estado em defesa do interesse público: espaço público fragmentado, privatizado, segregado. Bairros ricos estão de um lado com todos os serviços públicos disponíveis, *shoppings*, espaços de lazer e polícia privada garantindo a segurança. Do outro lado, bairros pobres e favelas, ocupações com habitações precárias autoconstruídas, irregularidades, falta de saneamento, áreas de risco sujeitas a deslizamentos e inundações, sem equipamentos de educação e saúde e sem transporte público adequado.

Rolnik (2019) discorre sobre as paisagens produzidas pela cidade-mercadoria, denominando-as paisagens da renda, as quais apresentam produtos imobiliários idênticos instalados em diversas cidades que circulam livremente pelo mercado financeiro internacional. São produtos pasteurizados, vazios de cultura e história.

Salienta que o ideal de cidade ocidental com o qual operamos foi construído durante a era colonial e se desenvolveu, no período neoliberal, na direção de um certo paradigma de desenvolvimento e de acumulação de capital. O contraponto das paisagens para a renda são as paisagens para a vida (Ibidem). O desenvolvimento das paisagens para a vida, segundo a autora, teria como premissa a descolonização da imaginação planejadora, cujo princípio insiste na ideia de modernização de todo plano e toda política pública.

Uma manifestação recente na cidade de Porto Alegre (uma entre tantas) do quanto o poder público articula-se com o mercado na produção de espaços vazios de vida, é o caso do Parque Harmonia²⁴, cuja obra foi paralisada no início de julho. Tal paralisação foi provocada pela manifestação popular, e justificou-se pela evidente devastação ambiental em curso no local. Concedido pela Prefeitura de Porto Alegre para a exploração comercial da empresa GAM3 Parks, o Parque Harmonia, que está na espessura da história afetiva da cidade, foi descaracterizado em intervenções (injustificada movimentação de terra, pavimentações sobre áreas livres permeáveis, retirada não prevista de árvores, destruição do habitat de aves, etc) feitas de forma inconsequente, desrespeitando diretrizes previamente acordadas e a autoria do projeto aprovado. A afronta não foi somente à população, mas principalmente à natureza, cuja paisagem foi negligenciada pelo Poder Público e devastada pelo poder privado. O discurso do Poder Público que indica a intenção de “qualificação do espaço” para transformá-lo em um “cartão postal” da cidade parece ignorar a paisagem campeira que ali existia, caracterizada pelos gramados então existentes e pela biodiversidade que inclui(a) mata nativa de restinga e pequeno banhado. Tais especificidades, são, no contexto de uma cidade-mercadoria, usurpadas da população, que recebe uma contrapartida pasteurizada com “retorno mercadológico”. Tal pasteurização pode satisfazer uma sociedade de consumo, mas não é aceita por quem preserva sua história, por entender que “é próprio da dinâmica social produzida pela instalação desses projetos operar uma silenciosa gentrificação das áreas públicas e falsear a sua natureza de equipamento de uso universal, sem distinções” (ALMEIDA, 2023) .

²⁴ Optei por utilizar nesta escrita o nome popular do parque, ao invés do nome oficial e vazio de significado “Parque Maurício Sirotsky Sobrinho”.

Outro exemplo da interferência do ideário da cidade-mercadoria em Porto Alegre, no caso específico do Quarto Distrito, refere-se à recente disputa pelo “prédio mais alto na cidade”. Ilustra novamente como o planejamento da cidade-mercadoria tem como nexos centrais a problemática da competitividade urbana, relegando a um segundo plano (ou de fato, abandonando) a gênese do planejamento, que deve se debruçar em temas como crescimento desordenado, reprodução da força de trabalho, equipamentos de consumo coletivo, movimentos sociais urbanos e racionalização do uso do solo (VAINER, 2000). Nas últimas semanas a construção de uma edificação de 130 metros de altura em área próxima ao aeroporto Salgado Filho foi autorizada pela Aeronáutica. Chama a atenção o fato de tal projeto ter a autorização negada em 2022, pois, à época, a altura máxima permitida para construção naquela região, que inclui os bairros São Geraldo, Navegantes, Floresta, Humaitá e Farrapos, era de 52 metros – ou seja, a altura então proposta violava a superfície limitadora de obstáculos do aeroporto. O que supostamente possibilitou a recente autorização foi a sobreposição de dois fatores – primeiramente, a eliminação do limite de altura com a LC 960/22 (Programa +4D de Regeneração Urbana do 4º Distrito de Porto Alegre), em outubro de 2022. Em segundo lugar, a declaração, pela Prefeitura Municipal, de que tal edificação seria de interesse público, o que alteraria os critérios de análise do pedido pela aeronáutica. Não houve alterações de ordem técnica de forma a garantir que o prédio não tenha potencial de interferir no tráfego aéreo que chega e sai do aeroporto. Não houve alterações de ordem técnica, que tenham sido disponibilizadas publicamente, que justifiquem tal aprovação. Da mesma forma, não há evidências dos critérios apresentados pela Prefeitura Municipal para que o projeto autorizado apresente interesse público.

MARX, V.; FEDOZZI, L.; CAMPOS, H. Á. (2022) discorrem sobre a implementação do modelo de cidade-mercadoria:

(...) requer a desconstrução da participação social, em especial dos extratos populares, e identificam o retorno às práticas clientelistas, na medida em que elas possibilitam uma interlocução fragmentada e controlada com as periferias, sem necessidade de um sistema baseado em regras universalistas e impessoais. (p.135)

Assim, na operação de práticas clientelistas, as negociações e contrapartidas podem ser entendidas como caridade e não como um direito. Tal entendimento acaba por esvaziar as periferias e outros atores de capacidade de oposição e protesto.

A atual administração de Porto Alegre, de caráter neoliberal-conservador, tem operado de forma a fragmentar o tecido urbano em planos e projetos especiais (JORNAL DO COMÉRCIO, 2021) justamente em meio ao processo de revisão do Plano Diretor. Atualmente, o Quarto Distrito é um dos projetos de Reestruturação Urbana em discussão na Administração Municipal, juntamente com a Orla do Guaíba e o Centro Histórico. Desde meados da década de 90, o Quarto Distrito é identificado como uma região de potencial tecnológico, e posteriormente com vocação para negócios de inovação e criatividade.

Assim, baseando-se na experiência de Barcelona (Distrito22@)²⁵, agentes privados e públicos têm articulado a projeção internacional de Porto Alegre como “Distrito da Inovação”. Em outubro de 2022, foi sancionada a LC 960, conhecida como Programa +4D de Regeneração Urbana do 4º Distrito de Porto Alegre (PORTO ALEGRE, 2022). A mesma lei que propõe incentivos para o adensamento da região, que prevê a pintura das fachadas de imóveis abandonados como forma de valorizar seu entorno, e propõe investimento público para obras nas vias, não foi devidamente disponibilizada para discussão popular. “Para os ricos, isenção. Para os pobres, exclusão” (SUL21, 2022), dizia faixa de protesto em meio à sessão na Câmara de Vereadores na ocasião da votação da lei. A Prefeitura de Porto Alegre fala de forma incisiva sobre o “desenvolvimento” da região, sobre o seu “potencial”, e outras expressões de efeito. Mas cala-se no momento de discorrer sobre as ocupações e os catadores de recicláveis que vivem no local. Em reportagem do jornal Sul21 (idem), há a informação que duas mil famílias estariam ameaçadas de despejo e remoção segundo o Fórum Popular 4º Distrito, articulação popular que reúne representantes das 19 comunidades em situação irregular na região. A mesma reportagem traz que o programa de revitalização prevê regularização das casas do loteamento Santa Terezinha, popularmente conhecida como Vila dos Papeleiros, porém, em contato com o representante da Vila, soube-se que não

²⁵ Projeto de renovação urbana em antiga área industrial de Poblenou, Barcelona.

houve consultas oficiais com os moradores do local. A Prefeitura também diz que haverá negociação para o reassentamento e formalização de pequenos negócios com recicláveis e atividades informais, porém, o planejamento de tais ações não se encontra detalhado nas informações oficiais da Prefeitura, ao contrário da lista significativamente grande de benefícios a “empreendedores” que quiserem ocupar aquela região.

Figura 7 –cidade-mercadoria: imagem/discurso *versus* realidade



Fonte: sul 21

Em consulta às 24 páginas da LC960, não há qualquer menção aos catadores individuais de resíduos recicláveis que vivem na região. Em dois momentos constam, de maneira vaga, referências às Unidades de Triagem. Primeiramente, no artigo 6º do

Capítulo III (Das Ações e das Intervenções) como um dos itens que terão de ser necessariamente observados na consecução dos objetivos do Programa: “(...) a qualificação das Unidades de Triagem existentes no território do Quarto Distrito, promovendo ações de ampliação de sua capacidade produtiva, melhoria de condições de trabalho e promoção da integração de seus colaboradores na economia formal”. Em um segundo momento, no mesmo capítulo, consta que “(...) As Unidades de Triagem serão objeto de ações que envolvam a capacitação de seus colaboradores, a fim de aperfeiçoar o trabalho operacional e de gestão, aquisição de máquinas e equipamentos para beneficiamento do material reciclado dentro da própria unidade, melhorias nas instalações físicas das unidades e seu entorno, e programas de regularização urbanística e jurídica”. Da mesma maneira vaga, a Lei fala em “ações de inclusão social, capacitação da comunidade local, implementação de programas de recuperação social para adultos e adolescentes em situação de vulnerabilidade social”, porém, ao contrário da maneira detalhada que fala da flexibilização das normas urbanísticas para o dito “desenvolvimento” da região, o Programa 4D+ não infere como poderão ocorrer tais ações de inclusão social. É o que atesta Vanessa Marx, em artigo sobre as transformações urbanas no Quarto Distrito, onde refere ser importante mencionar que:

Embora os catadores sejam uma presença histórica e tenham uma atuação importante no território, nos projetos atuais de revitalização estes estão ausentes, tanto em termos das alianças priorizadas pelo poder público municipal quanto em relação aos objetivos das iniciativas proposta (MARX et al, 2021, p.291).

Na arena discursiva do Quarto Distrito (Figura 8), os catadores individuais de resíduos urbanos são atores sociais em estado permanente de luta. Ocupam uma posição central por corporificarem a complexidade das contradições lá existentes. A arena é trazida enquanto espaço de disputa da cidade. A condição de discursiva refere-se às tensões existentes nesse espaço entre os discursos oficial e não oficial.

Figura 8 – A arena discursiva do Quarto Distrito



Fonte: Elaborada pela autora

Do ponto de vista político, todos os cidadãos apresentam aptidão para participar das decisões – política, afinal, não é uma questão técnica de eficácia administrativa e nem uma questão científica de conhecimentos especializados (CHAUI, 2020). A participação deve ser coletiva, pois é a ação de todos quanto aos interesses da própria sociedade. Tal representação social, contudo, tão cara à constituição da democracia, tem sido desencorajada pelo sistema neoliberal, que, por meio de um Estado autoritário aliado ao mercado, pratica violências cotidianas (apagamentos, remoções, supressão de direitos, privatizações, etc) que fortalecem seu ideário.

Assim, no cenário de disputa no Quarto Distrito, ao manterem cotidianamente seu movimento, sua caminhada e seu processo de territorialização, os catadores corporificam a luta contra o discurso da eficácia e da liberdade individual proposto pelo neoliberalismo. Procuram exercer, à sua maneira, conformações da cidade onde vivem.

1.3 DROMEDÁRIO DO ASFALTO²⁶

Corpos errantes

O filme brasileiro-uruguaio que dá título a este subcapítulo apresenta a experiência de um jovem que, na busca por seu pai, atravessa a fronteira entre Brasil e Uruguai a pé, movimentando o corpo, sentimentos e memórias afetivas. O andarilho traz a mochila às costas, se assemelhando à figura do animal do deserto. Semelhantemente à protagonista do filme, os catadores do Quarto Distrito também carregam (e arrastam, equilibram e puxam) a carga junto aos seus corpos. A representação da corcova do dromedário pode ser lida não somente no sentido literal do peso, mas como uma analogia ao fardo diário imposto a quem trabalha nas ruas do Quarto Distrito, uma planície árida como o habitat do animal que dá título ao filme.

Enquanto seres errantes, os catadores de resíduos apresentam respaldo para compreender o que é se deslocar no espaço público e propriedade para debater e propor políticas públicas relacionadas ao planejamento urbano (CARON et al, 2020.

²⁶ DROMEDÁRIO do asfalto. Direção de Gilson Vargas. Brasil/Uruguai, 2015.

V!RUS). No seu contínuo processo de territorialização, encarnam saberes e tensionam o modo como o planejamento urbano é operado através de práticas de resistência.

O conceito de territorialização, por si só, já remete à ideia de processo, de movimento de apropriação do espaço. Esta dissertação, porém, refere-se também a **processos de territorialização** como modo de fortalecer a ideia de continuidade, de algo que se faz aos poucos, neste caso, pelas mulheres e homens lentos (SANTOS, 1994) do cotidiano das ruas do Quarto Distrito.

Raffestin (1993) traz a ideia de território enquanto espaço apropriado. Segundo o geógrafo, o território é um espaço onde se projetou um trabalho. Ao se apropriar de um espaço o agente realiza uma ação, desenvolvendo a territorialização do espaço, que resulta no território. Dessa forma, o espaço é considerado matéria prima, pois é preexistente a qualquer ação e/ou comportamento, podendo se traduzir em territorialidades. O geógrafo discorre sobre o caráter político-administrativo do conceito de território, que seria o espaço apropriado por uma relação de poder. Ele amarra o conceito de território com Estado Nacional e o poder, nesse contexto, é determinante para a conformação do território – o povo que nele vive conta com essa expressão territorial. Assim, o autor enfatiza uma categoria essencial para a compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Esse encadeamento encontra-se, assim, expresso em todos os níveis das relações sociais.

Souza (2001) vai ao encontro da definição de Raffestin no entendimento que o espaço definido e delimitado por relações de poder é um território. Foca a abordagem, contudo, nos aspectos político e cultural do território, pois reconhece o estabelecimento de relações de poder como forma de lidar com conflitos por diferenças culturais. Segundo o autor, tanto um quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens como o bloco constituído pelos países membros da OTAN seriam territórios, pois ambos são espaços definidos e delimitados por e a partir de relações de poder. O autor discorre também sobre o caráter de intermitência (territórios cíclicos) e de mobilidade (territórios móveis). Exemplifica um território cíclico com uma área urbana que de dia é ocupada por pessoas trabalhando em comércio e oficinas e, à noite, por prostitutas e seus clientes, ou seja, o território muda. Já a mobilidade territorial pode ser vista no

exemplo de uma área que, um ano antes, era dominada por prostitutas, e após este período passou a ser controlada por travestis.

Santos (2005) refere a importância da constante revisão do conceito de território, pois, sendo o objeto da análise social não o território em si mesmo, mas o seu uso propriamente, varia conforme o contexto histórico em que está inserido. O autor traz o conceito de território usado (SANTOS, 2000) para referir-se a espaço geográfico como forma a valorizá-lo enquanto resultado do processo histórico e a base material e social das novas ações humanas. Tal ponto de vista permite uma consideração abrangente da totalidade das causas e dos efeitos do processo socio territorial. A expressão território usado, mais que espaço geográfico, parece, no entendimento do autor, que carrega a ideia do espaço banal, da ordinariedade:

(...) Todos os elementos e a (...) inter-relação entre os fenômenos.
(...) o espaço de todos, todo o espaço. Trata-se do espaço de todos os homens, não importa suas diferenças; o espaço de todas as instituições, não importa a sua força; o espaço de todas as empresas, não importa o seu poder. (...) espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social (SANTOS et al, 2000, p. 3).

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares conflitantes – ou seja, refletir sobre tal conceito implica pensar as relações entre lugar, formação socioespacial e o mundo. O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.

O Quarto Distrito, enquanto território usado, apresenta catadores de resíduos que se movimentam e inscrevem cotidianamente no espaço urbano trajetórias de luta pelo direito à existência, estando, então, continuamente em processos de territorialização. Os percursos traçados ordinariamente pelos catadores são por eles apropriados, e dão-se na forma de linhas. Ingold (2022), propõe conceber uma antropologia através de linhas de vida, de linhas de crescimento, como as verificadas nos caminhos de um catador de recicláveis. O meio onde a vida se faz não é não uma rede de pontos interconectados, mas um emaranhado de linhas entrelaçadas. Segundo Caron (2019), a visibilização desses sujeitos e das subjetividades que fundam o modo de

olhar a cidade é um percurso necessário para romper com discursividades hegemônicas que têm sido legitimadas ao longo do tempo em detrimento das vozes de grupo sociais menos favorecidos política, social e economicamente.

Se o território apresenta diversas e dinâmicas interpretações e propriedades de movimentação, de nascimento e desaparecimento (SOUZA, 2001), discorrer sobre processos de territorialização, passa a ser uma incumbência valiosa para o planejamento urbano. O processo de territorialização é incessante, assim como os conflitos sociais também o são, conflitos esses existentes entre diferentes grupos sociais, com diferentes exigências e possibilidades de exercício de poder.

Coletar resíduos envolve consciência. De onde pode circular, de onde é seguro, de onde tem dono, do que é passível de venda. Os catadores de resíduos estão atentos às linhas de vida nas ruas da cidade. Sabem os diferentes horários em que as empresas descartam seus resíduos recicláveis, e respeitam os locais previamente ocupados por outros catadores. No Quarto Distrito, existem laços de identidade e pertencimento entre os catadores individuais de resíduos recicláveis e entre eles e a comunidade em geral que lá vive. Assim, os processos contínuos de territorialização, que se dão nos movimentos e nas trajetórias dos seus corpos no ato de coletar resíduos, mostram sensibilidades culturalmente emaranhadas entre a precariedade do entorno e a luta desigual entre os atores que disputam aquela área da cidade - onde sabemos que, segundo Butler (2018), “a inclusividade completa não é possível, mas a luta é permanente (p. 9)”.

1.4 MEU CORPO É POLÍTICO²⁷

Corpos que carregam, puxam, arrastam

O título deste texto dá nome ao documentário sobre disputas políticas de ativistas moradores das periferias de São Paulo. Partindo do princípio que todo movimento de resistência inclui o ato de ocupar espaços, o filme mostra pessoas atuando com seus corpos de forma a garantir sua visibilidade e lugar de fala, da mesma

²⁷ MEU CORPO é político. Direção de Alice Riff. Brasil, 2017.

forma que os corpos-catadores apresentam um significado político ao exercerem sua atividade cotidiana nas ruas do Quarto Distrito.

Meu passo distraído vai pela Independência...
 ao que me deparo com uma cena inusitada.
 Havia um container...
 Uma senhora dele se aproxima com um saco de lixo.
 Do container, sai uma mão...
 como se ali um *drive-thru* de resíduos fosse.²⁸

Discorrer sobre a presença e a re-existência dos catadores de resíduos, enquanto dispositivos de territorialização, suscita o pensar sobre o **corpo-catador**. A historiadora Sant'Anna (2001) traz, em ensaios reunidos durante uma década, reflexões várias que remetem à questão do que vem a ser um corpo humano. Fala sobre a atual exploração comercial dos corpos e o imperativo de beleza e saúde, que “gera percepções sem detença, indivíduos reduzidos a turistas, consumidores vorazes de novidades, organismos liberados de seu patrimônio cultural e genético, incessantemente ameaçados pelo risco de descarte e isolamento” (Ibidem, p.11).

Sem pretensões de chegar a um desenlace para a questão do que vem a ser um corpo humano, Sant'anna propõe a criação de elos entre cada corpo e o coletivo, conectando-o ao que ela chama de espessura da história, que, por fazer parte do mundo ordinário, das coisas banais, é uma realização sempre em curso. Traz ponderações sobre a velocidade dos corpos, cuja percepção em relação ao espaço foi alterada primeiramente com os trens e posteriormente com os automóveis. Com os aviões, o culto à velocidade foi fortalecido, e, os corpos, abstraídos e desmaterializados:

Vista do avião em pleno vôo, a Terra se assemelha a uma superfície plana, uma totalidade de pontos e linhas. Fotografando o planeta contemplado do céu, as imagens sem alto nem baixo se liberam das leis da perspectiva (...) como se as coações e as disparidades terrestres fossem subitamente amenizadas, aplainadas, abstraídas (SANT'ANNA, 2001, 15).

Assim, “velocidade, abstração e relatividade formam o tripé de inúmeras experiências humanas posteriores ao advento do automóvel e do avião, funcionando

²⁸ Diário de campo, 15/04/2023, 07:50h.

como condição de sucesso, poder e riqueza” (SANT’ANNA, 2001, p. 16), evidentes manifestações de um poder simbólico em uma sociedade de consumo. A historiadora ainda reflete, sequencialmente, que se a velocidade dota a natureza e as coisas de uma mobilidade inusitada, a lentidão realça a “força de sua presença, tornando incontornáveis as singularidades da paisagem. A lentidão com seu charme e seus imponderáveis” (Ibidem, p. 17).

Isso posto, o conceito de homem lento, proposto por Santos (1994), que interpela “as manifestações mais fortes da ideologia dominante, como as relacionadas com a velocidade e a eficácia, permite enaltecer e aprender com as experiências dos outros” (RIBEIRO, 2012, p. 3). Tal modo de o corpo se relacionar com o espaço que ocupa e com os “arranjos sociais lentamente decantados” (Ibidem) não obrigatoriamente é antagônico à velocidade. Tampouco a lentidão “deveria definir-se pelo que supostamente lhe falta. Pois ela não resulta de um traço defeituoso do corpo ou caráter, não significa apatia, falta de imaginação ou de energia” (SANT’ANNA, 2001, p. 17). Junto à pressa que clama por velocidade, está a lentidão, necessária, ousada e resistente. Coexistem. A economia moderna da cidade, entre luminosidades e velocidades necessita dos subterrâneos da economia urbana, com seus espaços opacos e lentidões.

Corpos-catadores do Quarto Distrito, no lento movimento cotidiano, são comumente hostilizados por uma sociedade que considera o espaço público uma mercadoria, e a presença do corpo-catador, uma apropriação indevida. Tal hostilização, fruto da ignorância deliberada sobre a destinação dos resíduos que produzem, divide momentos com atitudes de comiseração, reforçando a caracterização dos catadores como sujeitos de falta, dignos de piedade e não sujeitos de direito. Nesse sentido, o corpo-catador pode assumir um caráter caricato, que inspira filmes nos quais aparece em ângulos específicos com seu carrinho e uma música emotiva ao fundo, motivando suspiros de conformação e semblantes de solidariedade que não hesitam em enaltecer o trabalho do catador, dizendo o quanto é lutador, que é guerreiro, e que “Deus deve ajudá-lo”. As mesmas pessoas que referem sentir “pena” desse corpo-catador, muitas vezes são pessoas também menos favorecidas. Sentir-se-iam impelidas a ter compaixão por esse corpo-catador pelo fato de ele estar manipulando resíduos? Nesse sentido, a violência sofrida pelo corpo-catador não seria somente o ato de catação de sol a sol em si, ou o caminhar exaustivo. É a violência simbólica (Bourdieu, 1989), cotidiana, exercida

“com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que a (o) exercem” (Ibidem, p. 7). Por quem assume e defende o discurso de que o catador de resíduos deve receber caridades e não direitos, e que, se ele “der duro”, “acordar cedo e trabalhar”, “vai chegar lá”. Tal discurso, baseado em um engodo que usa o nome de meritocracia, é absorvido inclusive entre os catadores.

Gentil. Educado. Barba ruiva.
Me lembrava o Hique Gomez na aparência,
mas com o jeito mais discreto do parceiro Nico Nicolaiewsky.
“Trouxe para as senhoras”.
Vaidoso, depositou na janelinha do café da Ksa Rosa meio pacote de café
premium. Olhou para o bolo que trazia na outra mão e disse,
como que fugindo do assunto:
“Bom, isso...isso eu ainda tenho
que descobrir o que é”.
Eu olhei aquele bolo... resto de bolo de festa.
“Onde tu conseguiu isto?”
Ele me olhou, meio que virou a cara...
não queria dizer a origem.
Me disse: “Foi Jesus que me deu”.
Daí dirigiu-se a outro catador,
provavelmente porque o considerava seu par:
“Deus ajuda quem cedo madruga.
Às 6h eu já estava no container”²⁹

Referenciando as colocações acima, cabe analisar o corpo-catador à luz de Bourdieu (1989). O conceito de poder simbólico tangenciou toda a escrita desta dissertação e parece ser um olhar necessário para entendermos o tensionamento existente e possíveis caminhos. Entendendo o poder simbólico (Ibidem) como a força que faz com que a massa social (no caso, os dominados, ainda que não se vejam assim) pense o mundo com a visão da classe dominante, vislumbramos a força do discurso ligado, neste caso, à categoria simbólica de tudo que se refere a restos, resíduos, lixo e, naturalmente, à pessoa catadora.

A ideia de que o resíduo é algo ruim, que deve sumir, que não nos diz respeito, e, principalmente, de que o corpo-catador é alguém com menos direitos, vem de uma cultura dominante que contribui para a “desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas” (Ibidem, p. 10), e, com isso, há maior possibilidade de a sociedade seguir

²⁹ Diário de campo, 15/04/2023, 09:21.

padrões de comportamento que legitimam tal ordem estabelecida. Dessa forma, aprendemos a pensar que o resto de nós – tudo que sobra em função da nossa existência, não sirva mais – afinal, vivemos em uma economia linear de existência. Por causa do poder simbólico, passamos a reproduzir essa ideia como a certa. É uma definição a qual já nos foi ensinada dessa maneira – as pessoas, assim, se relacionam com os resíduos que produzem com base nas expectativas sociais que tal palavra gera. A imagem historicamente construída para o que seja “o resto” direciona nossas atitudes em relação aos resíduos e, conseqüentemente, para o modo com que nos relacionamos com as pessoas que trabalham com resíduos.

O poder é simbólico não por ser ínfimo ou figurativo, mas, pelo contrário, por ser artiloso, sorrateiro a ponto de dificultar sua identificação, e, conseqüentemente, seu entendimento. A cada momento que pensamos ou verbalizamos ou sentimos que os resíduos não são responsabilidade nossa, e que o catador de resíduo executa um trabalho insignificante, estamos reproduzindo o poder simbólico na prática.

O catador de resíduos, que interpela a cultura da velocidade, que é ora hostilizado, ora visto como um sujeito de falta, ocupa, nos percursos que faz, um espaço além do seu corpo humano. Esse corpo-catador apresenta extensões-objetos, como o carrinho de recicláveis ou o carrinho de supermercado. Se não há carrinho, há sacos de lixo, que engenhosamente o catador os encaixa em seu corpo humano. Se não há sacos de lixo, pode ser uma *bag*³⁰, que segue arrastando e fazendo barulho pelas ruas por onde passa. Por vezes é necessário otimizar o espaço do seu corpo-extensão carrinho, complementando as estruturas laterais para ganhar altura de armazenagem. Em outros momentos, para exercer sua atividade cotidiana, o corpo-catador lança mão de outra extensão para potencializar a coleta – é um bastão, ou pedaço de cabo de vassoura, que carrega para escorar a tampa dos contêineres de resíduos, enquanto lá dentro está. A prática, cada vez mais comum nas ruas de toda a cidade, chama mais atenção pelo fato de tais contêineres estarem dispostos para receberem apenas orgânicos e rejeitos - jamais resíduos recicláveis. Apesar da ostensiva orientação que todo contêiner apresenta referente à correta destinação dos resíduos, a população continua

³⁰ Sacola grande, geralmente feita em polipropileno trançado. Apresenta muita capacidade de armazenamento e resistência, e é usada para transporte de produtos sólidos em geral, inclusive resíduos recicláveis.

massivamente desprezando o fato de que é responsável pela destinação dos restos que produz.

Figura 9 – Carrinho adaptado para “ganhar corpo” e bastão para escorar tampa do contêiner.



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 10 – Extensões do corpo-catador: saco, carrinho, bag



Fonte: Elaborada pela autora

A ação dos corpos-catadores no seu cotidiano pode ser interpretada como uma evidência da crise socioambiental em que estamos imersos, e mostra uma resistência constante a um contexto que invisibiliza esses corpos, que carregam junto de si os restos de uma humanidade que consome desenfreadamente. A palavra corporificação³¹. refere-se ao ato ou efeito de dar corpo a alguma coisa, de tornar matéria algo intangível, concretizar. Nesta dissertação, esta palavra é usada em dois momentos, que se referem a perspectivas semelhantes e complementares.

A primeira perspectiva refere-se à **corporificação da crise socioambiental planetária** pela pessoa que cata resíduos recicláveis. Diz respeito não a tomar a crise para si, mas a torná-la explícita na sua atividade errante cotidiana. Ao recolher e movimentar os resíduos que encontra pelo caminho, escancara à sociedade as sobras do seu consumo descontrolado, restos esses carregados agora por um outro ser humano. Os catadores carregam junto ao próprio corpo as marcas dessa acumulação inconsciente expondo, assim, a própria crise da humanidade. Ailton Krenak provoca o leitor de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020), com o questionamento do que seria esta humanidade da qual fazemos parte, que se alienou da natureza e a transformou em mercadoria. Humanidade essa, que como hoje é concebida, não seria a dele.

A segunda perspectiva dessa palavra refere-se ao conflito diário vivido pelos catadores de resíduos recicláveis urbanos no contexto da sociedade neoliberal. São pessoas em permanente estado de luta, seres cuja presença pelas ruas apresenta um significado político – não por discursos escritos ou falados, mas pelo corpo que ocupa um espaço no qual não apresentaria legitimidade para estar conforme o ideal do sistema socioeconômico vigente, articulado para manejar o discurso de forma a definir quem está e quem não está incluído na sociedade (BUTLER, 2018). Na sua errância, o catador coloca em xeque as hierarquias do discurso autorizado, em que certos saberes prevalecem sobre outros (RIBEIRO, 2017), **corporificando uma re-existência diária**. Tal expressão é analisada no artigo *Existência enquanto re-existência em tempos de medo* (ARRUDA e FONSECA, 2019). Nele, os autores discorrem sobre modos de existência que sejam alternativas aos tempos de medo, e intentam dar consistência ao ato de re-existir

³¹ <https://www.dicio.com.br/corporificacao/>

como um gesto político cuja ética busca uma mudança social tanto menos ambiciosa quanto mais sensível:

Diante disso, se esclarece a potência de uma existência enquanto re-existência. Parece que re-existir seja um direito de existência vivo e manifesto. Trata-se do gesto, da forma como um ser existe e existe de fato. É a maneira pela qual um ser consegue encontrar a possibilidade imanente de sua existência, compondo com as circunstâncias e os agentes próximos (Ibidem, p.217).

Assim, o caminhar de quem cata resíduos recicláveis é, ao mesmo tempo, a encarnação física da crise socioambiental e a reivindicação materializada pelo direito à cidade. Nas duas situações, manifestos silenciosos. Não incluem relatos escritos nem vocalizados. São corporificados. Para além de verbalizar, eles existem.

Espinosa dizia que o corpo é inseparável da alma.

O corpo é o invólucro da alma?

Se sim, são inseparáveis.

Assim como não podemos separar a cidade das suas relações.

As pessoas, relações, sensações...seriam a alma da cidade.

É indivisível.

Porque uma cidade sem pessoas, sem catadores,

sem relações... não é uma cidade.

Lembrei daquele fotógrafo americano ³²

e suas fotos de shoppings abandonados. ³³

O corpo da pessoa que faz a catação de resíduos faz o contraponto ao corpo-mercadoria, produto vazio de sentido e cheio de espetáculo - corpo desterritorializado e desenraizado, correspondente ao tipo de individualismo da última modernidade (RIBEIRO, 2007). Em outras palavras, o catador de resíduos é o sujeito corporificado, em processo de apagamento, segundo Britto e Jacques (2012, p. 12), “por níveis crescentes de abstração e pelo predomínio de leituras reducionistas do espaço público, que tendem a substituir a co-presença por representações programadas, repetitivas e petrificadas da experiência urbana”. As autoras trazem que o estudo das relações entre corpo e

³² O fotógrafo citado é Seph Lawless, cujo trabalho registra ruínas e prédios abandonados. Em 2014, publicou o livro *Black Friday*, em que mostra imagens de shopping centers abandonados nos Estados Unidos, escancarando a decadência de um modelo de negócio símbolo da cidade-mercadoria.

³³ Diário de campo, 18/03/2023, 07:43.

cidade pode facilitar o entendimento dos processos urbanos contemporâneos e, por meio do estudo dos usos urbanos do corpo ordinário, vivido, cotidiano, mostrar alguns caminhos alternativos ao processo de espetacularização das cidades contemporâneas, processo esse que é globalizado e produtor de grandiosas cenografias urbanas.

Da crítica à espetacularização contemporânea, juntamente com o enaltecimento à errância urbana, Jacques (2008) discorre sobre o conceito de corpografia urbana, que se refere à relação entre corpo e cidade praticada no cotidiano, é a experiência corporal ordinária, que fica gravada nesse corpo que a vivencia e que pode configurar esse corpo. A ideia de corpografia traz a dinâmica de coimplicação entre corpo e cidade (BRITTO e JACQUES, 2012). Se corpo e cidade estão coimplicados, como se inscreve a cidade produzida a partir de uma ótica neoliberal no corpo das catadoras e dos catadores de resíduos, e como esse corpo inscreve cotidianamente na cidade trajetórias de luta pelo direito à existência? Quais as implicações da presença do catador de resíduos em uma cidade pensada sob a lógica espetacular atual, que busca transformar espaços públicos em cenários vazios de possibilidades de experiência? As autoras ainda dizem que diferentes experiências urbanas podem ser inscritas em um mesmo corpo e diferentes corpos podem experimentar uma mesma situação urbana, mas as corpografias serão sempre únicas (como são as experiências), e suas configurações, sempre transitórias. Ainda discorrem sobre:

As corpografias urbanas, que seriam estas cartografias da vida urbana inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam justamente o que o projeto urbano exclui na medida em que expressam usos e experiências desconsideradas pelo projeto tradicional. Tais corpografias explicitam as micropráticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas que qualificam o espaço urbano, formulando, assim, ambiências (BRITTO e JACQUES, 2012, p. 153).

Essa experiência da cidade, que se instaura no corpo, pode ser pensada como uma forma molecular de resistência ao processo molar de espetacularização urbana contemporânea (BRITTO e JACQUES, 2012). Como podemos ponderar, assim, sobre as relações de poder que estão representadas no ato que a pessoa catadora faz ao percorrer as ruas procurando resíduos para recolher? A presença do catador, corpórea, a qual podemos ver e ouvir, e da qual muitos se esquivam, é por si só um ato de

resistência que impele o funcionamento da cidade que funciona sob a ordem estabelecida.

O corpo do catador parece dizer “Não sou descartável!” mesmo quando permanece em silêncio. Seu corpo sugere que é necessário ter a liberdade de desfilar pelas ruas quando, carregado de resíduos, seu rosto “ri à toa”. Antônio Carboneiro, presidente da AREVIPA³⁴, nos relatos feitos durante o trabalho de campo, disse-me para prestarmos atenção em um catador com um carrinho vazio – a facilidade em conduzir um carrinho mais leve contrasta com a desolação do seu rosto. Já o catador que conduz um carrinho carregado de resíduos que quase impossibilitam o transporte, estampa no rosto a alegria da conquista.

Butler (2018) atenta que a resistência não violenta exige um corpo que aparece, que age, e que em sua ação busca constituir um mundo diferente daquele que encontrou. A filósofa complementa:

De fato, se a resistência consiste em trazer à tona um novo modo de vida, uma vida mais possível de ser vivida que se oponha à distribuição diferencial da condição precária, então os atos de resistência vão dizer não a um modo de vida ao mesmo tempo que dizem sim a outro (...) No entanto, na minha visão, a ação em conjunto que caracteriza a resistência é algumas vezes encontrada no ato de discurso verbal ou na luta heroica, mas também nos gestos corporais de recusa, silêncio, movimento e recusa em se mover que caracterizam os movimentos que representam os princípios democráticos da igualdade e os princípios econômicos da interdependência na própria ação por meio da qual reivindicam um novo modo de vida mais radicalmente democrático e mais substancialmente interdependente. (BUTLER, 2018, p. 144)

Reflico sobre a ideia de catadores de resíduos exercerem uma resistência não violenta às condições de precariedade a que seus corpos estão expostos. Trabalhando sobretudo de forma solitária, é incomum participarem de assembleias, mas permanecem traçando seus percursos pelas ruas, aparecendo, agindo e procurando constituir um mundo diferente daquele que encontraram.

³⁴ Associação de Reciclagem Ecológica Vila dos Papeiros

Por fim, *“Ain’t got no, I got Life”*, música interpretada por Nina Simone, ilustra a re-existência possível de ser corporificada – na canção, a pianista e cantora não tem bens materiais (cigarro, dinheiro), nem relações (família, amigos), tampouco bens imateriais (cultura, classe, escolaridade, amor)... mas tem coisas - arremata, que ninguém pode dela tirar. E discorre sobre, principalmente, seu corpo – seu cabelo, sua cabeça, suas pernas e braços. Seu sexo e seu sangue. E a condição desse corpo ser invólucro de si mesmo, das suas vontades e de sua alma. A canção termina com as estrofes “Eu tenho minha liberdade. Eu tenho a vida”, numa clara alusão à condição de luta permanente que um corpo pode apresentar independentemente da escassez em que viva.

Figura 11 – O carnaval de rua e seus restos



Fonte: Autora

2 APREENDENDO A EXPERIÊNCIA

Assim como na Zonzo³⁵ de Francesco Careri (2013), no Quarto Distrito “os resíduos e a ausência de controle produziram lugares estranhos e espontâneos”, onde se encontra o “suprimido urbano, territórios não indagados e que se apresentam densos de contínuas descobertas” e cuja interpretação e investigação é somente possível, conforme Jacques (2015), se aceitarmos a impossibilidade de um só método. A autora faz analogia com um caleidoscópio:

(...) um brinquedo de estrutura simples, que toda criança já experimentou, nos mostra uma forma complexa de ver, de compor, de pensar, desmontando qualquer tipo de unidade, qualquer tipo de certeza fixa, sedentária ou sedimentada, e remontando, a partir da complexidade caleidoscópica, uma multiplicidade de outras possibilidades compositivas, de outros pontos de vista, e também, de outras formas de apreensão e outras maneiras de compreendermos a complexidade da cidade contemporânea. (JACQUES, 2015, p. 13)

Para entender a relação entre o corpo-catador e a cidade, a pesquisa intenta aproximar-se da experiência desse corpo no espaço urbano. A transmissão das vivências dos catadores na cidade pode ser feita através dos seus relatos, vinculados às corpografias (as microresistências apresentadas pelos seus corpos frente à ordem vigente) que se inscrevem na cidade cotidianamente. Isso posto, a fim de apreender os relatos dos catadores de resíduos e compreender as tensões, táticas e códigos individuais e coletivos nelas trazidos, esta pesquisa situa suas raízes na **narrativa** enquanto abordagem teórico-metodológica, articulando a ela a **cartografia**, que é tanto

³⁵ No livro “Walkscapes, o caminhar como prática estética” (2013), Francesco Careri discorre sobre a cidade inconsciente e imaginária de Zonzo, referindo a expressão *andare a zonzo*, que significa, em italiano, perder tempo vagando sem objetivo, flunar, perambular.

um modo de acompanhar processos como uma forma de compreensão de ações coletivas.

O interesse na dimensão narrativa é uma tática para que o encontro entre corpo-catador e corpo-pesquisador apareça no texto. O interesse na cartografia surgiu pelo meu convívio com os pesquisadores do Margem_laboratório de narrativas urbanas e pelo nosso modo de andar junto em processos pautados pelo direito à cidade. Através da cartografia, somos convidados a exercer outras políticas do corpo, outras maneiras de fazer perguntas e procurar saberes outros, frequentemente invisibilizados no cotidiano.

Tal perspectiva de pesquisa mostra a oposição a um trabalho pautado na dicotomia do pesquisador sobre o objeto. A expressão “uma presença”, no título desta dissertação, já insinua o pretense reconhecimento do corpo-catador enquanto força que perturba não somente o planejamento urbano voltado à cidade-mercadoria, mas também interpela um corpo-pesquisador e modos de fazer pesquisa que objetificam o outro.

Caron et al. (2020) versam sobre as **narrativas** urbanas enquanto dispositivos projetuais que contestam metodologias de planejamento urbano existentes, distanciadas da experiência vivida dos sujeitos e coletividades. Os autores trazem as narrativas como forma de interpelar planos urbanos que ignoram os sujeitos em suas diferenças e conflitos, que homogeneiza hábitos através do consumo globalizador, que rompe com o sentido de pertencimento entre comunidade e território.

A re-existência de catadoras e catadores que vivem à margem da cidade-mercadoria e descobrem diariamente nos restos da sociedade modos de sobrevivência, faz com que este grupo social permaneça disputando territórios. Isso posto, discorrer sobre a corpografia dos catadores implicadas nos seus processos de territorialização é pesquisar a sua experiência cotidiana na cidade.

Se pesquisar por narrativas é aproximar-se da experiência (RICOUER, 1994; ARFUCH, 2010; CARON, 2019), a narrativa como perspectiva teórico-metodológica possibilita a apreensão da experiência urbana dos catadores de resíduos. Certeau (2012) escreve sobre a cidade vista do 110º andar do World Trade Center, em contraponto aos praticantes ordinários da cidade. Enquanto vê o conjunto de cima, tem seu corpo não mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima. Junto às

ruas, são caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem ser poder lê-lo. Investigar as táticas praticadas em seus processos de territorialização a partir da narrativa é trazer a experiência para os estudos urbanos, problematizando a disputa e o direito à cidade a partir do próprio cotidiano das pessoas, ou seja, a partir da cidade real, conforme afirma Maricato (2000, p. 168), ao referir que “a disseminação da informação e do conhecimento sobre a cidade real ou sobre a realidade urbana tem a importante função de afastar a bruma que encobre a realidade e desvendar a dimensão da exclusão (...)”. Dessa forma, as narrativas dos praticantes ordinários, contrarregras que fazem plantão nas coxias do Quarto Distrito, recolhendo o cenário agora dispensável e suas sobras dispostas no palco, podem comunicar o que há além dos holofotes sobre o palco de uma cidade que se mostra espetáculo, permitindo novos olhares sobre seus lugares, expandindo, assim, seu território e direito à cidade.

Arfuch (2010), elucida a distinção entre o conceito de narrativas (plural), que alude a tudo que pode ser contado (literatura, história, estados de mundo e de alma) e narrativa (singular), que se refere à perspectiva teórico-metodológica, que permite a abordagem das narrativas da memória, relevante para a investigação social. Nesta abordagem, destaca quatro aspectos relevantes: 1) linguagem - como construtora do mundo, como configurativa da subjetividade, como discurso expresso não só em palavras mas em corpo – no caso da presente pesquisa, na corporificação da crise ambiental pelo catador de resíduos e na corpografia urbana, nas resistências impressas em seu corpo; 2) o entendimento de sujeito - incompleto, surgido a partir da interação com o interlocutor – aqui entra a interlocução entre a pesquisadora e os catadores, a escuta e o testemunho que se dá no processo cartográfico; 3) espaço biográfico - campo onde se pratica o reconhecimento do Outro – parte do que é vivencial, íntimo – memórias, diálogos, confissões, entrevistas (na pesquisa, é a experiência vivida, espaço afetivo conformado pela abertura/entrega ao processo de escuta) e 4) identidades narrativas: a história da vida narrada permite a compreensão do outro que nela se expressa. Através dessa perspectiva, pretende-se a aproximação dos processos de territorialização dos catadores e de sua experiência enquanto espaço-tempo vivido, que gera territórios múltiplos, diversos e complexos, ao contrário do território “unifuncional” proposto pela lógica capitalista hegemônica (HAESBAERT, 2003).

A subjetividade trazida por Arfuch é também argumento de reflexão em artigo escrito por Mizoguchi (2015), que traz a experiência e a narrativa, enquanto táticas singulares de investigação, como uma tarefa política, papel de pesquisadores atentos aos aspectos da experiência em que estão implicados subjetividade e processos de subjetivação. Tal subjetividade é violentada, segundo o autor, pelo preceito de que há uma única resposta verdadeira possível em uma pesquisa científica, preceito este ilustrado pela normativa de um caráter de replicabilidade – em uma busca técnica da verdade, o pesquisador deixaria de inventar outros mundos possíveis. Mizoguchi problematiza (e questiona) os imperativos científicos modernos - da neutralidade, do distanciamento entre sujeito e objeto, das delimitações precisas do que será feito na pesquisa e como será feito considerando que o pesquisador irá descobrir e enunciar uma verdade exata. O autor traz a diferença entre o conhecimento da natureza (apolítico), que é diferente do conhecimento do ser humano (ligado à política e à subjetividade) – enquanto o primeiro pode trazer a certeza de um experimento, o segundo pode transmitir “a irrequieta e incômoda passagem política e metodológica de uma experiência”. Mizoguchi traz ainda a relação estabelecida por Benjamin (1994) entre “o fracasso da experiência e o fim da arte de contar, ou seja, considera que a produção da experiência deveria ser necessariamente acompanhada da construção de uma forma política de narração – ambas enfraquecidas a partir do advento do trabalho industrial e da conseqüente derrocada do artesanato”. A fragmentação social fortalecida na modernidade teria debilitado, assim, o poder da narração, que é baseado na experiência coletiva e na memória.

Entender uma realidade a partir das narrativas da memória, é colocar atenção na experiência do sujeito, na multiplicidade de olhares e vozes que fundam as histórias de vida, as histórias dos lugares, as histórias da cidade (CARON et al., 2020). A cidade só será inclusiva quando contar de fato a história de todos os seus habitantes, pois deve acolher todos e tudo relacionado à vivência do seu espaço, inclusive os resíduos. Nesse sentido, a narrativa delinea prioritariamente um espaço ético de pesquisa.

A **cartografia** articula-se à narrativa enquanto perspectiva teórico metodológica – é proposta como uma ferramenta que privilegia o contato com a experiência urbana.

É um modo de acompanhar processos, ao mesmo tempo que evidencia ações e representações coletivas.

Suely Rolnik traz que “para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (Rolnik, 1989, p.15). Paisagens psicossociais também são cartografáveis. Entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.

(...) Para ele não há nada em cima - céus da transcendência, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (ROLNIK, 1989, p.67).

Nesta dissertação, duas concepções de cartografia são consideradas na composição da metodologia do trabalho. Para Passos, Kastrup e Escóssia (2015), a cartografia é pensada como um modo de acompanhar processos – a **cartografia como pesquisa-intervenção**. A abordagem vem da psicologia social - enquanto forma de se relacionar no campo, se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O interesse é pelo que se constitui no campo das práticas cotidianas, e o pesquisador cartógrafo corporifica o processo de pesquisa no momento em que se abre para a escuta/leitura das narrativas. Segundo os autores, a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos. Assim, a cartografia define a conexão entre a experiência do pesquisador no espaço público da cidade e os participantes (catadores individuais, carrinheiros ou não), configurando uma posição ético-política que “experimenta a troca de forças produzidas no encontro, no mundo compartilhado entre os sujeitos” (SILVA JÚNIOR, 2020). A pesquisa intervenção, assim, possibilita a elaboração de um lugar de pesquisa que não está pronto. A pesquisa enquanto instituição pesquisa e (instituição) pesquisadora está se constituindo. É uma intervenção porque a pesquisa não compreende para intervir, mas

intervém para conhecer - não em dois tempos, mas como um tempo único, onde a intervenção é produção de conhecimento.

A cartografia da ação social de Ribeiro (2009) apresenta uma abordagem que se inscreve na relação entre Geografia e Sociologia, e se alia à perspectiva anterior para colocar em evidência as ações e representações coletivas.

A leitura de resistências à opressão e à exclusão impõe o mapeamento analítico de práticas diárias e das táticas de sobrevivência que têm permitido a afirmação de identidades sociais até recentemente ocultadas pelos projetos políticos da modernidade. (...) Afinal, as reivindicações e os protestos, desenvolvidos no dia-a-dia, também modificam sentidos da ação social e podem ser portadores de futuras consequências estruturais. (RIBEIRO, A.C.T, 2001, p. 35)

Ana Clara Torres Ribeiro coloca a cartografia da ação como uma expressão dos gestos, das apropriações. Enquanto ação, suas informações podem ser voláteis, subjetivas, e, assim como nas narrativas, podem ser continuamente incompletas. A autora propõe essa cartografia enquanto diretriz de método para a valorização de contextos, lugares e narrativas invisibilizados, pois na cartografia da ação social fica clara a dimensão do conflito. Envolve, ainda, a intenção de contribuir para o encontro de formas de representação da vida coletiva que facilitem o enraizamento da questão social e a compreensão dos praticantes de espaços (CERTEAU, 2012).

Silva (2013) traz a importância da produção de cartografias de mulheres e homens simples, de modo a pensarem sua própria condição e ter nesta possibilidade metodológica um instrumento de representação de seu território e de luta social. Envolve mapas-representações simples (elementos mínimos na base geográfica) em que o pesquisador “coloca vida”, trazendo múltiplas vozes, desejos e expressões. Isso traz uma leitura ativa do espaço e contrapõe com os mapas tradicionais – que apresentam/representam ações políticas e econômicas e índices diversos, mas não a ação social. A autora também ratifica que a cartografia social se inicia na pesquisa e não termina com na confecção de mapas. Termina quando o grupo social analisa “o uso da

cartografia como instrumento formador de sujeitos de direitos e de possibilidade de construção coletiva do olhar, da identidade e das formas de apoderamentos dos saberes coletivos” (SILVA, 2013, p.10).

2.1 APROXIMAÇÕES

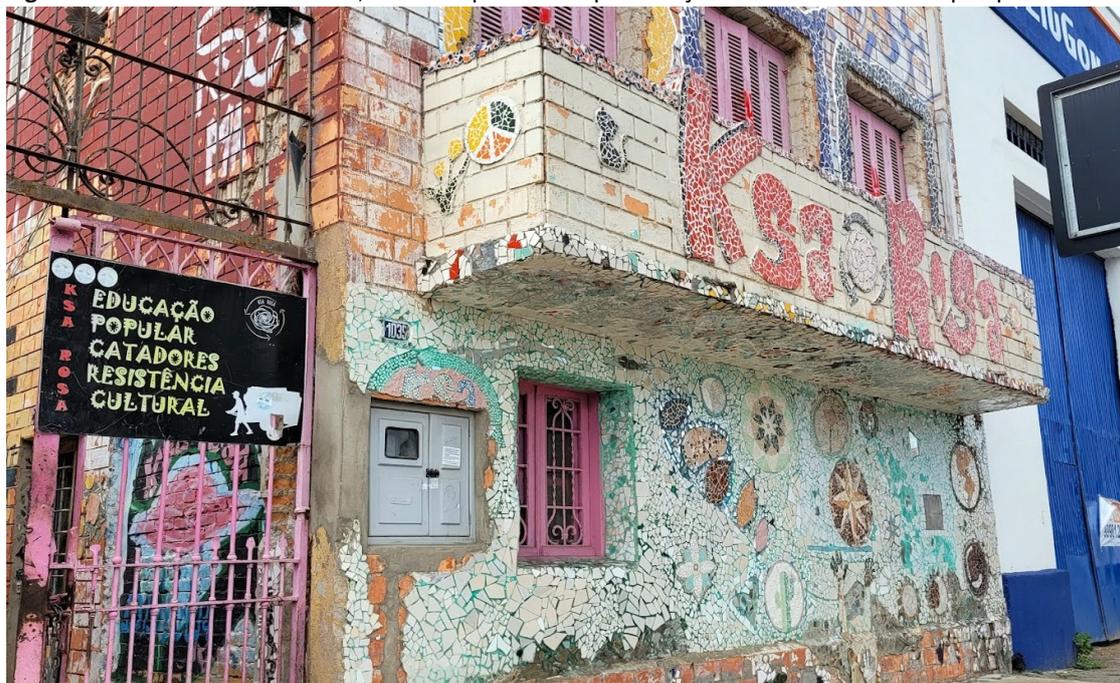
Nesta pesquisa, o campo foi constituído pelo encontro do corpo-pesquisador com o corpo-catador nos seus processos de territorialização. Assim, foi necessário planejar o que seria esse campo e qual lugar o catador de resíduos teria na sua produção.

A preparação iniciou com uma **construção teórico-conceitual** para embasar os momentos subsequentes. Compreendeu a revisão bibliográfica, que abarcou a busca por referências em pesquisas acadêmicas que tratassem, a partir dos catadores, da temática dos resíduos no contexto da cidade, tecendo relações com o restante da teoria construída sobre os conceitos de cidade-mercadoria, corpografia, direito à cidade e processos de territorialização. Houve também o resgate histórico do gerenciamento dos resíduos urbanos na cidade de Porto Alegre a partir dos catadores de resíduos, pessoas que tiveram um protagonismo quando implantada a coleta seletiva em 1990, e foram paulatinamente sofrendo um processo de estigmatização por um discurso sanitarista que apoia o mercado imobiliário e criminaliza a atividade de catação de resíduos.

O estabelecimento do campo seguiu com uma **aproximação do corpo-pesquisador ao território da pesquisa**. Tal aproximação deu-se pela pesquisa documental – dados em pesquisas acadêmicas, informações do poder público e reportagens da mídia – e a partir de caminhadas exploratórias pela região do Quarto Distrito próxima ao Centro Histórico da capital. O território de pesquisa não é identificado por um recorte espacial, mas sim por um ponto de partida. Tal ponto de partida para as caminhadas exploratórias, ou derivas, foi, inicialmente, a Ksa Rosa, pela importância enquanto ocupação, centro de referência e suporte de trabalho para as pessoas que praticam a catação na área de estudo. Um ano e meio antes de iniciar propriamente o mestrado, eu já traçava um vínculo com a Ksa através do Margem_laboratório de narrativas urbanas, justamente pelo meu interesse nos resíduos urbanos e pelas pessoas que de alguma forma com esses resíduos estão

envolvidas. Meu primeiro contato com a Maristoni Moura, coordenadora, foi em janeiro de 2020, em evento do Fórum Social das Resistências que aconteceu na Ksa Rosa. A pandemia interrompeu nosso vínculo, ainda imaturo, que foi restabelecido alguns meses depois, no meio de 2020. A relação foi fortalecendo-se ao longo do tempo. Inicialmente, eram participações pontuais, em que me voluntariava para auxiliar em iniciativas da Ksa com os catadores e pessoas em situação de rua que se encontravam ainda mais fragilizadas em função da pandemia. Em 2021 fortaleci meus laços com a Ksa em função de atividades referentes ao projeto de extensão do grupo de pesquisa Margem_Lab³⁶, ligação essa que foi se consolidando ao longo desses anos. Assim, partir do contexto da Ksa Rosa para aproximar-me do território da pesquisa, foi um processo gradual que aconteceu naturalmente através da experiência.

Figura 12 – Fachada da Ksa Rosa, local das primeiras aproximações com o território da pesquisa



Fonte: Google Maps

A observação nas caminhadas exploratórias possibilitou um levantamento prévio de informações sobre o percurso dos catadores da área de estudo que subsidiou as atividades que foram posteriormente desenvolvidas com os interlocutores. Tais informações referem-se aos diversos usos e atividades das edificações, à hierarquia das

³⁶ Intersecções entre fotografia e arquitetura, arte e paisagem, coordenado pela Prof^a Dr^a Daniela Cidade

ruas, às dinâmicas nelas praticadas, e à maneira que os fluxos entre zona central e metropolitana, juntamente com o Guaíba, interferem no percurso de quem pratica a catação.

Nesse momento da pesquisa, procurava priorizar o uso do diário de campo para o registro das informações, mas não conseguia, contudo, registrar no caderno a complexidade da experiência vivida na cidade, uma vez que o campo das subjetividades se abria não só através do que era visto, mas também dos gestos, conflitos e alianças em ato que procurava acompanhar. A pesquisa foi se tornando esse território que eu habitava de modos distintos, fosse em caminhadas exploratórias na cidade, fosse nas atividades da Ksa Rosa, fosse reunindo fragmentos sobre o 4D.

Procurei, alternativamente, gravar minhas reflexões, e fotografar quando faltavam palavras diante de imagens que resumiam por si só a experiência de ali estar. O uso da gravação acompanhou-me desde então, e foi a principal ferramenta que usei neste trabalho.

Percebi que a pesquisa não tem hora marcada para acontecer. Assim como meu corpo não foi à campo, mas o campo foi pelo meu corpo constituído, eu não escolhia a hora de fazer a pesquisa. Ela me tomava. E nesse contexto, a gravação das reflexões foi uma alternativa para pesquisar e levar uma vida pessoal que seguia, em paralelo, um ritmo ordinário de trabalho e família. O que aconteceu como uma alternativa oportuna, mostrou um potencial grande de registro de subjetividades. As gravações exibem não apenas a informação em si, mas também (e principalmente), a respiração de quem fala, suas pausas, seus gaguejos e suas empolgações. Na transcrição dos áudios, vivi novamente cada momento do trabalho de campo, o que foi valioso para a escrita deste trabalho.

Em dado momento um colega indicou que eu usasse um aplicativo de transcrição instantânea, em que eu gravaria o áudio e automaticamente seria gerado um texto com sua transcrição. Transcrever manualmente os textos a partir dos áudios gravados era, de fato, um trabalho hercúleo. Experimentei usar o tal aplicativo, sem sucesso. Talvez sirva para pequenos recados cotidianos, mas para o trabalho que eu estava desenvolvendo, não houve como adaptar tal ferramenta. Meus áudios começaram a ficar inibidos, tímidos pela possibilidade de estarem sendo transcritos concomitantemente. Comecei a cuidar as palavras, cuja pronúncia deveria ser mais

clara, e a respiração, para que não prejudicasse a clareza da transcrição. A palavra perdeu a espontaneidade, e o áudio, sua razão de ser. Voltei para a transcrição convencional, desembaraçada das amarras da tecnologia.

Sequencialmente, para avançar na pesquisa e haver propriamente a aproximação do corpo-pesquisador com o corpo-catador, foi necessária a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética. Foi um momento importante na pesquisa, em que tive que compatibilizar a documentação pensada para pesquisas na área de ciências da saúde à minha proposta de trabalho, relacionada a narrativas e espaço urbano. O que em um primeiro momento pareceu uma burocracia a ser vencida, tornou-se um exercício valioso de pensar o trabalho que estava desenvolvendo. Pois em tendo que apresentá-lo de forma esmiuçada ao Comitê, inclusive com as propostas dos Termos de Consentimento a serem assinados pelos participantes da pesquisa, planejei nesse momento a maneira de aproximar-me dos catadores, dos dispositivos que criaria para oportunizar tal encontro.

2.2 ALIANÇAS

A relação propriamente **entre o corpo-catador e o corpo-pesquisador** começou com possíveis narradores que conhecia da Ksa Rosa, pelo convívio previamente existente no meu trabalho enquanto voluntária. Parti da concepção que a aliança aconteceria através de um dispositivo de conversa que, na presente pesquisa, dentro desse processo de cartografar experiências através dos relatos e percursos com os catadores, refere-se a uma ação que provocasse um momento propício para o relato.

Um dispositivo de conversa é uma oportunidade de escuta atenta ao murmúrio da vida coletiva e de reconhecer sinais da tecitura do social, “da vida que ‘escorre entre os dedos’ e da plenitude (a opacidade e a banalidade) de um (...) dia” (RIBEIRO, 2005, p.416). Tibola (2019) explora a importância da expressão “dispositivo” como algo que nos provoca a tentar transformar as relações de poder a partir das microrrelações que a gente constitui no momento em que a gente cria esta possibilidade de um encontro. A autora explora a importância da expressão “dispositivo” como um conceito que dá ao pesquisador pistas dos caminhos a seguir e o que levar em consideração na prática.

Segundo a autora, só pode existir um dispositivo de conversação se já há um trajeto em comum, a criação prévia de um vínculo. A capacidade de criar engajamento com os sujeitos da pesquisa depende, assim, do quanto o corpo-pesquisador está presente nesta relação.

O percurso de construção e reconstrução de dispositivos de conversa (dispositivos de ESTAR COM) relacionados à questão de pesquisa, capazes de convocar a partilha da experiência das catadoras e catadores em suas táticas cotidianas de re-existência nas ruas da cidade, foi pensado a partir da aproximação prévia com os sujeitos da pesquisa. Tal percurso de construção e reconstrução foi dado a partir do próprio território, da própria vivência, e não a partir da pesquisadora. A elaboração de dispositivos tratou de levantar questões que provocassem os catadores a pensarem no que eles gostariam de falar sobre seu território. A investigação da pesquisa é sobre isso...sobre o que eles gostariam de falar, e não sobre o que a pesquisadora gostaria de ouvir.

Elucubrei possíveis dispositivos de conversa. Pensei em um jogo de cartas com imagens do dia a dia e/ou que mostrassem situações inusitadas, e assim induzissem a fala dos sujeitos da pesquisa, ou um estímulo, como incentivar que os catadores fotografassem coisas importantes do seu cotidiano, ou desenhassem, ou escrevessem a respeito. Após avaliar a praticabilidade de cada opção, me pareceu mais cabível um curso de educação ambiental, na Ksa Rosa, ministrado por catadores da Ksa e destinado a catadores e à comunidade em geral que tivesse interesse em aprender sobre a coleta seletiva e pudesse reproduzir³⁷ conhecimento em outros núcleos sociais. Aqui, o corpo-pesquisador também viraria corpo-aprendiz. O curso seria uma etapa da pesquisa em que seriam fortalecidos vínculos entre pesquisadora e catadores, e ocasião em que haveria a proposta para que eu os acompanhasse em percursos cotidianos, que seria a etapa seguinte.

A organização do curso por si só já foi um dispositivo de conversa, pela necessidade de **estar com** a Ksa Rosa para planejar, negociar decisões e discutir a programação. Maristoni (coordenadora da Ksa), La Bamba (catador da Ksa, que foi o

³⁷ Pensei inicialmente na possibilidade de o curso de educação ambiental servir para além do pretendido enquanto dispositivo de conversa de uma pesquisa acadêmica. O conhecimento compartilhado no curso, assim, poderia ser replicado às comunidades das quais os alunos do curso fizessem parte.

primeiro narrador com o qual fiz um percurso) e eu, nos encontramos em momentos vários para discutir como o curso seria formatado – duração em dias, número de horas por dia, conteúdo a ser discutido, qual lanche seria servido, quem pagaria as passagens dos alunos, quantos alunos, etc. Foram encontros produtivos, em que a preparação desse dispositivo foi mais uma camada no vínculo que se formava entre nós. Decidi, posteriormente, cancelar a proposta do curso pela dificuldade de fechar uma data em meio à apertada agenda da Ksa Rosa, que apresentava muitas atividades naquele mês de março, e o prazo exíguo para acontecer em função do trabalho de campo que eu precisava concluir.

Todavia, a motivação da existência do curso, que seria o dispositivo o qual eu propunha para justamente provocar oportunidades de conversa, já estava acontecendo, dei-me conta, na minha presença regular nas atividades da Ksa. Eu ouvia o murmúrio da vida coletiva nos momentos que organizava o salão de exposições da Ksa junto com a Maristoni, ou em cada café da manhã que eu servia e na conversa solta entre catadores na fila do almoço, que eu ouvia da janelinha onde o servíamos, e na qual às vezes era convidada a participar pelas pessoas que ali foram receber uma “quentinha”. Assim, tais idas à Ksa, juntamente com a preparação do curso, já oportunizaram momentos de escuta e vínculo com catadores os quais, então, já me sentia à vontade para convidar a participar da pesquisa. O dispositivo, aqui, foi o **encontro**, construído em cima de vínculos prévios.

A imersão do corpo-pesquisador no território juntamente com o corpo-catador consistiu no acompanhamento de catadoras e catadores em seus percursos cotidianos de catação de resíduos. Eu tinha como base um roteiro com algumas perguntas abertas, que me levavam a questionamentos outros conforme andamento da conversa.

Não foi um processo linear, ou não, ao menos, um processo retilíneo. Apesar de haver vínculos com catadores através da Ksa Rosa, com apenas dois deles tive oportunidade de acompanhar os percursos pelas ruas, que eram os catadores que lá trabalhavam propriamente. Os muitos outros eram mais difíceis de contatar, ou não tinham a mesma disponibilidade. Eu não tinha todos os narradores que havia previsto para a pesquisa, mas me sentia segura para procurá-los fora da Ksa, através de outras possibilidades de encontro. A vivência na Ksa deu-me essa confiança.

Fui na Vila dos Papeleiros, formalmente chamada de Loteamento Santa Terezinha. Mesmo já conhecendo o líder comunitário, Seu Antônio Carboneiro, de um encontro na Ksa Rosa, fui acompanhada do fotógrafo e jornalista Cristiano Sant’anna, que lá formou espessos vínculos na ocasião do mestrado e atualmente no doutorado, em andamento, em Artes Visuais.

Figura 13 – Acesso ao Loteamento Santa Terezinha, ou Vila dos Papeleiros



Fonte: Google Maps

Lá, expondo minhas intenções de pesquisa e me sentindo à vontade em um território outro, tracei novas linhas-vínculo, linhas jovens, sem a espessura das que outrora havia construído na Ksa Rosa, mas igualmente importantes. A Vila é composta massivamente por catadores de resíduos urbanos. Fui pelo Seu Antônio apresentada a muitos catadores, mas optei por acompanhar os percursos de dois apenas (além do próprio Seu Antônio e dos dois catadores previamente contatados na Ksa Rosa), em função do prazo para o trabalho de campo e pela irrelevância de acumular um grande número de narradores em função do enfoque qualitativo do trabalho.

Assim, convidei especificamente a participar da pesquisa, através dos percursos que acompanharia, um total de cinco pessoas – uma narradora e um narrador da Ksa Rosa, e uma narradora e dois narradores da Vila dos Papeleiros. Um dos narradores da

Vila foi o líder comunitário, Seu Antônio, que, apesar de não exercer a atividade atualmente de catação em função de estar cadeirante, percorreu comigo as ruas do Quarto Distrito. Nos momentos em que Seu Antônio e eu caminhamos juntos, compartilhamos narrativas e histórias, como se reproduzíssemos uma cena do filme *Examined Life*³⁸, em que Judith Butler percorre com suas pernas as ruas de São Francisco ao lado de Sunaura Taylor³⁹, que usa a cadeira de rodas, e discorrem, entre outras coisas, na possibilidade de uma pessoa com deficiência mostrar sua presença nas ruas e utilizar o espaço público e serviços ser um ato político. Tal possibilidade existe por escancarar o fato, ainda que menosprezado, de sermos interdependentes em todo tipo de situação.

Acompanhei cada catador ou catadora em mais de um percurso pelas ruas – essa caminhada, que para os catadores é usualmente solitária, foi alterada pela presença do corpo-pesquisador, mas ainda obedeceu a urgência cotidiana diária de quem cata resíduos como modo de sobrevivência. Então, o corpo-catador conduziu o percurso no espaço físico, e o corpo-pesquisador conduziu a deriva do caminhar das ideias. Nessa deriva, foram feitas algumas perguntas abertas pela pesquisadora, que levaram a outros questionamentos não previstos. A imprevisibilidade, que caracteriza uma deriva (CARERI, 2013), refere-se às narrativas que vêm e moldam um outro caminho, não formado pelas ruas, mas tecido pelas histórias que são contadas. Emaranhado de linhas de vida que coexistem.

Não quero dizer, com isso, que a escrita deste trabalho traz a experiência dos encontros com essas cinco pessoas somente, pois a escuta aconteceu em diferentes atos. Muitas outras linhas e vozes fazem parte das minhas reflexões. Em dois momentos, tive a oportunidade de acompanhar eventos os quais a Ksa havia sido contratada para gerenciar resíduos, sendo o primeiro um carnaval de rua e o segundo um show de música, ambos em diferentes partes do Centro Histórico da cidade. Partimos da Ksa Rosa para o outro lado da área de estudo, igualmente rico em oportunidades de experiência.

³⁸ EXAMINED life. Direção de Astra Taylor, Canadá, 2008.

³⁹ Sunaura Taylor é pintora e ativista americana cadeirante devido à deficiência física ocasionada por antrogiopose congênita, doença que ocasiona contraturas nas articulações, podendo deixar curvos os membros.

Figura 14 – 1º Evento - Percurso com Ksa Rosa para gestão de resíduos de carnaval de rua.



Fonte: Elaborada pela autora sobre base do *OpenStreetMap*

Nos dois eventos, acompanhei os percursos dos carrinheiros, e pude escutar muitas histórias e experienciar no meu corpo clima de superprodução, com vários catadores trabalhando pela Ksa, diversos carrinhos de coleta, *bags*, lixeiras e uma organização garantida pelo olhar da **Maristoni**. Ela, coordenadora da Ksa, embasou, pode-se dizer, todo o percurso desta pesquisa com conversas anteriores, inclusive, ao meu ingresso no mestrado. O **Coordenador** da AREVIPA, que recebe a carga de cada catador, pesa, paga, revende, e já trabalhou durante muito tempo na catação de resíduos, também alimentou muitas reflexões que tive em uma tarde de conversas no

galpão. O **Guri**⁴⁰ tem apenas 19 anos, e nos encontramos em uma área diferente da cidade, em um momento em que eu passeava com minha cadela, que proporcionou o encontro, ao latir para em seguida jogar-se nos braços daquele rapaz que a chamou. Ele aguardava em frente a um prédio que um dos moradores trouxesse caixas de papelão que havia prometido. Iniciamos a conversa, que se desenrolou facilmente quando falamos na Vila dos Papeleiros, onde o Guri morava, e dos parentes que ele tinha que eu já conhecia em função das minhas idas no local. Fiquei assustada com a velocidade que ele imprimia ao carrinho de coleta, gerando faíscas das rodas. Em um segundo encontro, também fortuito, na ruas fora do Quarto Distrito, encontrei o Guri junto com sua esposa em frente a uma farmácia luminosa. Era a expressão do tensionamento de que trata esta pesquisa. O **Tramandai**⁴¹ foi um catador que conheci literalmente na rua. Ele usava a torneira externa do CAPS para se banhar, quando o abordei para conversar. Foram minutos ricos em conversa. Adentrei sua história - lidava com comercialização de drogas ilícitas, tinha casa na praia e vivia com folga financeira, mas acabou indo para a prisão onde havia passado os últimos vinte anos. Em liberdade, trabalhou em um restaurante, mas foi despedido na pandemia e hoje cata resíduos pelas ruas do Quarto Distrito e arredores, trabalho que o enche de orgulho e possibilita que sustente as duas filhas, que moram com a mãe, de quem está separado. Tramandai me disse que morava junto “ao murinho azul” e apontava para o muro de uma empresa, onde, segundo ele, à tardinha montava sua barraca e lá ficava. A sua casa, assim, percorre as ruas em cima do seu carrinho de coleta. Ele é mais um dromedário do asfalto.

2.3 FRAGMENTOS

Nesta pesquisa, fez-se constantemente presente um incômodo ao pensar uma pesquisa com pessoas carentes de representatividade e oportunidades, vulneráveis socialmente. Pessoas envolvidas nas urgências de uma dura vida cotidiana, teriam interesse e disponibilidade em uma pesquisa que não renderá resultados tangíveis a

⁴⁰ Nome fictício. Todos os narradores tiveram seus nomes alterados pro recomendação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil.

⁴¹ Idem nota anterior.

curto prazo? Que não pagará a conta da luz, nem colocará comida na mesa? Este trabalho, assim, é uma aposta na ideia de que “a arte existe porque a vida não basta”. A frase atribuída a Ferreira Gullar inspirou documentário homônimo⁴² e personifica as motivações do ser humano para criar coisas novas, coisas que não somente o trabalho para a manutenção da vida.

Tanto na Ksa Rosa, como na Vila dos Papeleiros, apesar das dificuldades impostas pela falta de segurança financeira, é natural o envolvimento com as atividades que não sejam voltadas somente à manutenção da vida. Apesar das dificuldades, os catadores envolvidos com esses locais permanecem com suas táticas microbianas (CERTEAU, 2012) de forma a seguir seus processos de territorialização.

O *corpus* de pesquisa foi formado por breves anotações da caderneta de campo e massivamente por áudios gravados nos percursos com os catadores, em que sons das ruas e da vizinhança misturam-se com as falas (foram os áudios mais demorados para transcrever, e ao mesmo tempo os mais significativos), e áudios em outras situações em que não estávamos caminhando, como dentro da Ksa Rosa, ou dentro da casa do Seu Antônio. Há falas do corpo-pesquisador somente, áudios de fragmentos de pensamentos, tanto em campo como em momentos outros (de dentro do carro, por exemplo), que iniciaram em abril de 2022. Todos os áudios foram transcritos de forma a possibilitar as análises dos relatos partilhados nos encontros a partir de uma observação mediada por uma lente que via a cidade e suas relações.

⁴² A VIDA não basta. Direção de Caio Tozzi e Pedro Ferrarini, Brasil, 2013.

Figura 15 – Quarto Distrito contíguo ao Centro Histórico



Fonte: Autora

3 NARRANDO A CIDADE

O trabalho de campo foi um trabalho de garimpo.
 Porque a pesquisa não trata dos resíduos,
 mas das pessoas que dele vivem...
 da sua história omitida, da sua vida cotidiana escrita
 em cada passo dado no tempo
 e nas ruas do Quarto Distrito.
 A atividade de catação de resíduos pode contar parte da história da cidade
 enquanto narrada por pessoas comuns, em tom casual,
 na familiaridade da sua cozinha com um café
 ou nas ruas puxando o carrinho.
 A rua, de fato, é a maior casa do mundo,
 como falou Jonata, no curta da Ksa Rosa.⁴³

Em “Linhas” (2022), o antropólogo Tim Ingold explora em mais de 200 páginas o que chama de “Arqueologia Antropológica das linhas”. Ainda assim, sinaliza, ao apresentar esta “breve história” (como refere o subtítulo do livro) que sua intenção é, modesta e meramente, “arranhar um pouco a superfície do terreno... abrir, assim, linhas de investigação para que outros possam ser inspirados e segui-las, em quaisquer direções que o seu conhecimento e a sua experiência possam levá-los” (INGOLD, 2022). Da mesma forma, à medida em que eu constituía o campo de pesquisa, fui percebendo a multiplicidade de aspectos, de relações e de recortes possíveis que se apresentavam. O dar-me conta da necessidade de assumir que meu trabalho seria também uma série de arranhões na superfície de um vasto terreno, foi um processo necessário.

O autor introduz o livro citado acima de uma forma que dá dicas da grande abrangência do assunto tratado: “O que andar, tecer, observar, cantar, contar histórias, desenhar e escrever tem em comum? A resposta é que todos eles procedem ao longo de um tipo ou de outro de linhas” (INGOLD, 2022, p. 23). Explora, dessa forma, as noções de linha, movimento e experiência humana. Uma das ideias centrais do antropólogo é que as linhas são mais do que meros traços geométricos; elas são geradas e seguidas por meio da ação humana e estão intimamente relacionadas ao movimento. A abordagem teórica proposta pelo antropólogo busca compreender a relação entre a

⁴³ Diário de campo, 18/05/2023, 23:00.

percepção do ambiente e a ação humana. Essa abordagem se baseia na ideia de que as linhas, tanto físicas quanto conceituais, são fundamentais para a forma como interagimos e nos movemos no mundo. Ele argumenta que as linhas estão presentes em todos os aspectos de nossas vidas, desde as formas mais básicas, como os traços que fazemos ao desenhar, até as linhas que compõem as estruturas das cidades e os caminhos percorridos pelas pessoas. Nessa interpretação, as linhas basicamente corporificam as relações humanas e não-humanas nos emaranhados do mundo.

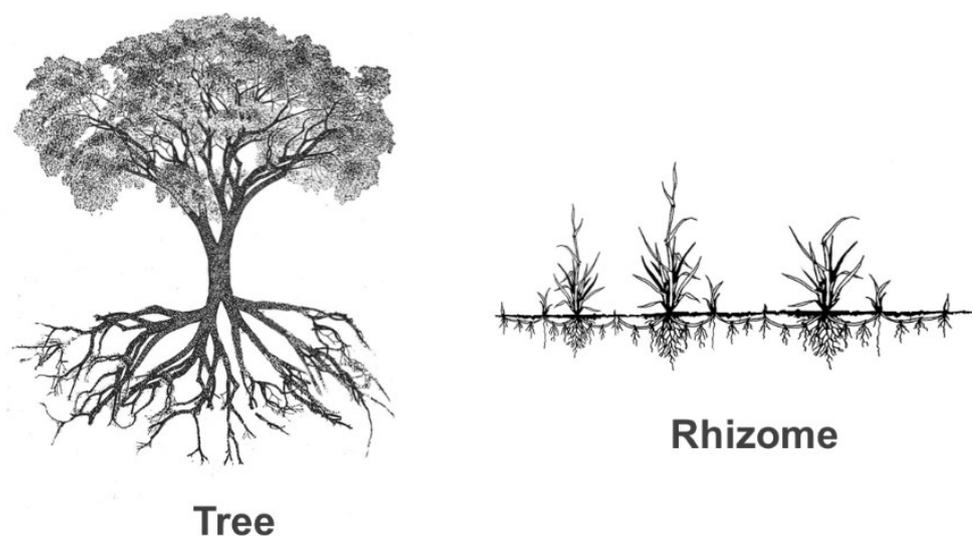
No início de 1999, ainda estudante na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, comecei um estágio na então Secretaria de Planejamento Urbano de Porto Alegre. Era uma época de efervescência daquela Secretaria, pois “saía do forno” o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental. A minha inquietude para absorver a experiência de trabalhar com planejamento urbano em um órgão público foi se arrefecendo à medida em que eu me dava conta de que o ritmo de trabalho naquela Secretaria era aquém do que eu estava acostumada nos estágios que houvera feito até então – as coisas, no meu entendimento, “demoravam mais a acontecer”. Foi expondo meu descontentamento informalmente a um professor da faculdade que entendi a relação entre linha e cidade. O professor, um dos primeiros que tive de Planejamento Urbano, com um jeito manso de quem tem propriedade para falar no assunto, explicou-me que eu estava trabalhando com uma escala diferente que da edificação, que era a escala da cidade, um outro tempo. Falou também que cada **linha** que eu desenhava no planejamento urbano tinha uma consequência imensa... Poderia com ela definir um fluxo de pessoas, a rota de um ônibus ou a tendência de expansão de um bairro...e é por isso que as atividades no planejamento de uma cidade, teriam um tempo maior de, digamos, maturação. Não me dava conta, à época, da complexidade dos movimentos e relações em uma cidade, mas a reflexão através das linhas sobre o trabalho que então desenvolvia na Secretaria elucidou a importância sobre a produção e significância do mesmo.

Deleuze e Guattari (1995), assim como Ingold, também utilizam o conceito de linhas. Argumentam que o mundo, nos seus diferentes aspectos, é composto por uma pluralidade de linhas que se entrecruzam e se conectam de diferentes maneiras. Na obra

Mil Platôs (DELEUZE, G.; GUATTARI, F, 1995), trazem o conceito de **linha de fuga**, relacionada ao enfrentamento à ordem estabelecida e às limitações por ela imposta. A linha de fuga, assim, refere-se ao movimento que busca novas possibilidades e vínculos que resistam e rompam com o sistema prevalecente.

Também discorrem sobre o conceito de **rizoma**, que, complementarmente à linha de fuga, faz referência à possibilidade de rompimento de uma lógica hierárquica e dominante. Em botânica, um rizoma é um caule que cresce horizontalmente, geralmente subterrâneo. Ele é rico em reservas de nutrientes, e se caracteriza pela capacidade de emitir novos ramos, estruturando-se de forma descentralizada, em contraponto ao modelo arbóreo, que é centralizado e regido por uma hierarquia.

Figura 16 – Raiz (modelo arbóreo) *versus* rizoma (perspectiva de múltiplas raízes)



Fonte: Murray (2012)⁴⁴

Tal capacidade de se estruturar, de se expandir horizontalmente e conectar múltiplos pontos de forma não linear, faz do rizoma uma metáfora para refletir sobre possíveis formas de organização não hierárquica existentes na sociedade, contrapondo com o modelo tradicional de pensamento. A linha de fuga faz parte do rizoma, ou, o

⁴⁴ MURRAY, K. **Rhizome city 2040**, 2012. Disponível em: <http://kjemurray.com/rhizome-city>. Acesso em: 26 set. 2023.

rizoma torna-se parcialmente uma linha de fuga quando é quebrado, conforme referem os autores:

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas (...). Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (DELEUZE, G.; GUATTARI, F, 1995, p. 6).

Se o rizoma é um tipo de caule que se desenvolve abaixo da superfície, de forma horizontal, faço uma analogia com os movimentos do corpo-catador, que, como o rizoma, acontecem longe do foco das luzes da cidade, de forma invisibilizada, embora não invisível. Tais movimentos não tem hierarquia entre si, mas cruzam-se continuamente, e, coletivamente, constroem saberes.

Pensar a cidade a partir de uma perspectiva rizomática requer um olhar ao emaranhado de linhas e superfícies que constitui esse espaço urbano. Tal olhar pode mostrar a conexão entre diferentes partes da cidade e respectivos atores sociais, em toda a sua complexidade e imprevisibilidade, ratificando o que Deleuze e Guattari disseram com “as multiplicidades são rizomáticas” (Ibidem, p.5).

Quando vemos uma cidade a partir de suas múltiplas conexões, de forma, então, rizomática, ressalta-se o valor de práticas ordinárias, feitas cotidianamente por pessoas comuns, que muitas vezes furam imposições legal ou socialmente impostas como alternativas para melhor viver em um sistema que as desvaloriza. Ou mesmo, não como forma de viver melhor, mas de sobreviver nesse sistema que as desconsidera. Certeau (2012) conceitua tais práticas cotidianas como **táticas** de resistência dentro das estruturas de poder dominantes. São práticas individuais e coletivas, exercidas através de brechas encontradas no sistema, de forma a atender necessidades e desejos, criando alternativas ou abrindo espaço, inclusive, para transformações sociais. Ainda segundo o historiador, o cotidiano é um espaço onde indivíduos comuns exercem táticas para resistir e se apropriar das estruturas dominantes da sociedade. Almeida (2021), na sua dissertação de mestrado sobre justamente a área de estudo desta pesquisa, o Quarto

Distrito, em Porto Alegre, expõe que o acesso a determinados espaços da cidade é regulado por agentes sociais em colaboração ou disputa. Referentemente aos catadores, não só o acesso, mas a permissão para circular ou a condição de permanecer e sobreviver também é regulado através de táticas de colaboração ou disputa. Ao encontro da necessidade de praticar tais táticas, está a condição de refém de estratégias de planejamento urbano vigentes que são aliadas ao neoliberalismo.

Ao associarmos as ideias de Ingold, Certeau e Deleuze com os processos de territorialização dos catadores de resíduos no Quarto Distrito, podemos explorar como tais movimentos procedem de um tipo ou outro de linhas, nas quais eles moldam ativamente seus caminhos e relações. Os catadores traçam literalmente linhas ao interagir com o ambiente construído e fazer seus percursos cotidianos. Riscam também linhas intangíveis ao se relacionarem com as pessoas que habitam este ambiente construído através de malhas de relacionamentos e conexões sociais. Ambos traçados, que são formas de relacionamento com a cidade, constituem-se por táticas cotidianas, ou enfrentamento a essa cidade. Tal enfrentamento gera tensionamento, pois marca a presença de cada catador errante – presença essa que é negada e invisibilizada.

O tensionamento no Quarto Distrito existe porque os catadores lá estão de fato, mas não oficialmente.⁴⁵

A presença do corpo-catador tensiona porque, ao traçar essas linhas pelas ruas, não apenas exerce um modo de subsistência, mas ele também desafia as narrativas dominantes de produção e consumo excessivos, valorando o material que coleta e ressignificando os espaços urbanos, transformando-os em fontes potenciais de recursos. Ao recolher os restos da sociedade do excesso, o corpo-catador interrompe a retidão da linha de destinação daqueles resíduos e os devolve à linha cíclica da natureza através da reutilização ou reciclagem desses materiais.

⁴⁵ Diário de campo, 13/10/2022, 01:19.

3.1 TÁTICAS NAS LINHAS DE PRODUÇÃO DA CIDADE

As práticas de resistência, ou táticas de Certeau (2012), acontecem durante e ao longo dos processos de territorialização dos catadores de resíduos. Sendo o território um espaço apropriado por relações de poder, os processos de territorialização, enquanto movimentos de apropriação de território, acontecem através de linhas. Assim, para organizar a análise do campo, o presente trabalho conceitua as linhas referentes a trajetos específicos, produzidas literalmente por cada corpo-catador, como **linhas-rota**. Já as linhas intangíveis, que se referem às relações sociais desse mesmo corpo-catador, são identificadas como **linhas-vínculo**. Muitos outros tipos de linhas poderiam ser aqui explorados. Optou-se por especular esses dois tipos, porém, por entendê-los como mais representativos das táticas dos catadores.

As **linhas-rota** são traçadas nos percursos ou caminhadas, são rastros, invisíveis ou não, deixados pelo catador. Também aludem às linhas que o catador não traça propriamente com seu corpo, mas com sua memória – são linhas delimitadas ou produzidas por edificações, ruas, eixos ou outros elementos do espaço urbano – e que o catador usa para como referência nos seus movimentos nas ruas do Quarto Distrito. As linhas-rota, assim, fazem referência à relação do corpo-catador com o ambiente construído da cidade, ou com suas materialidades. Trata-se por vezes de um enfrentamento literal, em que o catador, vulnerabilizado constantemente, resiste e cria maneiras de sobrevivência. As **linhas-vínculo** são linhas de conexão social, através das quais o catador de resíduos, corpo-invisibilizado e excluído das políticas municipais de gestão de resíduos, exerce táticas para obter meios de subsistência e fortalecimento perante a sociedade.

Apesar de serem exploradas eventualmente de forma apartada neste trabalho, as linhas-rota e as linhas-vínculo compartilham espaço, e acontecem simultaneamente. Cotidianamente. Ambas, por representarem a presença do corpo-catador, continuamente interpelam o poder simbólico manifestado nas ruas, nas pessoas e no funcionamento e planejamento da cidade-mercadoria. Desse ponto de vista, de uma contínua interpelação, as linhas-vínculo e linhas-rota por si só poderiam ser consideradas táticas de resistência. Porém, as abordo aqui como modo de apresentar as reflexões, pois são elementos do espaço físico e social onde tais resistências

acontecem. Espaço esse que é onde as linhas podem se cruzar, criando pontos de encontro na cidade. É na percepção do emaranhado de linhas-rota e linhas-vínculo a modo de um rizoma, sempre aberto a novas entradas e saídas, que se apresentam as táticas de resistência dos catadores.

A questão do tempo é vital.
 Se marco uma hora,
 não é garantia de que será cumprida.
 Encontrei o Tramandaí! 14:28!
 As linhas...a gente vai se aproximando e elas se cruzam...
 Ele e eu estávamos com pressa,
 não conseguimos conversar direito.
 Nenhum de nós estava parado.
 As linhas de movimento se cruzaram.
 Falamos rapidamente.
 Combinamos que eu voltaria às 16h.
 Voltei. Ele não estava. ⁴⁶

A organização da análise de campo referenciada nas linhas de Ingold (2022) reforça a ideia de movimento e de emaranhado do funcionamento das coisas na cidade contemporânea. De um rizoma.

3.2 SOBRE NARRAR A CIDADE (a partir do encontro)

Na percepção das territorializações enquanto linhas que desenham um campo de disputa no território do Quarto Distrito, emergiram práticas recorrentes na produção da cidade, cotidianidades que se tornaram pistas para ampliar a questão de pesquisa. Tais práticas são apresentadas como verbos, que despontam como um redizer (CABRAL, 2021) os fragmentos narrativos coproduzidos entre o corpo-catador e o corpo-pesquisador, em meio às linhas que traçam rotas e vínculos. Redizer (Ibidem) tais fragmentos é redizer a cidade, é trazer subjetividades desqualificadas pela ótica de um planejamento racional que acolhe apenas um modo de existência e despreza memórias e saberes outros. Os verbos são táticas.

⁴⁶ Diário de campo, 02/05/2023, 14:28.

...ENFRENTAR ...CUIDAR ...CONFIAR ...ENSINAR ...HISTORAR

Anna Tsing (2019) fala dos catadores de cogumelos na floresta, o que relaciono neste trabalho com os catadores de resíduos do Quarto Distrito. Os primeiros apresentam, segundo a autora, um conhecimento cinético sobre a floresta – de como nela se mover, navegando por suas vistas, sons e cheiros. Da mesma forma, os catadores do Quarto Distrito apresentam o mesmo conhecimento cinético – em identificar, recolher, acondicionar e transportar os resíduos pelas ruas. São especialistas em driblar as dificuldades no trânsito e deslocar-se com segurança em uma cidade hostil – sabedoria essa não adquirida através do estudo tradicional, mas usando seus corpos. Assim como os forrageadores⁴⁷, os catadores de resíduos exercem uma forma de caça. As ruas da cidade, feitas para o transporte público e privado, pouco contemplam o caminhante. Especificamente próximo à área de estudo, na retidão da avenida Farrapos, o trânsito é hostil, ao que o habilidoso corpo-catador responde através de um movimento sinuoso pelas ruas, seguindo a música da arte emergente da vida cotidiana.

Uma catadora de resíduos com um carrinho...
 um PUTA carrinho super cheio de coisas
 parado NO MEIO da Benjamin Constant. Assim.
 Como se na calçada estivesse. Sem se abalar.
 E isso fura o ritmo da cidade enlouquecida,
 do tráfego, dos carros a milhão com pressa...
 sábado ao meio dia, galera indo almoçar...
 e eu parei atrás dela...com muito cuidado, coloquei o pisca alerta
 e fui gentilmente contornando
 o que para mim era um obstáculo...
 mas também um espetáculo de re-existência e presença...⁴⁸

Continuadamente, o catador de resíduos está em estado de alerta, tanto em relação a restos descartados pela sociedade de consumo quanto à segurança do seu corpo, que se avoluma quando junto do seu instrumento de trabalho - o carrinho. A vigilância relacionada à segurança do seu corpo refere-se aos veículos com os quais

⁴⁷ No contexto dessa obra de Anna Tsing, forragear é sair em busca de alimento (FORRAGEAR, 2020).

⁴⁸ Diário de campo, 04/03/2023, 12:25.

divide espaço, à falta de acessibilidade das ruas e ao preconceito da população em geral frente aos carrinheiros. A atenção em relação aos restos descartados existe pela possibilidade de adquirir resíduos que sejam vantajosamente vendáveis e estejam dispostos por onde passa. Em ambas as situações, são corpos guiados pela astúcia de quem se opõe à ordem imposta, que os desconsidera.

A Gelca, também conhecida nos percursos que faz como “moça do carrinho”, foi uma narradora que conheci nos últimos dias de campo. No dia em que cheguei no local e horários marcados para que eu a acompanhasse em um primeiro percurso, ela já havia saído para fazer a coleta, o que pode ser bastante comum quando as aproximações prévias não são densas o suficiente. Nesse caso, a linha-vínculo entre corpo-catador e corpo-pesquisador não havia sido maturada, o que resultou em um desencontro. Mas, sabendo aonde iria, segui os passos da narradora, a fim de encontrá-la no ponto de coleta. Tive dificuldades para andar por ruas que parecem inóspitas ao pedestre, e gravei em áudio minhas impressões, cogitando como seria se meu corpo estivesse acoplado a uma extensão como um carrinho de coleta:

O caminho que a Gelca faz diariamente não tem faixa de segurança! Simples assim. Ela pega a Hoffman desde a Voluntários, atravessa a Farrapos num local onde não tem NENHUMA faixa de segurança...só tem pista de carro, ônibus, o escambau...e é isso. Nem sinaleira tem! É completamente hostil a quem faz a catação de resíduos. Tenho que confirmar se ela realmente faz este caminho como a mãe dela Vera falou ou se eu que peguei este atalho. Mas isso me parece impossível. Só eu e meu corpo, sem a extensão do carrinho, já me parece impossível...

A vulnerabilidade dos carrinheiros se torna mais evidente para mim no momento em que espero para atravessar a Farrapos. Porque o conjunto carrinheiro-carrinho é maior e mais alto que um ser humano sozinho, evidentemente. E isso faz com que sejam mais suscetíveis a acidentes. Quando a gente para na Farrapos, vê os carros e ônibus a milhão, vem a preocupação com o carrinheiro, que não tem a agilidade de um simples corpo, que pode sair correndo..., ou seja, ele tem que pensar

muito mais, se programar... e ter a sabedoria de se manter em pé e se locomover... APESAR da sua aparente fragilidade. ⁴⁹

Após encontrar-me com Gelca no ponto de coleta e trocarmos conversas e saberes, voltamos juntas, e tive a oportunidade de refazer o caminho que havia feito na ida ao seu encontro, em companhia, agora, da pessoa com a qual eu estava preocupada (e curiosa) em relação à movimentação pelas ruas. Foi rápido. Antes pequena, virou uma gigante para atravessar a avenida. Amalgamou-se com o carrinho e atravessou a Farrapos em uma velocidade na qual eu não me atreveria. Em meio a muito barulho de tráfego, gingou pelas pistas, deu uma volta no canteiro e fez um sinal ao ônibus que vinha. Prontamente, ele diminuiu a velocidade. Já na calçada, me senti segura para retomar a conversa.

Clara - Gelca, aquele sinal, assim... foi tu te comunicando com o ônibus?

Gelca - É... e eles acendem a luzinha pra mostrar que tem gente atravessando...

(Gelca desvia)

Passei pro lado de cá dos vidros, tinha vidro ali, tá cheio de vidro no chão.

(eu, que andava ao lado dela, sem sequer me preocupar em conduzir um carrinho, não tinha me dado conta dos cacos de vidro no chão... ainda bem que a Gelca estava ali para me alertar!).

A linha-vínculo, traduzida no acordo tácito entre uma catadora de resíduos e um motorista de ônibus, é uma demonstração clara de uma tática praticada que permite que carrinheiros tracem suas linhas-rotas. Não apenas o motorista de ônibus diminuiu a velocidade ao sinal da Gelca, mas ainda acendeu uma luz para avisar a outros veículos que cuidassem. Evitando um encontro, a linha-rotas mais espessa do ônibus cedeu passagem à linha-rotas mais tênue do corpo-catador. Na sua vulnerabilidade, o corpo-catador afirmou sua presença.

⁴⁹ Diário de campo, 09/03/2023, 15:04.

grupo social na sua relação com a rua, o que nos leva a questionar o quanto de fato tal plano alinha-se aos objetivos da ODS, especificamente ao 11, Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, pois a urbanização inclusiva e sustentável passa por depositar um olhar em todos.

A acessibilidade, tão cara às linhas-rota dos corpos-catadores, surge em relatos vários – às vezes de forma implícita, por vezes manifesta. No primeiro percurso que fiz com Belomar, assumi o carrinho por algumas quadras. Ainda não havíamos feito a coleta e estava leve para conduzi-lo. Porém, para um corpo-pesquisador inexperiente na condução de tal ferramenta de trabalho, não era fácil. Eu ia devagar pois “estava” catadora, e, assim, sentia a tensão pela responsabilidade de comandar aquela extensão do meu corpo, traçando linhas-rota no leito da movimentada avenida Cristóvão Colombo. Quem não “está” catador, mas propriamente o “é”, naturaliza o quanto pode ser difícil comandar um carrinho de coleta de recicláveis. Intuo se a tática não está, de forma inconsciente, na própria naturalização – o ato de não se dar conta da difícil condição (e condução!), tornaria o fardo menos pesado para carregar? “Estando”, assim, carrinheira, e curiosa, puxei assunto sobre a condição de conduzir diariamente aquele carrinho e ter seu corpo majorado em tamanho e necessidade de esforço.

Belomar - Nããã, tu te acostuma... tu tá com o carrinho, tá no pique... vai mais ligeiro. Se tu tá caminhando com a pessoa sem carrinho... tu tá lá na frente. Daí as pessoas assim “bah, tá pesado esse carrinho”. Não tá pesado, tu tá acostuma já com o peso, carrega peso já...Foi ontem? Ontem fui lá perto do cartório, aquele lá perto do Rissul, lá, aquela galeria que tem lá embaixo, do lado do banco...

(frente à minha expressão de dúvida, Belomar insistiu em me fazer localizar no espaço, mostrando seu conhecimento daquelas ruas através das linhas-rota traçadas no seu imaginário)

Belomar – Na Cristóvão, lá embaixo, no final dela, tem uma galeria do lado de cá...E eu fui lá pegar uns papel ontem de manhã... e peguei umas caixas também e botei no carrinho. Trouxe. Quantos quilos deu? 382kg. Quase 400kg! E eu trouxe de lá, até o depósito. E o cara me deu 50 real ainda, dá pra tomar um café.

As linhas-rota traçadas são por vezes retas, niveladas. Por vezes vencem desníveis grandes, cuja escalada necessita que se transformem em linhas sinuosas, mais extensas, de forma a atenuar a declividade do percurso e possibilitar o trajeto. As linhas-rota tornam-se mais sinuosas à medida em que o catador avança em direção aos bairros adjacentes à região do Quarto Distrito, que estão em uma altitude maior e onde há maior possibilidade de obtenção de material reciclável descartado.

Belomar – Ando só aqui na volta. Pego no Moinhos de Vento...

Clara – No Moinhos tb? Daí tem que subir lomba

Belomar – Sim, subo lomba. Subo Lomba com o carrinho vazio, né? Depois, lá em cima eu carrego e só desço com o carrinho carregado depois

Clara – Qual é a rua mais longe que tu vai, Belomar??

Belomar – Ó, já vou...aqui perto, na Ramiro..

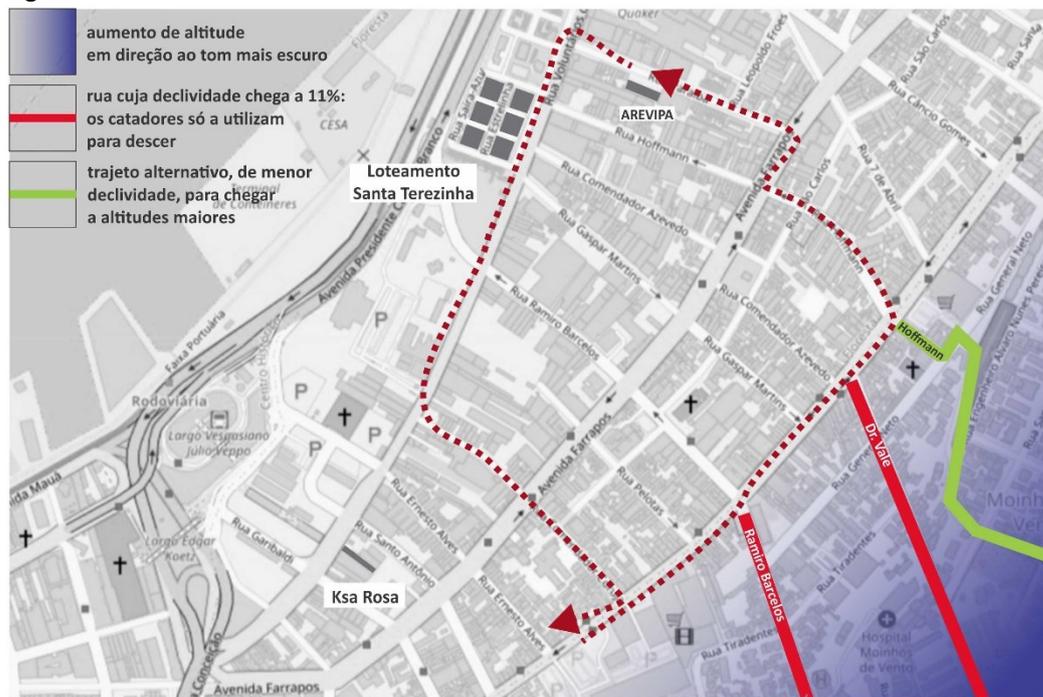
Clara – Ramiro, sim, mas bah, a Ramiro, uma super lomba para subir.

Belomar – Eu subo aqui atrás do Zaffari

Clara – Tá, a Hoffman ali...

Belomar – A Hoffman, eu subo por aqui... Vou lá em cima ...depois só desço. Desço carregado depois. Subo com um carrinho vazio...

Figura 19 – Percurso com Belomar



Fonte: Elaborada pela autora sobre base do *OpenStreetMap*

Em todas as escutas em campo a questão do enfrentamento do corpo-catador esteve presente. Mesmo o sr. Antônio, líder da comunidade da Vila dos Papeleiros, que não trabalha mais diretamente na catação por ser cadeirante, condição em que se encontra há quatro anos, me falava habitualmente das dificuldades que necessita encarar pela falta de acessibilidade nas ruas. Presenciei essa falta de acessibilidade, ao acompanhá-lo nos percursos os quais fizemos pelo Quarto Distrito. O ruído da trepidação das rodas da cadeira misturou-se às suas histórias na gravação e os áudios pareciam saídos do filme *Um som ao redor*⁵¹, produção brasileira em que os sons da vida urbana são protagonistas.

Seu Antônio – Sofrem⁵² nas calçada. O cadeirante sofre mais ainda porque, além que... vamos dizer que é uma calçada boa aqui... mas ele faz com declive, caindo pro lado da rua. Quer dizer que o cara vai empurrando a cadeira e a cadeira vai caindo...

Clara – E tem que forçar... sempre compensar nessa...

Seu Antônio – Sempre... forçar uma roda para ficar reto, né? Quer dizer que tudo isso aí nos atrapalha... quando não é esburacada, quando não é buraco... (...)

Clara – E carrinheiro... ele passa pela calçada ou pela rua? Depende, né?

Seu Antônio – Carrinheiro... geralmente ele... conforme o lugar. Ele vai pra calçada. Quer dizer que... É de ver... a calçada... dá pra por um monte de defeito nas calçadas que...

Clara – Que nunca é demais...

Seu Antônio – Que nunca é demais. Por exemplo, tem calçada que é boa, mas ela tem altos e baixos na calçada, né... Por exemplo, uma cadeira, a cadeira tu vai empurrando ela, e se tiver um degrauzinho aqui, ó, tranca as rodinhas, e o carrinho cai lá pra frente. É o que tem nas calçadas. E tem calçada que... ela é boa, que tem aquilo lá, ó.

Clara – Cimento?

Seu Antônio – É aquele... aquela subida ali.

Clara – Ah, a rampa!

⁵¹ O SOM ao redor. Direção de Kleber Mendonça Filho. Brasil, 2013.

⁵² Seu Antônio referia-se aos carrinheiros, a pessoas com carrinho de supermercado, a adultos com carrinho de bebê e cadeirantes.

O enfrentamento, aqui, é do sistema deficiente, que limita a possibilidade de movimentação de quem não se encaixa nos padrões mínimos para ser considerado apto ou digno de utilizar esse espaço público. Seu Antônio, ao falar da dificuldade de acesso a uma ação aparentemente trivial como pegar um ônibus, expõe, com propriedade, as deficiências do sistema.

O que pode um corpo? Essa questão foi trazida inicialmente pelo filósofo holandês Bento de Espinosa, no livro *Ética* (1677), e foi explorada por Deleuze (2017) em *Espinosa e o Problema da Expressão*. Judith Butler, no filme *Examined Life*⁵³, traz também essa pergunta, ao discorrer junto a Sunaura Taylor⁵⁴ sobre movimentos do corpo humano em um espaço social, e as limitações físicas existentes que coexistem com as limitações dadas por estigmas sociais – a primeira, usa suas pernas para caminhar. A segunda, usa uma cadeira de rodas. Ambas caminham. Os estigmas sociais, tão evidentes no cotidiano de um corpo com deficiência, manifestam-se também diariamente sobre os corpos que coletam resíduos, com força tal ao ponto de outros seres humanos não reconhecerem a posição de interdependência que estão com catadores.

Antônio – Claro... A prefeitura, ela (...) só governa para a burguesia. Tu quer ver, primeiro lugar, tirar os catadores na rua. Tirar o cobrador da roleta. Tirar o cobrador da roleta, o motorista passa trabalho quando eu vou pegar um ônibus. Ele tem que cobrar o passageiro que entra... tem que dar o troco... Tem que descer do ônibus e lá me botar no elevador com o bumbum. O cobrador, ele é essencial no ônibus. O cobrador é uma pessoa. Uma pessoa que está ali para nos auxiliar, né? Uma pessoa passa mal lá no fim do corredor. Lá, o motorista vai ter que largar o volante lá, atender aquela pessoa. Se o cobrador poderia fazer isso aí. Só trabalho que ele passe me botar lá pra ligar o elevador lá pra me botar dentro do ônibus lá pegar meu cinto. Tudo isso aí.

Deficiente é o sistema que não proporciona as rampas adequadas ao cadeirante, por exemplo. Deficiente é o sistema onde não cabem as vozes dos catadores. Se não há

⁵³ Ver nota 37.

⁵⁴ Ver nota 38.

acessibilidade de movimentação, ou de comunicação, esse sistema é discriminatório e condenável do ponto de vista moral e ético.

As falas relacionadas ao corpo *versus* rua são pistas sobre o enfrentamento cotidiano do corpo-catador nas ruas da cidade, corpo esse que ocupa um espaço além de seu corpo humano com a extensão-objeto carrinho de recicláveis. Esse corpo é afetado pela velocidade na cidade e estigmatizações existentes – que se traduzem em invisibilidade e outros tipos de violência. Gelca, que tomada de astúcia atravessou a Farrapos, expõe também as violências e apoios que a atravessam no cotidiano das ruas.

Gelca – (...) todo mundo às vezes me catam na rua falando “bah esse carrinho no meio da rua” ... as outras é boa falam bem assim: “sobe, moça, sobe em cima da calçada ali em cima da calçada pra senhora não ficar no meio da rua...não dá bola pros outros”. Eu tenho medo de ficar no meio da rua por causa dos carros.

Judith Butler, em *Corpos em aliança e a política das ruas* (2018), fala sobre corporificação ao discorrer sobre a potência e relevância das manifestações como resistência ao sistema neoliberal: não seria uma forma de exposição e persistência deliberadas, a reivindicação corporificada por uma vida possível de ser vivida que nos mostra a simultaneidade de ser precarizado e agir? A pergunta permanece desafiando o modo tradicional através do qual pensamos nossos corpos. O que pode um corpo-catador?

...ENFRENTAR ...**CUIDAR** ...CONFIAR ...ENSINAR ...HISTORAR

A Cida é uma narradora com a qual desenvolvi uma linha-vínculo mais espessa, em que se acumularam vivências para além desta pesquisa. Conheci-a na Ksa Rosa, em uma época em que não havia começado propriamente o trabalho de campo, onde compartilhamos oficinas, atividades de distribuição de alimentos e conversas com o café

passado pela Maristoni, a quem reconheço neste trabalho como a Catadora de Gente⁵⁵. Na primeira narrativa que a Cida dividiu comigo no trabalho de campo, trouxe que começou a trabalhar na catação em uma oportunidade de partilha, em que sentiu o cuidado de seus pares.

Cida – Com 20 anos, comecei a catar por necessidade para dar alimento para minha filha. Foi num ferro velho, perto de casa, se chamava Ferro da 32, da dona lara. (...) Eu vi e cheguei e pedi pra puxar carrinho. Eu já conh.. já via os catador, né? Mas eu não tinha experiência. Daí eu pedi pra sair com um pra catar, fazer companhia, daí ele me deu. “A gente não ganha muito, mas a gente pode te ajudar com a metade”, daí eu comecei a catar.

Clara – Tu te sentiu acolhida junto outros catadores?

Cida – Muito. Em nenhum momento se passaram comigo, sempre amizade.

Clara – E tem a ver porque a lara era a dona? Que era mulher.

Cida – É. Ela no, começo, ela: “Olha, só homem que puxa, né? Daí tu é mulher, não sei se vai dar certo né?”

(...)

Cida – (...) E eu preciso terminar o primeiro, pelo menos, porque é uma que eu vou te dizer....Eu não quero ficar só na catação. Quero virar uma assistente ou com uma enfermeira ou alguma educadora. Eu tenho sonho, sabe, que a gente vê, a gente vê outras áreas...Como eu, como eu sou catadora, eu sei que eu preciso, e tô na área...assistência social, uma área linda. Pessoa educativa com criança vindo também da área da creche infantil....médica, técnica de enfermagem...São coisas que que ajuda..claro que tem...se eu estudar, vou muito além, né? Ah, vou me formar, vou pro terceiro, vou fazer um vestibular, vou agora vou fazer faculdade, vou fazer. Eu vou chegar lá. Vou ter que ser muito estudo. Muito esforço que não é fácil o estudo, né? Eu posso! Não se sabe. Porque tem muita mulher com a minha idade, se formando em direito.... se formando na no sonho dela, né? Mas tem que estudar. Não adianta só pegar o caderno porque é difícil, é todo dia.

⁵⁵ Referência ao documentário brasileiro homônimo de 2018, dirigido por Mirela Krueel, sobre Maria Tugira Cardoso, que há 30 anos dedica sua vida à catação de lixo e à valorização da profissão.

La Bamba também fala do início da catação de resíduos, que, como Cida, deu-se através da partilha de experiências e do cuidado.

La Bamba - Comecei a catar quando eu achei meu antigo amigo ali no albergue municipal que funcionava antes... Negão Feijão... Nego Cristian... Ele trabalhava com reciclagem e me deu as dicas pra mim. Mas até então eu não conseguia pegar carrinho, eu carregava de saco nas costas. Aqui tinha ferro velho, ó. Bem aqui era o maior ferro-velho que tinha, era o ferro velho do Velho Artur. E depois de um tempo que eu comecei a trabalhar, peguei uns conhecimento e ia trabalhar lá pro véio que tinha as antiguidade aqui também, ó. Eu desmanchava motor e ajudava ele quando ele precisava de umas carga e descarga.

A Gelca, no primeiro encontro em que conversamos, trouxe a preocupação com o cuidado dos filhos, evidenciada na lucidez com que afirma não os deixar que a ajudem na catação de resíduos. A catadora tem orgulho da sua atividade, mas, por conhecer a cidade onde vive, sabe as violências que atravessam o cotidiano das ruas.

Gelca - Sou de Porto Alegre, de 10/08/1..85, tenho dois filhos, eu crio meus filhos sozinha, puxando carrinho, ajudando a minha mãe dentro de casa...tenho o meu guri que é doente, toma remédio para convulsão, Tem doze anos. Eu tenho ...14 anos...14 anos eu faço esse serviço, puxando meu carrinho... Pra miiim... pra mim é isso, isso aí é o meu serviço, aí é o meu pão, esse ... esse carrinho aí. É o meu pão e meu almoço. Daí eu crio meus filhos assim. Puxando carrinho, bolsa família... Eu nunca levei meus filhos pra puxar carrinho. Nem levo. Eu nem gosto de levar. Eu já ganho o bolsa família deles pra não levar meus filhos pra não pedi na sinaleira nem pra puxá carrinho. Já ganho o bolsa família deles. Já levo pra escola que eles ficam o dia todo das oito às cinco.

O horário estendido na escola representa, para essa mãe, que os filhos estão seguros, envolvidos com atividades relacionadas ao lazer e estudo que são apropriadas às suas idades. Tal fato ilustra Butler (2018), pois diz o quanto a precariedade faz com que essa narradora conte com a escola, enquanto instituição pública de ensino e

organização social de apoio, para que possa desenvolver seu trabalho na catação de resíduos e sustentar os filhos. O Estado mostra seu importante papel como responsável por uma política de organização e proteção das necessidades do corpo através da existência de equipamentos públicos que possam atender à população. Nem tudo é mercadoria.

O cuidado que Gelca apresenta com as crianças estende-se para além dos seus filhos. Nós costumávamos fazer combinações referentes à pesquisa via áudio do aplicativo *whatsapp*. Numa noite, mandei mensagem dizendo que não poderia ir ao seu encontro no dia seguinte, em função do meu filho estar doente. Rapidamente, ela me respondeu com seu recado de voz (em tom firme, segura de si), que eu fazia certo de não ir, que devia mesmo ficar e cuidar do meu guri, que o dela havia estado com dor de garganta, que ela havia feito tal e tal coisa, que o tempo não andava bom, e por aí foi. A conversa entre narradora e pesquisadora, assim, transformou-se em uma troca entre mães preocupadas com a saúde dos filhos expondo “as dimensões frágeis e necessárias da nossa interdependência” (Ibidem).

O sentido de coletividade trazido por Butler (2018) é também elucidado por Belomar, narrador que já tem seus pontos certos em condomínios, quando discorre sobre sua caminhada cotidiana:

Belomar – (...) às vezes tem papelão. Tem papelão na rua que eles deixam, que me chamam pra pegar o material e eu passo pro papelão, eu não pego e deixo pros outros que precisam. E eu já tenho o do ponto fixo que eu pego o material. Porque eles estão atrás. Estão correndo atrás para pegar o material. Então aí eu passo pelo papelão e deixo para os outros, senão eu digo pra eles, “ó deixa pro próximo que passar por aí com o carrinho, que vocês alcançam.” Porque eu já tenho o trajeto para pegar o meu material, já.

Cida ainda complementou sua narrativa com impressões que tem sobre cuidado e partilha:

Cida – Olha, é... É que eu sou muito quieta... mas assim ó... entre si os catador, eles são amigo. Tanto que se tu precisa, eles ajudam. Entendeu? Só que a gente tem que ser humilde porque muitas

peessoas às vezes chamam a gente, entendeu? Eles te dão dinheiro, te dão um alimento, né? A forma deles ajudar, né? E realmente ajuda, né? Te chamar porque a gente tá catando, né? Tá mexendo no lixo? Claro que vai ajudar a estender a mão. Eu sei.

A caminhada continua nas ruas do Quarto Distrito. La Bamba segue à minha esquerda, e eu o acompanho, vacilante pelo receio de atrapalhá-lo enquanto conversamos, apesar da sua destreza com o carrinho pelas ruas.

La Bamba – Mas nós vamos dobrar aqui, claro (dobrando na Gaspar Martins)... Vamos passar ali no véio por causa dos cachorro.

Clara - Qual velho dos cachorro?

(La Bamba tentando me ajudar a andar na rua):

La Bamba - Aí não, pode passar que tu tá comigo, tem que ser por esse lado aqui. Nós vamos dobrar lá... – aí o véio dos cachorro, ó. Aí é o SOS Cães de Rua. Ele é foda... não dá pra dar desdobre não.. Maktub...o nome dele é Maktub...ganhar uma experiência aí...se tu vier aí tu vai largar chocada com os bagulho que ele te fala (risos)...esse cara aí tu para pra trocar uma ideia com ele...ele é f. E tem os cachorro e diz que tem uma ONG, eu não sei...ele trova, né, meu, bahh...às vezes não sei se é tudo verdade...ou é dez por cento verdade.*

O “velho dos cachorros” que habita a Gaspar Martins e foi-me apresentado pelo La Bamba, eu soube posteriormente, é Maktub Abdalla, tem 63 anos, e abriga em sua barraca e seu carrinho de supermercado cães abandonados que recolhe pelas ruas. Os cachorros, cabe trazer aqui, são personagens constantes do trabalho de campo desenvolvido e as relações com os narradores formam um tipo peculiar de linhas-vínculo de cuidado. A velha Laica, uma cadela de aproximadamente dez anos, atrasou um percurso que o Seu Antônio e eu faríamos, pois fez questão de acompanhar o dono enquanto eu o acompanhava para darmos uma volta no galpão da AREVIPA. Com receio de que fosse atropelada ao atravessar a rua (“vou ficar com culpa”, disse ele), Seu Antônio pediu que voltássemos à Vila dos Papeleiros, e, após muito esforço e ajuda dos netos, colocamos a gorda, velha e teimosa cadela dentro de casa para não nos seguir novamente. Segundo o líder comunitário, os cachorros adotam os donos, e não o

contrário. A Pretinha, o Thor e o Alemão são fiéis escudeiros da Ksa Rosa. Funcionam também como campainha. Ninguém se aproxima do portão da Ksa sem que seja anunciado pelo trio canino. O Joe seria um cachorro do mundo, mas resolveu ser do Belomar. Quando não sai em companhia do dono eleito, o espera voltar no galpão da AREVIPA.

Os narradores trouxeram experiências entre corpos e cidade que podem mostrar caminhos alternativos ao processo de espetacularização das cidades contemporâneas, produtor de grandiosas cenografias urbanas. Para além de relações de partilha e cuidado, existem relações de **confiança** construídas, que fazem com que o corpo-catador continue circulado.

...ENFRENTAR ...CUIDAR ...**CONFIAR** ...ENSINAR ...HISTORIAM

No primeiro percurso em que acompanhei o La Bamba, a linha-vínculo previamente formada por dois anos anteriores em atividade voluntária na Ksa Rosa era espessa e compunha uma relação de confiança entre nós. Tal familiaridade trouxe naturalidade e riqueza na sua narrativa, que justamente versava sobre a credibilidade que era depositada em si pelos donos de ferro-velho, ou atravessadores da região.

La Bamba - Segue por aqui. Aqui é o fluxo da reciclagem. Os donos de ferro velho e tudo conhece o cara. As vezes já peguei mil real deles pra fazer troco, na resposta. E os caras confiam. Daí ele precisava de troco trocado, só tem de 100,00. Ele me dava mil real pra mim ir trocar... porque ele sabia...

Clara - E se tu vai na rua e alguém te assalta?

La Bamba - Não, mas ele me conhecia...e sabia que isso não ia acontecer... mais fácil eu "largar" com o dinheiro dele...(risos) mas não...eu não fazia isso, por isso que eles "largavam" em mim, né... Ah, precisava ajudar às vezes um...freelance, carregar um caminhão que chegou ali, que eles vão descarrega...(...) eu pegava quando eu morava na rua mesmo, depois eu peguei as manhas dos pontos...

Apesar de majoritariamente trabalharem de forma solitária, os catadores dificilmente estão sozinhos. Eles formam redes comunitárias que se compõem de afeto e necessidades. Butler (2018) afirma que aqueles que arcam com o peso, ou que efetivamente “são” o custo do humano, os seus restos ou detritos são precisamente aqueles que algumas vezes se veem inesperadamente aliados uns aos outros em uma tentativa de persistir e exercitar formas de liberdade que superem versões estreitas de individualismo sem colapsarem em formas compulsórias de coletivismo. Tal exercício de confiança é tanto construído entre os catadores como entre os mesmos e as pessoas das quais recolhem resíduos.

Clara - O que o senhor está me dizendo ...sabe eu leio assim... Nas ruas, ele... as relações são mais Fortes, né?

Antônio – São!

Clara - O Belomar, por exemplo, está 30 anos num prédio ali. Ele chegou no prédio, e aí o pessoal abriu o portão direto e se abriram as portas, ele entrou todo cheio de si, sabia onde era...Esse tipo de relação é importante nas ruas.

Antônio – Pois é, a confiança que o pessoal pegou nele, né? (...) Porque se fosse quando ele começou a puxar, ele ficava esperando na frente, o cara botar o lixo pra rua, pra ele pegar.... Ele foi indo, foi indo, foi indo.

Ademais, o próprio Belomar também me trouxe a sua rede construída ao longo de anos de trabalho baseado em respeito e confiabilidade.

Belomar – (...) Eu não pego na rua, eu tenho já os condomínio certo que eu já pego

Clara – Mas sempre foi assim ou foi nos últimos tempos?

Belomar – Nos últimos tempos... que eu antes eu pegava na rua, né... até tinha que correr atrás para pegar lá na rua. Daí... eu comecei a pegar... as pessoas... os prédios começaram a me chamar pra pegar o material dentro do condomínio. Daí pegaram confiança em mim, comecei a pegar agora, material dentro do condomínio.

Gelca traz a força das linhas-vínculo construídas, na base da confiança, com as pessoas das quais coleta resíduos.

Gelca – É, às vezes, às vezes eu não compro material, né? Minhas amigas, que eu tiro os lixos dos apartamentos numa aí eu espero a lista dos material, eu mando no whats pra eles aí no outro dia...”ó: material já tá comprado”.

Clara – Como é que faz com o whats... tu manda áudio, daí?

Gelca – Mando áudio. Pra escrever eu não sei. Aí eu já falo para eles, aí eles mandam mensagem, e eu “olha, eu não sei ler”. Ele aí eles mandam, aí já avisam “Olha, os material dos teus filhos estão aqui já”. Agora o meu maior agora, eu ganhei 2 sacolão de roupa nova.

Para Jacobs (2000), a confiança é um “pressuposto inconsciente do apoio geral da rua quando a situação é adversa”. Ela é “construída com o tempo, a partir, justamente, de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas”. A autora traz de forma bastante elucidativa o quanto a vivência nas ruas e os encontros fortuitos podem resultar na compreensão da identidade pública das pessoas e no sentido de pertencimento de uma rede maior. Por vezes manifesta, eventualmente mais implícita, a abordagem sobre pertencimento foi constante nos relatos dos narradores.

Em um dos meus encontros com o Seu Antônio, saímos a derivar pela Vila, em cuja rua principal crianças brincavam, adultos conversavam despreocupadamente na calçada em frente às suas casas, o minimercado funcionava, o barbeiro trabalhava e o carrinheiro passava. Lembrei-me por alto do balé da rua Hudson, narrado por Jacobs (2000), em função do grande movimento das diferentes pessoas, em atividades variadas, naquela rua. Ao final do passeio, Seu Antônio falou-me, sem detalhes, que ele e eu havíamos passado pelos pontos mais, digamos, sensíveis da Vila dos Papeleiros. Que, sem eu perceber, estava sendo o tempo todo vigiada, por ser alguém de fora da Vila, mas não havia problema, afinal, o estava acompanhando. Que nas próximas vezes que eu fosse lá, já me conheceriam, já haveria confiança. Era assim, disse o líder comunitário - pessoas que não pertenciam à comunidade eram observadas por gente de lá, pela segurança do pessoal que lá vivia. O sentido de pertencimento, assim, é um

valor construído e mantido a muitas mãos, e alimentado pela liderança do Seu Antônio, que defende a comunidade independentemente do seu interlocutor, o que mostra, conforme Daniele Caron (2023) trouxe em reunião de orientação, que “as relações comunitárias são ancoragens para que as linhas vínculo, e conseqüentemente linhas-rotas, não cessem de acontecer”.

Seu Antônio – Aqui é assim, uma vez também... a polícia andava muito desgraçada aqui na Vila... Daí eu fui na Record lá e falei com o Mota, que o Mota tava dando pau na minha Vila, né? Te lembra do Mota, o gordinho? Eu fui lá falar com ele e falei pra ele: “Tu não conhece a minha vida e tá dando pau na minha Vila? Ô, lá dentro só tem gente trabalhador. Tu acredita no que os outros dizem, não na nossa realidade?” Daí ele chegou “É... eu já fui fazer, eu mandei uma viatura lá fazer uma reportagem lá e apedrejaram a viatura.” Mas aquele já fez uma reportagem comigo... ”fala pra aquele para fazer uma reportagem lá na vila.” Aquele já tinha me entrevistado aqui umas duas vezes. Daí a Kelly chegou, e veio lá falar “Ah, Seu Antônio, eu não vou fazer, aí, tenho medo.” “O que é isso? Tu entrar comigo lá é a mesma coisa que tu entrar com Deus!” Sabe onde é que ela me encontrou? Lá na Farrapos...com a viatura deles, né? Daí ela entrou comigo e desembarcou aqui. Louca de medo. O cineasta dela... também né... (ininteligível) Primeira pessoa que eu dei para ela entrevistar foi a que o (ininteligível). Depois, o outro foi o.... assim, as pessoas que iam passando eu mandava entrevistar. Daí eu cheguei assim, “Ô Kelly, agora eu vou te botar meu ponto que eu quero que saia matéria.” “E qual é o ponto?” Daí fui lá e levei ela lá (...) lá e ela começou a entrevistar os cara, e os cara malhando a brigada, né? (ininteligível) Que é que vai malhar... eles mesmo, né? Por fim, sabe como é que andava a Kelly? A Kelly já andava correndo com microfone assim, e eu longe dela (risos). “Bah, seu Antônio, mas que vila maravilhosa”. Daí o Mota nunca mais falou da minha comunidade. Porque ele viu a nossa realidade, né?

Dessa forma, na comunidade da Vila dos Papeleiros, as linhas-vínculo formam o que Jacobs (2000, p. 46) refere por uma “rede intrincada, quase inconsciente, de controle e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados”. Aqui, podemos pensar o verbo confiar como com-fiar... fiar com,

ou seja, o ato de confiar faz ver o rizoma, a tecitura do emaranhado de linhas-vínculo e linhas-rota que constituem o cotidiano do Quarto Distrito. O meu corpo-pesquisador fez parte dessa tecitura nesse processo de pesquisa. O emaranhado é uma rede perceptível apenas para quem está disposto a compor o rizoma, disposto a fiar com outros, e fortalecer o fio com o tempo, até que a urdidura possa enfim, fazer emergir o que Pelbart, na Cartografia da danação urbana, capítulo da obra *Ensaio do Assombro* (2019), entende por reestruturar as cidades de maneira mais humanizada e inclusiva, que é instaurar com mais força certas existências ou presenças.

...ENFRENTAR ...CUIDAR ...CONFIAR ...**ENSINAR** ...HISTORIANAR

‘Tô aqui com dificuldades para atravessar a Farrapos.
O que o La Bamba faria?’⁵⁶

No traçado contínuo das linhas-rota, possibilitado pela linhas-vínculo, em que os corpos-catadores exercem seu modo de subsistência e desafiam narrativas dominantes, há a construção de saberes sobre saneamento na produção urbana os quais os narradores desta pesquisa procuraram repassar continuamente e fizeram questão de incluir nas narrativas que trouxeram. São relatos que fazem referência a saberes dos sujeitos praticantes trazidos por Certeau (2012), que são indivíduos comuns, mas não passivos às estruturas sociais existentes – eles exercem práticas dentro do seu cotidiano que contornam ou reinterpretam normas impostas como forma de lidar com um ambiente hostil. Segundo Ana Clara Ribeiro,

O olhar predominante da modernidade – aquele que classifica, desenha e conta, mas que sobretudo omite a escuta ou a compreensão de narrativas – renega assim, a não ser por belíssimas exceções, a experiência dos que praticam o espaço; dos que, por imbricações culturais extraordinárias, compõem e engendram o tecido social. Para estes, os espelhos precisam ser transformados em trajetos e táticas no aqui e agora (Certeau, op. cit.).

⁵⁶ Diário de campo, 22/07/2023, 16:00. Gravei este áudio quando, apressadamente, devia atravessar uma avenida e não sabia por onde seria melhor. Eliandro foi o primeiro narrador com quem compartilhei percursos durante o trabalho de campo.

Também para estes, a feiúra do presente esconde tesouros de esperança e beleza que o pensamento crítico extrovertido agilmente renega. (RIBEIRO, A. C. T., 2002, p. 40)

Perguntado sobre o que determinava os percursos que fazia à época em que trabalhava na catação, Seu Antônio me respondeu:

Antônio – Não, eu fazia assim ó: eu saía daqui, depois pegava a Sete de Setembro, né? No Sebrae, no Paiva, e em um órgão da Corsan também. Eram meus pontos...eu tinha uns cinco ou seis pontos. E tinha os pontos pequenos também que eu pegava, né? Eu tinha os pontos pequenos que era residência... Eu chegava ali, o material já estava escalado para mim. E a gente ensinava o pessoal lá pra reciclar, né? Esse é a, por exemplo, papel higiênico, material orgânico. A gente via para botar separado.

(entramos na Av. Paraíba)

Clara – O senhor sabia que vai mudar esse sentido da rua?

Antônio – Essa aqui?

Clara – Me falou esse senhor, que eu fui na casa, semana passada, aqui na Paraíba, me disseram que conversaram com a EPTC...vai ser só sentido Farrapos – Voluntários.

Antônio – Farrapos – Voluntários...é, pra nós não vai mu...Bah, pra nós, vai mudar bastante, porque os carrinheiros geralmente vão tudo por aqui, né...

Clara – Mas pro carrinheiro não tem problema, né?

Antônio – Daí tem que vir na contramão.

Clara – É. É verdade! Isso deveria ser levado em conta.

Antônio – Pois é, mas pensa que eles fazem balanço?

Clara – Aí o carrinheiro vai ter que andar...

Antônio – Contramão!

Clara – Contramão, ou na calçada...

Antônio – OU na calçada...

O relato desse líder comunitário é uma crítica ao modo como o planejamento municipal é feito. O “fazer balanço”, na fala do Seu Antônio, referir-se-ia a fazer um estudo prévio, em que dados *in loco* fossem observados e pesquisados (o percurso dos

carrinheiros seria um dos dados) e confrontados com questões técnicas. A informação levada por mim sobre a possível mudança no sentido do tráfego da av. Paraíba veio de um morador de um sobrado na mesma rua. Em conversa informal, comentou-me que a Associação de Moradores, em reunião com a EPTC, solicitou tal mudança, justificando querer mais tranquilidade na região. Sem entrar no mérito de tal pleito, o fato é que determinados grupos sociais do Quarto Distrito aparentemente são aos olhos do Poder Público mais merecedores de escuta do que outros. Os “outros”, nesse caso, são justamente os que mais utilizam o espaço público sobre o qual discorre a discussão e com o qual, pelo conhecimento das ruas que apresentam, os corpos-catadores poderiam muito contribuir. Ao ser questionado se sabe o número de catadores no Quarto Distrito (número que não existe em fontes oficiais da Prefeitura), ele continua com sua crítica em tom de história:

Seu Antônio – Vila farrapos, as ilhas. Não, não imagino, mas tem bastante gente nas ilhas... daqui até as ilhas, é só carrinheiro, gente que trabalha com carrinho. Antigamente, nas ilhas, tinha facilidade ... das carroças, né? Hoje, às vezes tem carroceiro lá que vem de carrinho aqui pro centro. E leva daqui até lá... Porque uma pessoa uma vez me falou o seguinte: “É, eu acho pena do carrinheiro, do carroceiro, (pq antes tinha o cavalo)... mas o carrinheiro puxando aquele baita, carregando com um monte de peso, um baita sacrifício”. Daí eu falei pra pessoa assim, ó. “Tu olha um carrinheiro quando ele vem com o carrinho vazio, como é que ele vem? Ele vem triste. Agora tu olha o carrinheiro quando ele vem com o carrinho pesado, como é que ele vem..”

Clara – Faceiro.

Seu Antônio – E ele vem rindo. Porque ele tem bastante dinheiro ali no carrinho, quando ele tá carrinho vazio, ele vem triste, porque tem pouco.

Clara – Mesmo que seja fácil de trazer, né?

Seu Antônio – Claro, mas vem triste porque o... agora eu já comparei eu com o cavalo, né? Por exemplo, o cavalo, quando tem dor de cabeça, ele não sabe dizer pro dono que tá com dor de cabeça. Agora o carrinheiro está com dor de cabeça, ele vem mais devagar, toma um comprimido.

O que parece restar, dessa narrativa do Seu Antônio, é a crítica à exclusão, deliberadamente feita pela Prefeitura, dos catadores das decisões nos quais são parte interessada. Como se quem trabalha na catação não fosse considerado digno de envolver sua voz em decisões de interesse público. Paradoxalmente, são estes corpos que estão continuamente nesse espaço urbano e trazem saberes daí originados como que tatuados na própria pele. La Bamba, em uma conversa na qual criticava parte da população que desrespeita quem trabalha com resíduos, dispara:

La Bamba – (...) Alguma parte da população me acolhe, por causa que nem eu te falei... várias vezes eles me chamam, outras vezes pessoas me chamam mais de uma vez, me chamam... já contam comigo como parte da coleta privada, às vezes não tem tempo no dia da semana, só tem tempo final de semana e eu presto esse serviço final de semana fora do horário e, tipo assim, é saber que eu faço meu serviço direito. Eu não sujo a via lá, ôô, da rua. Sempre quando eu vou, vou lá no ecoponto. Se a pessoa pede foto, eu mando a foto de eu descartando o lixo no ecoponto ou eu largo dentro da lixeira. Eu não largo o lixo na rua, eu não sujo mais do que... tem muito rico que para fazer uma economiazinha... uns míseros 50 pila, ali, 100 pila para dar pro catador levar o móvel e não tocar na frente da casa deles...Eles vão lá e toca na frente da casa deles. Quando não estão ninguém olhando. Quando o síndico saiu. Eles vê que tá caindo e eles vão lá e tocam lá no meio da rua E eles dizem que foi o papeleiro. Que muitas vezes é isso que acontece, porque o papeleiro não vai tirar o móvel ali e vai tocar no meio da rua. Ele vai num lugar bem isolado ou vai fazer que nem eu, vai largar dentro do container, sabe ali, o ecoponto... vai ali, vai largar no ecoponto. Não paga nada pra largar dentro do ecoponto móvel. Os gari até te ajuda a descarregar, se for o caso, entendeu? Daí eles não pensam isso daí. Eu penso que a parte da cidade que me menospreza é a parte da cidade aquela que suja. E não quer que ninguém veja, quer pagar alguém para ir lá enterrar tudo para ninguém ver, não quer pegar e botar, ter a sua lixeirinha dentro de casa separado.... do lixo orgânico, do lixo seco e lixo do da coleta domiciliar que não tem reciclagem. Porque o orgânico puro tem reciclagem. A reciclagem... tem reciclagem, senão não tinha tanta firma aí, um bando de pessoas querendo ser dono das redes. E o lixo que não tem reciclagem, tinha que ter um destino certo, né? Mas muitas vezes, é muita embalagem reciclada, que

eles falam que é reciclada mas que não tem comércio. Que nem esses plastiquinhos de maionese e várias coisas aí que é 2, 3 tipos de material misturado, nem tem como separar. Só se tu gerar um novo produto, e eles não pensam em gerar um novo produto. Daí...eles dizem que é nós que sujamo a rua. Alguns querem dizer isso, né?

(...)

La Bamba – Na verdade, eles nem separam... Tem uns que nem separam, nem sabem o que que é isso. Eles olham nós como um monstro, mas mal sabe eles que nós estamos ali gerando a nossa renda com aquele lixo que ia ser enterrado, ia ser... e aí prejudicar e virar aquela rocha de plástico que tem lá em Pernambuco, lá...E nós estamos lá, separando...

A rocha de plástico citada pelo La Bamba trata-se de uma descoberta, soube posteriormente, feita por uma doutoranda em Geologia na Universidade Federal do Paraná (CAPES, 2023). No início de 2023, ela encontrou rochas de plástico na Ilha da Trindade (que verifiquei não ser em Pernambuco, mas pertencer ao Espírito Santo, a pouco mais de 1100km do litoral Atlântico). A descoberta refere-se a rochas híbridas - detritos formados pela fusão de material plástico e sedimentos naturais, como areia, cascalhos, rochas vulcânicas e materiais biogênicos (formados por restos de seres vivos ou por substâncias provenientes da sua decomposição). Dessa forma, La Bamba falava não somente do ser humano como agente produtor de resíduos, mas como agente geológico, participante de processos como formação de rochas, até então feitos somente pela natureza. Falava do Antropoceno.

A conversa com o La Bamba estava por terminar. Queria explorar um pouco mais o conhecimento cinético (TSING, 2019) daquele narrador sobre o espaço urbano. Lembrei de um encontro anterior, em uma conversa informal embalada com café passado, na Ksa Rosa, ocasião em que se encontravam também Maristoni e mais alguns voluntários da Ksa. La Bamba lançou na roda (e ao vento) a ideia de uma “reciclovía”. Rimos e divagamos em grupo - poderia funcionar paralelamente à ciclovía, e seria uma via apenas para os carrinheiros, que conectaria pontos específicos. Com essa conjectura em mente, pedi ao meu interlocutor se teria outras propostas de intervenção nas ruas as quais melhorariam o cotidiano de quem trabalha com resíduos.

La Bamba – Na verdade, as calçada tinham que ser mais larga...

Clara – Lembra que tu falou da ciclo... que a gente falou... a ... resíduo via, não é? Tem a ciclovia e tem a reciclovia, só para os catadores...

La Bamba – É... não, se, por exemplo, as ruas tivesse a calçada maior, e os postes mais alinhado e tivesse espaços para as pessoas. Portanto, caminhando como de bicicleta, não precisava ter ciclovia. Os ciclista vão respeitar os pedestre. E o carro.. vem muitas vezes.. os cara estão muito perdido na tecnologia, né? A outra vez eu fui atropelado na ciclovia por causa que o cara estava mexendo no celular, daí aí que é o problema... Problemas, pessoas mexendo no celular e não presta atenção no trânsito.. o cara de carrinho tem que estar esperto no trânsito de vários lados - do pedestre, do veículo, do... dos buracos, da rua. Aí tem que estar atento. Né? Se tivesse uma calçadinha ali, o cara ia poder ter mais tranquilidade na na... no trajeto. Ou o carrinho ser um triciclo elétrico, pro cara poder dirigir sentado, também seria uma evolução boa para a cidade. Podia ter uma painel de LED para fazer propaganda pras próprias firmas e para própria coleta.

Clara – E aquele luminoso de gari de noite, sabe, ter no carrinho?

La Bamba – Esse aí é o mínimo que tinha que ter, nós não temos mas nós temos refletivo no nosso carrinho... adesivo refletivo, aqueles de caminhão nós tem. Mas é que a luzinha ainda tá mais difícil porque não tem. Não temos um técnico que queira desenvolver isso daí só para os carrinho. Tantos tipos de modelo de carrinho diferente que tem... É difícil que o carrinho varia... depende do local e depende do que que o cara cata, né? Se o cara cata só PET, faz um carrinho leve e roda de bike. Se o cara coleta tudo..

(até então, eu não imaginava que havia catadores específicos de uma coisa ou de outra)

Clara – E tem quem colete só alguma coisa, só outra?

La Bamba – Teem. Tem pessoa que coleta só latinha. Vem do serviço coletando latinha, leva para casa, volta do serviço...

Clara – Mas quem é só catador?

La Bamba – Só catador, normalmente coleta tudo. Tem uns que coletam só caixa, mas é raro. A maioria coleta tudo. Se não consegue vender uma carga de uma coisa guarda num cantinho lá até ter um volume para vender. Até vidro, se tivesse comprador os

catadores iam vender. Se estivesse comprador pra vidro até o vidro ia ser vendido. É que não tem.

A fala do La Bamba sobre a compra de vidro faz referência a outra situação anterior, em voltávamos da coleta que a Ksa Rosa faz no Vila Flores duas vezes por semana:

(Uma caixa de vidro cai do carrinho. Barulhão na rua)

La Bamba – Foi só falar que o vidro quebrou

Clara – Ainda bem que não foi o outro ali...

La Bamba – Sabe que acontece? Pula o carrinho.

Clara – Deixa que essa caixa eu levo aqui comigo

La Bamba - É 6 centavos...eu não tenho (...) tempo de vender. Se o cara vai me pagar o valor justo pelo vidro, daí eu guardo quantidade pra ele, mas me pagar 6 centavos pelo bagulho... que olha aí o prejuízo... Agora, aí ó... Se fura o pneu do meu carrinho, eu me machuco... e eu ganho 6 centavos o kilo...200 kg de vidro e eu enchi um carrinho de vidro, dá 18 real. Vê se tem cabimento. Não paga nem vontade de tu andar, nem a vontade do cara ir lá leva. Tu sai no preju. .. sai no preju se fura um pneu. Não paga nem uma câmara... é foda, o que que é isso...Aí eles sai com esses bagulho de vidro, que o bagulho é reciclável...reciclável na Europa. Se eles pagá (inaudível) vai ter alguém reciclando.

As últimas observações feitas por La Bamba provocam a reflexão sobre o quanto o discurso sobre materiais recicláveis pode ser capcioso e induzir a uma falsa ideia de que “falta apenas separar o ‘lixo’”. A exploração vivida pelos catadores de resíduos anda ao lado do seu trabalho cotidiano. Por falta de apoio do Poder Público Municipal, esses trabalhadores acabam por tecer linhas-vínculo com atravessadores, que cobram um alto preço pela “facilidade” de vender materiais em menor volume.

Faltam políticas públicas que deem conta dos catadores individuais de resíduos do Quarto Distrito e não apenas vise às Unidades de Triagem, como que considerasse que quem trabalha individualmente não é digno de atenção por parte do Estado. A fala do Seu Antônio traz esta tática a que os catadores recorrem para que possam dar vazão ao que catam:

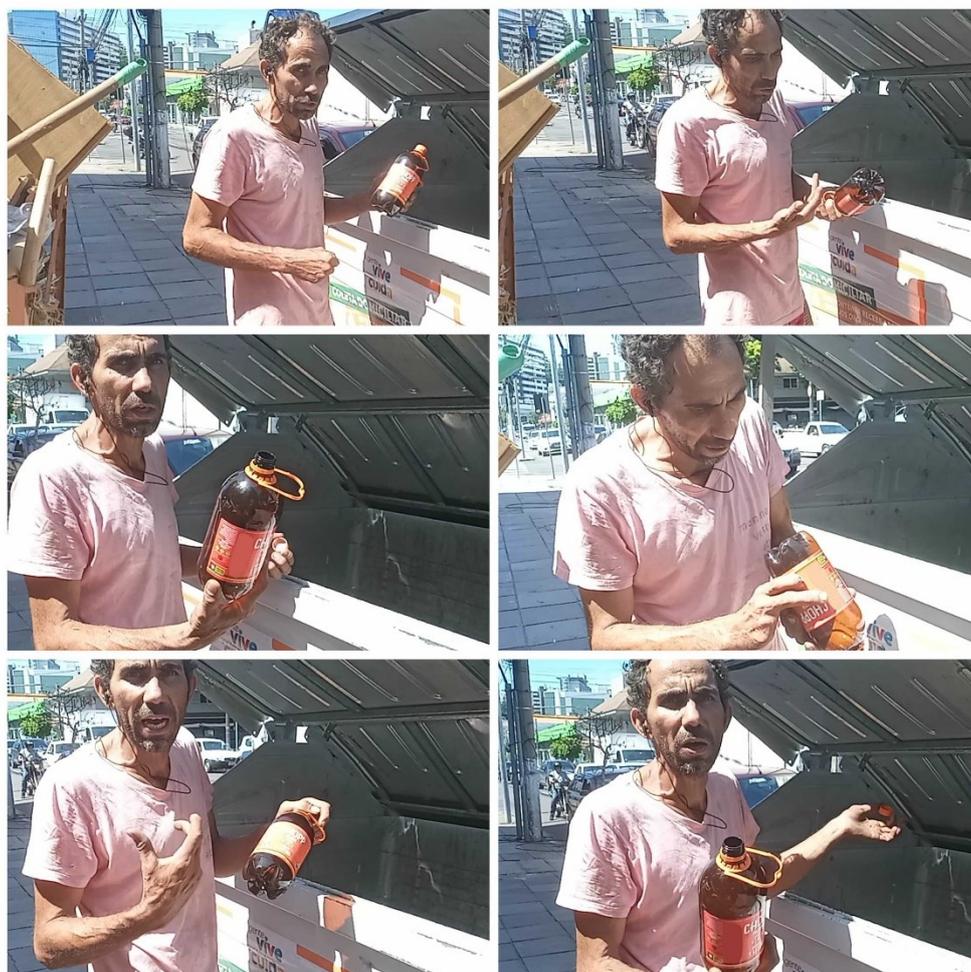
Clara – Neste depósito (estávamos na AREVIPA) eles vendem para o atravessador?

Antônio – Tudo é pra atravessador aqui. Aqui não tem...As pessoas não têm condições de fazer uma carga fechada, né? Porque uma carga fechada é 12 ton. Porque a carga fechada é 12t. Daí vai lá para Curitiba. Lá em Curitiba fica... olha, a pessoa leva três meses para pagar...

O narrador La Bamba, que acompanhei no primeiro percurso de campo que fiz, apresentou-se com a postura de um professor responsável por passar ensinamentos importantes – de fato, o são. Ainda que não tivéssemos uma combinação prévia sobre a apresentação dos materiais e possibilidade de venda dos mesmos, pediu-me para filmá-lo, pois queria que eu o intermediasse em um apelo a uma empresa local em relação ao consumo consciente. Pegou do container uma garrafa de cerveja de plástico na cor marrom e deu início à sua apresentação.

Vamos trocar o tipo de material. Pois este tipo de material por mais que pareça consciente, não tem no mercado quem pague. Ficam criando lixo e sujando as ruas com o nome de consciência. Vamos tentar usar uma PET reciclada, a branca... de repente até uma latinha (...). Aqui diz PET 1, mas ninguém compra... nem na verde, nem na azul, nem na PET azeite... não tem mercado, é lixo, não vai em lugar nenhum (...).

Figura 20 – Vídeo como ferramenta para apelo sobre conscientização ambiental



Fonte: Elaborada pela autora

La Bamba, em exatos 37 segundos, dá uma aula sobre materiais, e expõe com lucidez seu saber acumulado no cotidiano de trabalho nas ruas. É um saber que reflete a imediata verdade do que acontece no mercado local de resíduos. Ironicamente, a cerveja, artesanal, é produzida em Porto Alegre, especificamente no Quarto Distrito.

...ENFRENTAR ...CUIDAR ...CONFIAR ...ENSINAR ...**HISTORiar**

No Quarto Distrito, o Estado tem exercido seu poder soberano através do planejamento urbano, definindo o que é espaço público e o que é de interesse público. Mas nesse exercício de poder, captura territórios e desmonta espaços e modos de viver,

cedendo lugar às paisagens para a renda (ROLNIK, 2019). As paisagens para a renda, por sua vez, impõem sua dimensão econômica em uma dimensão jurídico política⁵⁷, mas carecem de uma dimensão (genuinamente) cultural⁵⁸. Para cobrir estes hiatos de cultura e história, o mercado, com a anuência e apoio do Estado, uma vez que o poder decisório está concentrado nas mãos do poder econômico, forja novos sentidos e reinventa enredos, apresentando falsas narrativas, manobras com palavras estrangeiras e imagens ilusórias. Tais enredos inventados incluem o desprezo pela dimensão cultural dos territórios existentes, influenciando sua desterritorialização, conforme apontado por Rolnik (2019), em nome da salubridade, da legalidade e da preservação ecológica e, também, muitas vezes, como instrumento da guerra às drogas, associando a presença do tráfico de drogas ou de outras atividades ilícitas a estes territórios. Surgem então “novos modelos de negócio” (criados fatalmente para que poucos, que já tem muito, ganhem mais), que apresentam “um novo conceito”, e cuja proposta tem como esteio a história forjada.

Tal discurso inventado vislumbra a transformação material do espaço, negligenciando ou pouco considerando uma mudança efetiva da cidade de uma perspectiva social (SOUZA, 2001). Ele induz a pensar que a cidade, entre outras coisas, precisa de “inovação”, “*rooftops*” e prédios altos. A história forjada pelo mercado, para a ele servir e maximizar seus lucros, não traz que o conceito de sustentabilidade apresenta mais dois aspectos, ou pilares, além do econômico – trata-se do ambiental e do social. O social, a história forjada ignora. O ambiental, ela inventa: conta que a sustentabilidade é atingida por meio de telhados verdes e outras “práticas sustentáveis” (tal expressão, gasta, é usada como se falasse por si só, quando, de fato, nada diz). A invenção traz que os parâmetros urbanísticos, que são regras e instrumentos a uma organização espacial mais justa e mais de acordo como objetivo de preservação ambiental (SOUZA, 2001) são “amarras que impedem a construção de edificações inovadoras”⁵⁹, conforme notícia na página oficial da Secretaria Municipal do Meio

⁵⁷ Tal expressão refere-se às proposições de Haesbaert (2003) sobre as diferentes concepções e dimensões do território: a jurídico política (espaço físico), a culturalista (dimensão cultural) e a dimensão econômica.

⁵⁸ Ver nota anterior.

⁵⁹ <https://prefeitura.poa.br/smamus/noticias/quarto-distrito-primeiro-empreendimento-aprovado-com-novas-regras-sera-o-mais-alto>

Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA, 2022). Não deixa de ser curioso como muitos empreendimentos enalteçam o simples cumprimento da legislação urbanística (o que é o mínimo), ou que prevejam uma área pública de lazer (quando tal área servirá também aos proprietários do empreendimento). As edificações do Quarto Distrito aprovadas após a LC 960/2022, porém, enfatizam a flexibilização dos parâmetros urbanísticos e concessão de benefícios previstos na referida lei, escancarando uma inversão de valores existente na cidade-mercadoria. O planejamento urbano passa a ser planejamento estratégico, onde são mencionados grandes projetos e obras urbanísticos a serem concretizados, tudo isso embelezado com a ajuda de *slogans* e frases de efeito (SOUZA, 2001).

Os narradores com os quais me encontrei nesta pesquisa, ao compartilharem memórias de vida, trouxeram relatos sobre linhas-vínculo que ajudaram a construir o emaranhado de relações e coisas que é hoje o Quarto Distrito. A história desta região, genuinamente construída, é uma história rizomática, que tem a propriedade de conectar múltiplos pontos e de se expandir horizontalmente. Tal capacidade de expansão horizontal pode trazer uma metáfora com o prédio mais alto da cidade, previsto para o Quarto Distrito, cuja expansão vertical esvazia-se de história. Por narrativas construídas com a memória de quem efetivamente vive a região, encontrei-me algumas vezes com o Seu Antônio.

Seu Antônio – (...)o catador é um pequeno... reciclador, né? E é um ambientalista, ele cuida da nossa mãe natureza.

Clara – Tem aquele que chama o profeta da ecologia, né?

Seu Antônio – É o irmão Cechin...O irmão Cechin.. Foi uma grande perda nossa, né? O irmão Cechin... Ele foi um cara que lutou pela pelo catador, pelas reciclagem. Ele foi o primeiro para formar um galpão. Quer dizer que é uma pessoa que sempre para nós catadores, foi uma pessoa muito querida e o irmão Cechin ele... me adotou como filho. Porque cada vez que ele passava por aqui, ele ia na minha casa. Se eu não tava na minha casa, eu estava no galpão e ele ia lá no galpão. A critério dele, né... ele dizia que eu era um grande homem. Eu cheguei... eu chegava, dizia, não, irmão, eu sou... sou muito pequeno porque tem tantas coisas aí que eu quero, que eu queria modificar, e não consigo, né...

Maaas...o Irmão Cechin, é como eu já te disse, ele me considerava um filho para ele, a irmã dele também me considera muito. E eu tenho o livro do Irmão Cechin aqui... Quer dizer que ele me botava lá em cima, me botava num pedestal bem alto... E eu dizia para ele que eu não era tudo isso, que eu até ficava assim, envergonhado quando ele falava, né? E eu..eu fui no enterro dele... Quer dizer que... eu fiz uma despedida muito bacana com ele, né? Agora, eu gostaria...Que ele estivesse aqui hoje, apesar que ele está em espírito está entre nós, né? Porque se o Irmão Cechin, tivesse hoje nesse problema da reciclagem, o prefeito, ele ia botar abaixo no chinelo...ele ia...porque ele não tinha papas na língua.. para defender o carrinheiro e o papeleiro, ele não tinha papas na língua. Ele botava o dedo na moleira, na moleira das pessoas e é uma pessoa que está nos faltando hoje assim...tá pra nascer um igual ao Irmão Cechin.

Seu Antônio falava de seu xará Antônio Cechin, irmão marista, fundador da Comissão Pastoral da Terra do Rio Grande do Sul, falecido em 2016. Irmão Cechin participou da construção de galpões de reciclagem em Porto Alegre e lutou continuamente pelos catadores e carroceiros, a quem chamava de profetas da ecologia e médicos do planeta. Em entrevista em 2013 (SUL21, 2013), criticou o que ele chamou de “burguesia despolitizada”, que não possui consciência ambiental para respeitar os catadores ou começar, em suas próprias casas, as mudanças pelo meio ambiente saudável. “Não só o governo, é toda a sociedade que não tem consciência. Há um preconceito das pessoas com os catadores, principalmente das que moram perto das unidades de reciclagem, que se isolam com muros e grades como se essas pessoas fossem lixo” (Ibidem). A crítica costumava do Irmão Cechin não se resumia ao governo e sociedade, mas ao sistema como um todo, inclusive à própria igreja da qual fazia parte: “Nós temos na Igreja a última monarquia do mundo. O Papa como o único Deus da verdade absoluta, que não divide o poder. Esta igreja não é a que existe na América Latina”(Ibidem). A presença do Irmão Cechin no Quarto Distrito através das memórias do Seu Antônio parece falar muito da história daquela região, que se refere ao fortalecimento dos movimentos populares, a vizinhanças e re-existências. É uma história que não se monta por propagandas ou outras narrativas tendenciosas ao capital, tampouco precisa de investimentos financeiros para permanecer. É uma história feita por homens lentos (SANTOS, 1994), praxes que vem de dentro para fora, construindo uma história em toda a sua espessura.

Figura 21 – Coleta em evento - show musical no Centro Histórico de Porto Alegre



Fonte: Autora

4 O QUE RESTA⁶⁰

Cotidianidades como re-existências⁶¹

Seu Antônio zela pela comunidade onde vive.

A **Cida** volta a estudar e quer ser enfermeira ou educadora.

A **Gelca** economiza um dinheiro para levar seus filhos no parquinho de diversões no fim de semana, mas só se comportarem bem na escola.

O **Tramandaí** não mora com as filhas, mas as sustenta com o seu trabalho diário nas ruas do Quarto Distrito.

O **Belomar** trabalha duas vezes por semana em uma ONG que ajuda a população em situação de rua.

O **Guri**, apesar de jovem, trabalha junto com a esposa para garantir o sustento da filha de dois anos.

O **La Bamba**, no caminho de uma coleta, encanta-se com um dirigível, contratado para a divulgação de um evento, que sobrevoa a cidade.

É difícil concluir uma escrita quando as palavras estão tão vivas, e as ideias, em movimento. Nos dias da finalização deste capítulo⁶², em função do grande volume de chuvas em Porto Alegre, o Guaíba transbordou. Poderíamos discorrer sobre as causas deste volume incomum de chuvas, e uma delas seria uma possível reação da natureza à ação humana no mundo. Independentemente, pois, da reação violenta que temos visto da natureza, episódios de chuvas da grandeza como a do final de setembro são previstos, e para isso projetos de drenagem urbana consideram o período de retorno das chuvas como variável de cálculo. O que resta, aqui, são os efeitos de tais eventos em uma cidade cujo planejamento despreza quem vive, literal e simbolicamente, às suas margens.

Em meio à conclusão da escrita, surgem notícias⁶³ do alagamento de Unidades de Triagem de resíduos localizadas no Quarto Distrito. Mostram o efeito das chuvas nessas instalações e, principalmente, a re-existência das pessoas que não pararam com

⁶⁰ O título alude à pergunta “O que restou?”, feita pela professora convidada Dr.^a Ana Cabral Rodrigues, da UFF, à turma na ocasião da conclusão da disciplina Construções Metodológicas e Experimentações Estéticas nas Políticas de Escrita Acadêmica, em 2023/1, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Daniele Caron (PROPUR).

⁶¹ Diário de campo, 20/09/2023, 23:00.

⁶² A escrita deste capítulo deu-se em 25/09/2023, dia em que as comportas do Guaíba foram fechadas.

⁶³ “Enchentes”. Instagram, 27/09/2023. Brasil de Fato (@brasildefato.rs)

as suas atividades - apesar da dificuldade de acesso ao local, apesar de haver água junto aos postos de trabalho, apesar do risco de acidentes e à saúde. Apesar, sobretudo, do descaso do Estado frente a essas instalações. Não houve comunicação oficial à população para proceder diferentemente com seus resíduos, guardando-os por mais tempo, por exemplo, e não os encaminhar com a mesma periodicidade à coleta seletiva, o que pode gerar ainda mais transtorno aos já fragilizados ambientes de trabalho das UTs atingidas. Não houve, sequer, publicidade à população referente à situação da população que à margem (literalmente) estava. Aparentemente, a cidade tem a ordem para “não parar”, para “seguir em frente”, como a linha reta do progresso visto pelo anjo de Klee.⁶⁴

As Unidades de Triagem de resíduos, ao contrário dos catadores individuais, são formalizadas pelo Estado, mas, mesmo em tal condição, ao que parece, continuam sendo desprezadas pela Administração Municipal. Núbia Vargas, da UT Frederico Mentz, diz que o alagamento nas Unidades de Triagem é reflexo do que os catadores já vêm enfrentando há muito tempo, que é um descaso constante. A catadora questiona de que adianta serem feitas grandes obras sem pensar na gestão pública de resíduos juntamente com os catadores.⁶⁵ Cabe, em função do atual contexto, transcrever e observar criticamente um dos itens do artigo 6º do Capítulo III do Programa +4D de Regeneração Urbana do 4º Distrito (LC 960/22, já mencionada anteriormente no capítulo 02), que traz a definição de ações e intervenções que deverão ser necessariamente observadas para a consecução dos objetivos do programa:

V – As ações de drenagem e resiliência, (...) devendo ser prioritárias as ações envolvendo a melhoria do sistema de drenagem urbana e a recuperação da infraestrutura existente, além da ampliação deste sistema através de soluções de sustentabilidade (...), a ampliação da arborização, a utilização de telhados verdes, a configuração de jardins de chuva e a implantação de bacias de contenção (LC 960/22)

⁶⁴ Ver pg. 28.

⁶⁵ VARGAS, Núbia. Desabafo sobre enchente em UT. Whatsapp: *POA_Inquieta_Resíduos

Tal legislação é de 2022. Os problemas sofridos pelas Unidades de Triagem, porém, são anteriores, e não careceriam de nova legislação, uma vez que o controle de drenagem urbana em Porto Alegre apresenta legislação específica desde 2006⁶⁶, sendo que em 2004 já estava previsto no Caderno de Encargos do DEP⁶⁷. Insinua-se, assim, que o que falta, no Quarto Distrito, é o cumprimento à lei já existente anterior à LC 960/22. Salieta-se que não há inovação ou boa vontade nas ações e intervenções impostas na LC 960/22, pois as bacias de contenção, ou reservatórios de amortecimento, que são tanques para reter a água e evitar que vá de uma vez só para o esgoto pluvial, sobrecarregando a rede pública, são cobradas pelo DEP/DMAE há mais de uma década. Tampouco um imóvel deve ganhar benefícios por construir tal tanque no seu lote, se o fizer por obrigatoriedade da legislação. E, finalmente, permanece o questionamento - precisaria de uma lei para revitalizar as Unidades de Triagem? Precisaria o mercado impulsionar uma revitalização no Quarto Distrito para que os catadores das Unidades de Triagem tivessem direitos mínimos garantidos? Tais questões estão em aberto fazendo-nos questionar os propósitos da referida lei, que traz um discurso que procura legitimidade através de conceitos como sustentabilidade para favorecimento do mercado imobiliário.

Também concomitantemente à finalização deste capítulo está em revisão em Porto Alegre o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. A versão preliminar foi apresentada neste final de mês de setembro em audiência pública, e a versão final está prevista para novembro deste ano. Os catadores individuais são citados em apenas uma página das 212 constantes no documento, em uma citação, inclusive, que aparenta criminalizar quem desta atividade tira sua subsistência:

4.2.5.1. Coleta informal

Assim como na maioria das grandes cidades brasileiras ocorre, em Porto Alegre, há coleta informal dos resíduos sólidos apresentados pela população à coleta seletiva, à coleta convencional e à coleta automatizada (contêineres da área

⁶⁶ Decreto nº 15.371, de 17 de novembro de 2006 - Regulamenta o controle da drenagem urbana

⁶⁷ Decreto nº 14.786, de 30 de dezembro de 2004 - Instituiu o Caderno de Encargos do Departamento de Esgotos Pluviais - DEP (CE-DEP/2004) para projetos, serviços, implantação, fiscalização e conservação das redes de drenagem pluvial urbana no município.

central). Ocorre, ainda, coleta informal junto a geradores privados como restaurantes e comércio em geral. Tais coletas informais são executadas por catadores em veículos diversos, como carroças de tração animal, carrinhos de tração humana e até mesmo com carrinhos de supermercado, bem como por veículos automotores robustos, como caminhões.

Além destas coletas serem feitas em estabelecimentos comerciais, muitos condomínios residenciais também fornecem seus resíduos a este tipo de coleta não autorizada pelo poder público municipal.

(LC 960/22)

Por ora, a Prefeitura segue desatendendo as necessidades dos catadores conveniados, contratados justamente pela Administração Pública, e, quando se trata de catadores individuais, desconsiderando sua existência. Esse desprezo por quem cata informalmente pelas ruas dá-se pelo planejamento urbano atualmente operado na cidade, no qual os catadores individuais não apresentariam o direito de nela estar, ou sequer deveriam existir. Deve-se isso ao fato de que o sistema socioeconômico vigente ignora que produz restos, assim como menospreza tudo o que supõe macular o ideal da cidade-mercadoria, inclusive quem dos restos vive.

Não só os resíduos sólidos urbanos e os catadores são desprezados, mas simbolicamente, tudo o que “já foi”, ou “escorreu”, ou é visceral, é desviado propositalmente do olhar. Sant’anna (2001), no livro *Corpos de Passagem*, discorre sobre a aversão ao interior do corpo, que, apesar de antiga, foi acrescida de novas intolerâncias nas últimas décadas. A historiadora lembra a naturalização que havia com partos feitos em casa, com doenças que igualmente eram tratadas pela família e junto dela, absorventes e fraldas de pano que necessitavam que fossem lavados e passados, com penicos no quartos, etc. O próprio preparo do alimento caseiro, que muitas vezes envolvia matar galinhas, era também uma prática mais comum na nossa sociedade. “Para a sensibilidade atual, a repulsa a este contato é muito mais evidente do que no passado, especialmente depois da banalização de certos equipamentos de higiene e de conforto, e, ainda, da tecnologia médica” (SANT’ANNA, 2001). Sem questionar a importância nos avanços na área da saúde e tecnologia médica, fato é que se constata, paulatinamente, um aumento do descolamento entre o viver cotidiano e a percepção dos restos por ele produzidos. Deliberadamente ignorando o mundo como um sistema onde a vida está sendo continuamente recriada, a sociedade-consumo insiste em um

esquema de economia linear insustentável, colocando abaixo do tapete (ou, literalmente falando, jogando no oceano) tudo aquilo que julga atrapalhá-la.

Mas se os restos são naturalmente parte dos processos cíclicos da nossa existência, o que acontece quando são desconsiderados? Embora a escrita tenha sido permeada por uma crítica à predatória ação do ser humano em escala planetária, esta dissertação focou no tensionamento que ocorre na região do Quarto Distrito, em Porto Alegre, mais especificamente na área contígua ao Centro Histórico da capital, entre os catadores de resíduos urbanos e um planejamento voltado à cidade-mercadoria pretendido para o local.

A cartografia praticada neste trabalho de pesquisa permitiu a possibilidade de olhar a cidade por um outro ângulo, a partir do encontro da subjetividade do corpo-catador com o corpo-pesquisador. A interação dos catadores individuais de resíduos com a cidade dá-se através dos resíduos que ela produz - ao ignorar esses restos, a cidade despreza também o grupo de pessoas responsáveis por mantê-la em funcionamento. A Administração Pública, ao não formalizar tal grupo social, admite que o mesmo trace suas linhas-rota em uma interface subjetiva que separa a legalidade e a ilegalidade. Tal ação vulnerabiliza os catadores individuais, pois a qualquer momento podem ser prejudicados pelo trabalho que desenvolvem⁶⁸. Para driblar esta estrutura que não o considera, o corpo-catador utiliza constantemente a astúcia no seu cotidiano para produzir novos sentidos ao espaço social por onde passa. Sendo a astúcia a arte do fraco (CERTEAU, 2012), possibilita aos catadores que, através dos conflitos existentes no cotidiano, adaptem sua interação com a cidade. Assim, novas linhas-rota surgem através de percursos mais seguros e linhas-vínculo são traçadas novamente como táticas produtoras de novas redes de sociabilidade.

Para o **enfrentamento** do espaço urbano feito de linhas (ruas e calçadas) traçadas para os outros, e não para o carrinheiro, o conhecimento cinético da narradora Gelca faz com que desenhe linhas-rota outras que possibilitem um trajeto menos hostil

⁶⁸ <https://www.ufrgs.br/jornal/catadores-autonomos-contestam-multas-por-trabalho-nas-ruas-de-porto-alegre/>

ao seu corpo-catador, mais vulnerabilizado pela extensão carrinho de coleta, que puxa junto de si. O caminho que fez ao ponto de coleta, na sabedoria acumulada, foi diverso do que eu fiz quando fui ao seu encontro. Já o La Bamba pretere a faixa de segurança e atravessa onde não há faixa, onde que, segundo o seu julgamento, seria mais fácil para cuidar o trânsito. Também eu, ao atravessar, segui o ensinamento do meu narrador, com ele concordei e ponderei até que ponto tal sinalização viária foi pensada em carros somente. Da mesma forma Belomar, que verifica as declividades do itinerário que deve vencer, opta pela linha-rota que seja mais acessível à sua atividade de catação. É uma análise que o motorista de um carro não imagina existir, tampouco um corpo sem o carrinho de coleta pensa a respeito. Mas tal linha-rota existe na cidade, tão fundamental quanto uma rota de abastecimento de gêneros alimentícios.

Para além das adaptações nas linhas-rota, os catadores tecem linhas-vínculo na prática do **cuidado** como tática que permita compensar faltas pessoais ou falhas no sistema socioeconômico em que vivemos. Tanto Cida como La Bamba foram aprendizes na catação antes de realizarem a atividade como ocupação em tempo integral. Nos seus casos, entendo que o cuidado que receberam (entre mestre e aprendiz) seria uma arte de fazer (CERTEAU, 2012), onde pessoas que se identificam pelas necessidades que passam, ou pela estigmatização que sofrem, praticam a partilha de experiências como forma de cuidado com seus pares. De menor espessura, há linhas-vínculo traçadas entre os catadores, que são ações de cooperação mantidas por um sentimento de grupo. Belomar versa sobre essa sociabilidade quando refere deixar por vezes o material na rua para outros catadores que mais precisem - versa, assim, sobre a “as dimensões frágeis e necessárias da nossa independência” (BUTLER, 2018, p.81).

Ainda referenciando as linhas-vínculo, as relações de **confiança** protagonizaram a cartografia experienciada – talvez por tal sentimento se tornar mais necessário à medida em que a formalidade do contexto é menor. A confiança pauta tanto relações sociais aparentemente esporádicas - como o relato do La Bamba referente a valores que levava para trocar dos donos de ferro-velho, como relações comunitárias – como a experiência que tive no centro da Vila dos Papeleiros, que me fez lembrar do balé da rua Hudson⁶⁹ ao ver tanto movimento comunitário emaranhado - como na confiabilidade

⁶⁹ O balé da rua Hudson foi descrito por Jacobs em *Morte e vida das grandes cidades*, obra de 1961.

existente nas relações entre os catadores e os pontos onde costumeiramente fazem coleta de resíduos.

Como seguimento de relações de confiança estabelecidas, houve uma troca de saberes permanente durante a cartografia. O **ensino** proporcionado pelos narradores foi algo que aconteceu não somente de forma proposital – como na ocasião em que o La Bamba solicitou que o ajudasse a fazer e divulgar um vídeo no qual discorria sobre um material que não deveria ser utilizado, mas predominantemente de forma involuntária, em que apenas o encontro e escuta atentos desses sujeitos praticantes do espaço trouxeram conhecimentos diversos sobre a cidade e seu planejamento.

As **histórias** ouvidas enquanto habitei o território existencial da pesquisa trouxeram, entre muitos saberes, aspectos acerca do corpo e comunidade que provocaram reflexões do quanto as linhas - rotas e vínculo, possibilitam que o corpo-catador re-exista. Ainda que trabalhe individualmente, ele permanece circulando e visibilizando sua presença que acontece junto a outros corpos, também catadores. Ele associa-se a outros corpos em atividades da Ksa Rosa, no galpão da AREVIPA, na comunidade da Vila dos Papeleiros e em pequenas solidariedades cotidianas exercidas nas ruas. Assim, sua identidade enquanto grupo é fortalecida para lutar pelo direito de existir.

Retomando a questão de pesquisa, “O que as narrativas discursivas das catadoras e catadores de resíduos no Quarto Distrito em Porto Alegre podem dizer das táticas cotidianas praticadas nos seus processos de territorialização, e de que maneira elas tensionam o planejamento urbano voltado à cidade-mercadoria?”, trago que as narrativas de uma presença mostram, entre o que é dito e o que é silenciado, o aspecto associativo destes corpos, que só entendemos quando caminhamos juntos. Depreende-se, assim, que a associação desses corpos desenha linhas outras, produzindo uma trama não considerada no planejamento da cidade-mercadoria, pois as linhas de vida dos catadores organizam-se diferentemente que as linhas modernas do planejamento.

Assim, o corpo-catador interpela o planejamento urbano vigente no Quarto Distrito porque é o homem ordinário descrito por Certeau (2012), desvinculado de metas e holofotes, e que vai de encontro ao ser humano do povo-mercadoria (KOPENAWA, 2015). Ele fura também a onipresença da linha reta da modernidade

(INGOLD, 2022) uma vez que as linhas por ele traçadas, não são fragmentadas, referem-se propriamente a movimentos, e não a um “canal de pontos conectados” (Ibidem), ou seja, o valor do gesto está no caminho em si, e não na chegada em um ponto. Constatase, dessa maneira, que as formas como os catadores de resíduos enfrentam a vida perturba as linhas técnicas do planejamento racional. As linhas desse planejamento racional consideram aspectos topográficos, de escoamento de produção e de consumo, mas não têm em conta a ideia do rizoma.

Assim, as linhas-vínculo praticadas pelo corpo-catador na área de estudo referem-se às conexões que faz com os pontos de coleta e as pessoas que na linha-rota estão (porteiros, profissionais do sexo, pessoas em situação de rua e transeuntes em geral) e aludem à convivência dos catadores entre si. Tais linhas-vínculo também são as relações banais pelo convívio no espaço público, como no CAPS, na Comendador Azevedo, em cuja fachada mora um catador de resíduos que mantém informado o pessoal do Centro de Apoio Psicossocial do que acontece na rua, visando à segurança daquele local. Todas essas linhas-vínculo, emaranhadas na cidade, compõem a tecitura dessa trama que se chama cidade.

“Grande parte desses contatos é absolutamente trivial, mas a soma de tudo não é nem um pouco trivial”, explica Jacobs (2001, p. 60). Tal trama pode ser formada por linhas-vínculo delgadas, leves e livres de um comprometimento pessoal, como os contatos públicos nas calçadas. Linhas frágeis que, em conjunto, estruturam uma trama forte, apesar de invisibilizada, como uma teia invisível de cooperação. Onde acontece a re-existência possível de ser vivida.

Figura 22 – O carrinho da “moça do carrinho”



Fonte: Autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, desenvolvida entre meados de 2021 e outubro de 2023, subverteu desde o seu início a lógica da linha reta, da certeza, da razão e do senso de direção (INGOLD, 2022). A produção de conhecimento a partir das subjetividades de um grupo social invisibilizado requer a capacidade de esperar oportunidades (para ir, para falar, para convidar), exige tempo para a construção de vínculos, demanda assiduidade no território de pesquisa e impõe que estejamos disponíveis para reprogramar combinações prévias. É necessário bastante tempo, observação que é coerente com o conceito do homem lento (SANTOS, 1994), trazido no capítulo 1, que tensiona o ideário de velocidade e prática neoliberais e permite valorizar as experiências.

O processo metodológico constituído pela narrativa - como produtora de conhecimento, articulada à cartografia como uma forma de me relacionar com o campo de pesquisa e expressar gestos e apropriações, permitiu que, enquanto corpo-pesquisador, eu experienciasse o que é narrar a cidade a partir de uma catador, e o que é estar na rua a partir do ato de catar resíduos. O interesse na narrativa e na cartografia, assim, é uma estratégia (ou seria tática?) para que o encontro apareça no texto. Assim, a empiria, nesta pesquisa, entra como um saber que intercala com o saber técnico, em uma relação de alteridade, uma vez que quem trabalha com catação de resíduos tem um saber que passa por outras vias.

Pensar os catadores de resíduos em área do Quarto Distrito é por vezes paradoxal – a quantidade de elementos (notícias, pesquisas, artigos) referentes à região, sob holofotes da economia criativa, bares e mercado imobiliário, não condiz com a falta de informações sobre as pessoas que lá trabalham informalmente com a catação de resíduos. Não existe uma base de dados da PMPA que mostre a realidade dos catadores de resíduos individuais no Quarto Distrito, tampouco em Porto Alegre, o que foi uma limitação de pesquisa. Alguns dados que apresentei na introdução desta pesquisa foram por mim construídos ao juntar fontes diversas, já que, oficialmente, não existem. Entendo, como pesquisadora, que a ausência de informações se deve a uma estratégia da Administração Municipal de tentar manter os catadores invisibilizados, como se ‘uma questão temporária a ser resolvida’ eles fossem.

Essa dificuldade encontrada no ato da pesquisa pode ser uma ideia de seguimento desse trabalho em um momento subsequente - aliar a experiência da caminhada e os aspectos intangíveis da relação dos catadores do Quarto Distrito com questões quantitativas, como número de catadores, volume de coleta, tipos de resíduos coletados, variação do valor de cada resíduo ao longo dos últimos anos, e outras informações que dou-me conta que são importantes, e a Administração Municipal ignora – tanto no sentido de não saber as respostas quanto no sentido de as desprezar deliberadamente. Outra possibilidade de desenvolvimento posterior é a dissecação da LC 960/22, que no presente trabalho ateu-se a recortes específicos. Entender como cada linha daquela lei reflete no espaço físico e social do Quarto Distrito, acredito, é uma investigação necessária.

Isso posto, cabe a uma dissertação de mestrado que verse sobre cidade e catadores, questionar tal invisibilidade e a percepção produzida pelo poder simbólico do que é “o catador”. Se essa percepção não é questionada, a mesma pressupõe-se aceita. E o comportamento perante o corpo-catador mantém-se. Bourdieu (1989) traz, conforme observações feitas no último texto do capítulo 03, que a sociedade como um todo pensa o mundo a partir de conceitos simbólicos criados por uma minoria. Daí a importância da construção de outra identidade, de uma reorientação do olhar que vá de encontro à ordem estabelecida, que faça a mediação do entendimento do que significam os restos, e, conseqüentemente, das pessoas que dele tiram seu sustento.

Esta dissertação pretende, assim como Ingold sobre o seu trabalho com as linhas, modestamente arranhar a superfície de um vasto terreno ainda parco em estudos sobre processos e situações pelas quais passam as pessoas que catam resíduos e sua relação com o espaço da cidade. É uma busca por construir um conhecimento, paralelamente à procura de formas de dizê-lo. Davi Kopenawa durante quase trinta anos produziu material que possibilitou ao antropólogo francês Bruce Albert a organização de um livro (A queda do céu, 2015) que fosse entendido pelo povo da mercadoria. Acredito, assim, que o processo para sairmos da paralisia cognitiva que paira sobre nós (Viveiros de Castro, 2014) é lento, mas é uma linha-rota necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, G. **Melo: o prefeito que não gosta de Porto Alegre**. SUL21, Porto Alegre, 12 de julho de 2023, Opinião. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniao/2023/07/melo-o-prefeito-que-nao-gosta-de-porto-alegre-por-gerson-almeida>.
- ALMEIDA, N. B. L. **Territorialização e lutas pelo espaço em áreas de reestruturação urbana: o caso do IV distrito de Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.
- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (orgs). **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos**. Petrópolis. Vozes, 2000.
- ARFUCH, L. **La vida narrada**. Memoria, subjetividad y política. Buenos Aires: Poliedros – Zona de Crítica, 2018.
- _____ **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARRUDA, M. A. P. ; FONSECA, T. M. G. . **Existência enquanto re-existência em tempos de medo**. MNEMOSINE (Rio de Janeiro), v. 14, p. 206-218, 2019.
- BATTISTELLI, B.M.; CRUZ, L. R. da. **Entre Cartografia e Etnografia: possibilidades de uma pesquisa...** VI Jornada de Pesquisa em Psicologia ? PSI UNISC: Pesquisa e Tecnologia na Psicologia Atual. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.
- BAUDELAIRE, C. **Paraísos Artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho**. Porto Alegre: L&PM, 1998
- BAVA, S. C. **A cidade como mercadoria**, Revista Le Monde Diplomatique Brasil, 01 de agosto de 2013, Notícias. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-cidade-como-mercadoria>.
- ALMEIDA, G. **Melo: o prefeito que não gosta de Porto Alegre**. SUL21, Porto Alegre, 12 de julho de 2023, Opinião. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniao/2023/07/melo-o-prefeito-que-nao-gosta-de-porto-alegre-por-gerson-almeida>.
- BENJAMIN, W. **Sobre o Conceito de História** (1940). In: Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. **O narrador**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BISOL, Carla. **Quarto distrito: primeiro empreendimento aprovado com novas regras será o mais alto da capital**. Prefeitura de Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://prefeitura.poa.br/smamus/noticias/quarto-distrito-primeiro-empreendimento-aprovado-com-novas-regras-sera-o-mais-alto>.

- BOURDIEU, Pierre. **A Força do direito; Elementos para uma sociologia do campo jurídico**. In: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento. Diagnóstico dos serviços de Água e Esgoto - 2014. Brasília: **SNIS**, 2020.
- BRASIL, Lei N° 12.305 de 02 de agosto de 2010 - **Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)**, Brasília, DF, ago 2010.
- BRASIL, Lei N° 10.257 de 10 de julho de 2001 – **Estatuto das Cidade**, Brasília, DF, jul 2011.
- BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpo e cidade: coimplicações em processo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 142–155, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2716. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2716>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CABRAL, A. R. Palestra proferida no TEDx Talks, Volta Redonda (Rio de Janeiro), mar. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ei3sGgMI0gE>. Acesso em 08 set. 2023.
- CABRAL, A. R.; TAVARES, A.; RIBEIRO, A.; SOUZA, E.; DUTRA, I. A.; BRANDAO, G. R.; NASCIMENTO, L. M. . **Oficinas de montagem: construções metodológicas e experimentações estéticas em direito à cidade**. In: SIGETTE, Elaine R.; ESTEVEZ, Alejandra L.; DIAS, Rafael M.. (Org.). *Experiências e lutas por direitos humanos no Sul Fluminense*. 1ed.: Observatório de Direitos Humanos do Sul Fluminense, 2021.
- CARDOSO, A. **O eu catador: reciclando humanidades, ressignificando resíduos e compartilhando a cultura social da reciclagem**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.
- CARERI, F. **Walkscapes - O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.
- CARON, D.; ISOPPO, R. S.; OLIVEIRA, K.; PERSEU, G. M. **Narrativas à margem: deslocar epistemes para uma metodologia do comum**. *V!RUS*, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=7&lang=pt>. Acesso em: 30 Dez. 2020.
- CARON, D.; CARRERO, R.; SILVA JR, D. V. ; HYPOLITO, B. B. . **Visibilizar as narrativas de rua - A dimensão pública da paisagem de Porto Alegre em questão**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2019, Natal. Anais XVIII ENANPUR 2019. Natal: EDUFRRN, 2019.
- CARON, Daniele. **El estudio del paisaje como clave interpretativa del territorio a través de las narrativas para la planificación urbana y territorial**. 2017. Tese (Doctorado en Urbanismo). –

Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Cataluña. Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. 2017.

- CATADORES de resíduos recicláveis e a Lei Municipal 10.531/2017. **Centro de Direitos Econômicos e Sociais – CDES**, 2017. Disponível em: <http://www.cdes.org.br/catadores-de-residuos-reciclaveis-e-a-lei-municipal-10-531-2017/>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.
- CERTEAU, M D. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Vol. I. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2012
- CHAUÍ, Marilena. **Breve história da democracia**. YouTube, 21 out. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/k1MIsK5D0LQ>>. Acesso em 20 Jul 2022.
- DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Diálogos sobre o fim do mundo**. Entrevista concedida a Eliane Brum. Jornal El País, Madri, 29/09/2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html. Acesso em: 08 ago. 2022
- DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Boitempo. São Paulo, 2014.
- DELEUZE, G. **Espinosa e o problema de expressão**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- DORNELES, M. A. **Trabalhadores do lixo: o relato de uma pedagogia da desordem**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.
- FERNANDES, P. **Lugares do direito à cidade e a Filosofia do Direito**. *Philosophos*, v. 23, p. 249-289, 2018.
- FERREIRA, M. **Catadores de material reciclável protestam pelo direito de trabalhar em Porto Alegre**. Brasil de Fato, Porto Alegre, 29 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/29/catadores-de-material-reciclavel-protestam-pelo-direito-de-trabalhar-em-porto-alegre#:~:text=Jorge%20explica%20que%20Porto%20Alegre,municipal%20ou%20mesmo%20se rem%20presos>.
- GONÇALVES, G. R. Do urbanismo unitário à crítica ao urbanismo: um percurso sobre a cidade e o urbano na Internacional Situacionista. **GEOSP Espaço e Tempo** [online], [S. l.], v. 21, n. 2, p. 518-530, 2017. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2017.117516. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/117516>. Acesso em: 3 Jan. 2021.
- HAESBAERT, R. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 29: 11–24, jan., 2003.

- _____ . **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Unbral Fronteiras. Disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/base/items/show/3065>; Acesso em: 21 de jan. de 2021.
- HARVEY, D. **O direito à cidade**. Revista Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul./dez. 2012
- INGOLD, T. **Linhas: uma breve história**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2022.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Diagnóstico sobre Catadores de Resíduos Sólidos. Brasília: Ipea, 2012.
- _____. **A organização coletiva de catadores de material reciclável no Brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária**. Brasília: Ipea, 2017.
- JACQUES, P. **Experiência, Apreensão e Urbanismo**. Tomo 1. Coleção Experiências Metodológicas. Salvador: Edufba, 2015.
- _____ **Corpografias urbanas**. Vitruvius. Arqutextos, 8, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>. Acesso em: 30 Mai 2022.
- JACOBS, J. **Morte e Vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- _____ **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- _____ **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro. 2001.
- MACHADO, L. B. ; CONSTANTINOU, E. **Cenários de Transformação da Habitação no 4º Distrito de Porto Alegre**. In: III ICHT 2019 Colóquio Internacional - Imaginário: Construir e Habitar a Terra; deformações, deslocamentos e devaneios, 2019, SÃO PAULO. Atas do 3º Colóquio Internacional ICHT 2019 - Imaginário: Construir e Habitar a Terra, 2019.
- MARICATO. E. **Direito à terra ou direito à cidade** In: Revista da cultura vozes, Vol 79, n.6, 1985
- MARX, V. ; FEDOZZI, L. ; CAMPOS, H. Á. . **Reforma Urbana e o Direito à Cidade: Porto Alegre**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. v. 1.
- MARX, V.; ARAUJO, G. O. ; SOUZA, V. G. . **Relação global-local e transformação urbana no 4º distrito de Porto Alegre**. REVISTA POLÍTICA E PLANEJAMENTO REGIONAL, v. 8, p. 273-296, 2021.
- MASCARELLO, M. L. **O barracão e a rua: experiências e práticas políticas de catadores de materiais recicláveis em Curitiba – PR**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015

- MIZOGUCHI, D. H. **Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa**. Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 5, p. 200-208, 2015.
- Moraes, M. **PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual**. In: Moraes, M. e Kastrup, V. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL - ONU BR. **A Agenda 2030**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> . Acesso em: 18 Jul. 2022.
- OLIVEIRA, F. M. G., & SILVA NETO, M. L. (2020). **Do direito à cidade ao direito dos lugares**. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 12, e20190180. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190180>.
- O que você precisa saber sobre estocolmo+50. **Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA**, 2022. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/o-que-voce-precisa-saber-sobre-estocolmo50>. Acesso em 19 Jul 2022.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PMPA (Prefeitura Municipal de Porto Alegre). **Unidades de Triagem**. Departamento Municipal de Limpeza Urbana. [s.d]. Disponível em: <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmlu/default.php?p_secao=113> Acesso em: 30 Mai 2022.
- PMPA (Prefeitura Municipal de Porto Alegre). **Projetos e Ações. GT 4º Distrito**. Secretaria Municipal de Urbanismo. 2009a. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=150> Acesso em: 31 maio 2022.
- PMGIRS-POA – Revisão 2023-2033 Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos Porto Alegre – RS
- PORTO ALEGRE. **Lei Complementar nº 960, de 05 de outubro de 2022**. Institui o Programa +4D de Regeneração Urbana do 4º Distrito de Porto Alegre. Porto Alegre: Câmara Municipal, 2022. Disponível em: https://prefeitura.poa.br/sites/default/files/usu_doc/noticias/2022/10/06/960%20-%20R0405-22.%20Institui%20o%20Programa%20%2B4D%20de%20Regenerac%CC%A7a%CC%83o%20Urbana%20do%204%C2%BA%20Distrito%20%281%29.pdf. Acesso em: 01 out. 2023.
- PORTO ALEGRE. **Decreto nº 21.652, de 23 de setembro de 2022**. Institui o Plano de Segurança Viária Sustentável da cidade de Porto Alegre (PSVS). Porto Alegre: Câmara Municipal, 2022. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/decreto/2022/2166/21652/decreto-n-21652-2022-institui-o-plano-de-seguranca-viaria-sustentavel-da-cidade-de-porto-alegre-psvs>. Acesso em: 01 out. 2023.
- PELBART, P. P. Ensaio do Assombro. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

- RIBEIRO, Ana C. T. **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades**. In: Redobra, n. 9, ano 3, 2012, pp. 58-71
- RIBEIRO, Ana C. T.; et al. **Por uma Cartografia da Ação: pequeno ensaio de método**. Cadernos IPPUR: Planejamento e Território: ensaios sobre a desigualdade. Ano XV, n. 2, 2001.
- RIBEIRO, A. C. T. Corpo e imagem: alguns enredamentos urbanos. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA / Universidade Federal da Bahia**. Salvador, ano 5, nº especial, p. 105-117, 2007. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/arquivos/arquivo-13.pdf>. Acesso em 14 ago 2022
- _____ . **Cartografia da ação social : região latino-americana e novo desenvolvimento urbano**. Buenos Aires: Ed.CLACSO, 2009
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Justificando, 2017
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.
- ROLNIK, R. **É possível política urbana contra a exclusão?** Serviço Social e Sociedade, São Paulo: Editora Cortez, v. 72, p. 53-61, 2002.
- _____ R. **O que é Cidade**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012
- _____ R. **Informal, ilegal, ambíguo: a construção da transitoriedade permanente**. In: Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo, Boitempo Editorial, 2015.
- _____ R. (2019). **Paisagens para renda, paisagens para vida: disputas contemporâneas pelo território urbano**. *Indisciplinar*, 5(1), 18–43. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/32741>. Acesso em: 21 janeiro 2021.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROSADO, R. M. **Na esteira do galpão: catando leituras no território cotidiano da reciclagem do lixo de Porto Alegre/RS**. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- SANT’ANNA, D. B. de. **Corpos de passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANTOS, B. S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280, 2002
- _____; MENEZES, M. P. [orgs.]. **Epistemologias do Sul** – São Paulo: Cortez, 2010
- SANTOS, Milton et. al. **O papel ativo da Geografia: Manifesto**. XII Encontro Nacional de Geógrafos, Florianópolis, 2000.

- SANTOS, M. O retorno do território. En: OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun.2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282
- _____ . **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____ . **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. _____ Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____ . **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994
- SILVA, C. S. **25 anos de Coleta Seletiva em Porto Alegre : história e perspectivas**. Trabalho de Conclusão de Graduação do Curso de Administração; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- SILVA, C. A.. **Cartografia da ação social: limites e possibilidades da contribuição do fazer geográfico**. In: XVI Encuentro de Geógrafos de America Latina, 2013, Lima. XVI Encuentro de Geógrafos de America Latina. Lima: © Unión Geográfica Internacional ? Perú, 2013.
- SILVA JÚNIOR, D. V. da. **Cartografias narrativas do habitar-rua: uma reflexão sobre a dimensão pública do espaço urbano**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.
- SOB PROTESTO DE MORADORES DE OCUPAÇÕES, CÂMARA APROVA PROGRAMA PARA REVITALIZAR O 4º DISTRITO. SUL21, Porto Alegre, 18 de agosto de 2022. Geral. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2022/08/sob-protesto-de-moradores-de-ocupacoes-camara-aprova-programa-para-revitalizar-o-4o-distrito/>.
- SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SUPTITZ, Bruna. Porto Alegre aprova 53 projetos de grande porte em 10 anos. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 11 de maio de 2021. Pensar a Cidade. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2021/05/791942-porto-alegre-aprova-53-projetos-de-grande-porte-em-10-anos.html
- TIBOLA, T.. **Futuros impossíveis: uma aproximação de dispositivos de conversa com a pesquisa intervenção**. In: Artur Rozestraten; Marcos Beccari; Rogério de Almeida. (Org.). Imaginários intempestivos: arquitetura, design, arte e educação. 22ed.São Paulo: FEUSP, 2019, v., p. 144-161.
- TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.